

88
A FENIX
RENASCIDA,

OU

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguzes.

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOSEPH

DE PORTUGAL,

CONDE DE VIMIOSO, &c.

PRIMOGENITO DO EXCELLENT. SENHOR

D. FRANCISCO

DE PORTUGAL,

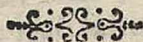
MARQUEZ DE VALENÇA. L

II. TOMO. 3277

PUBLICA-O

MATHIAS PEREIRA

DA SYLVA.



LISBOA.

Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XLVI.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.



AOS LEITORES.



AHE já das demoras da Impressão este segundo tomo, que com impaciencia era já esperado dos curiosos; que querem recebelo com o mesmo agrado, que o primeiro. Se a Fenix não estivera certa deste bom animo dos seus Leitores, antes tornaria outra vez para o deserto da sua Arabia; mas como foy taõ applaudida, sahe outra vez a agradecer, e a pagar não menos que consigo mesma as obrigações, em que está a todos os curiosos; e as que desta segunda vez ficar devendo, pagará nos outros tomos, que irãõ sahindo; principalmente o terceiro, que está acabado.

Em duas cousas pôde reparar o Leitor: primeira, em darmos a algumas obras

obras Anthores Anonymos; segunda: m
 attribuir a outros diferentes algumas,
 que correm em nome de alguns deter-
 minadamente; quanto á primeira, pare-
 ceo conveniente darlhes Author Anony-
 mo, porque a todo tempo, que se lhes
 descobrir o verdadeiro, tomará dellas
 posse; porque assim lhe deixamos refer-
 vado o seu direito, ao qual prejudica-
 riamos, se as adjudicassemos a algum
 determinado. Quanto á segunda, res-
 pondo, que muitas destas obras andaõ
 roubadas a seus legitimos senhores, e
 conhecidas por taes devem restituirse-
 lhes como suas. Em tudo procedemos
 com a madureza, que basto para que os
 Leitores fiquem inteiramente satisfei-
 tos, e sem escrulo. O mais que se de-
 vera advertir, se fará no terceiro to-
 mo, que sahirá brevemente.

VALE.

IN-



INDEX

DAS OBRAS, QUE SE CONTE'M
 neste segundo tomo.

<i>Fabula de Polifemo,</i>	pag. 1.
<i>Varios Sonetos do mesmo Au- thor,</i>	pag. 26.
<i>Saudades de Lydia,</i>	pag. 33.
<i>Glosa do Soneto de Camoens,</i>	pag. 56.
<i>Soneto glosado,</i>	pag. 62.
<i>Outro tambem glosado,</i>	pag. 68.
<i>Oitava de Camoens glosado,</i>	pag. 74.
<i>Varios Sonetos de Bacellar,</i>	pag. 79.
<i>Varias Decimas do mesmo,</i>	pag. 113.
<i>Varios Romances do mesmo,</i>	pag. 135.
<i>Saudades de Lysis do mesmo,</i>	pag. 190.
<i>Saudades de Albano,</i>	pag. 204.
<i>Canção de Salinas,</i>	pag. 230.
<i>Outra Imitação,</i>	pag. 236.
<i>Roseira</i>	

INDEX

<i>Roseira Poetica,</i>	pag. 241
<i>Carta de D. Antonio Alvares,</i>	pag. 262
<i>Canção ao Senhor Rey D. Affonso VI.</i>	
<i>Decima ao mesmo assumpto, e outras do mesmo Author,</i>	pag. 300
<i>Varios Romances do mesmo,</i>	pag. 303
<i>Varios Sonetos, e Decimas do mesmo, e alguns Romances,</i>	pag. 347

As erratas se deixaõ á benignidade do Leitor, ainda que a grande vigilancia do corrector lhe não deixou muito em que reparar.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Podem reimprimirse os cinco tomos que se appresentaõ, e depois de impressos tornarãõ conferidos para se dar licença, que corraõ, sem a qual não correrãõ. Lisboa, 12 de Outubro de 1745.

*Fr. R. Alencastre. Sylva. Soares. Abreu.
Almeida. Turgoso.*

DO ORDINARIO.

Podem-se reimprimir, e depois tornarem para se dar licença para correrem. Lisboa, 18 de Outubro de 1745.

D. J. A. L.

Que

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

Que se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa, 20 de Outubro de 1745.

*Vaz de Carvalho. Costa. Almeida.
Carvalho.*

DO ORDINARIO

FABU-

FABULA

DE

POLIFEMO,
E GALATEA,

Por FRANCISCO DE VASCONCELLOS.

I.

AONDE Thetis cõ grilhões luzentes
Do verde Lylibeo as plantas ata,
Fazendo das espumas transparentes
Algemas de crystal, grilhões de prata,
Deitandolhe no pé brancas correntes
Hum papagayo o monte se retrata;
Pois dandolhe esmeraldas, e mais ouro,
O faz a planta verde, a espiga louro.

II.

Aqui o rouxinol entoa amores
Pela solfa do Zephiro faudofo,
Fazendolhe o compasso às tenras flores
As arpas de hum arroyo harmonioso:
Alli respira aromas superiores
A flor em fragoas de ambar generoso,
Dando as flores, e as aves neste agrado
Pastilhas ao jardim, solfas ao prado.

II. Parte.

A

Neste

Neste berço de Flora, a quem cedera
De Chypre essa Thebaida esclarecida,
Pois para ser eterna a Primavera
Póde passar Abril cartas de vida:
Existe hum botque, de Morfeo esféra,
A quem só Clície vive agradecida,
Pois se vive da sombra, que a governa,
Só neste botque póde ser eterna.

IV.

Algoz da luz cada pinheiro bronco
Graniza horrores de robusta grenha,
Armado hū bādoleiro em cada tronco,
Arrastando hum capuz em cada penha:
Ferido apenas do gemido ronco
De aves nocturnas cortezãs da brenha;
Cujos penhascos, onde o horror aflõbra,
São mortalhas da luz, berços da sombra.

V.

Este das nuvens pois rayo tyranno
Polifemo creou com tal cuidado,
Que sendo o pay dos astros palaciano,
Sahio o filho mais avantejado:
Mas se de hū filho ao proceder faz dãno
O não fahir ao pay, de que he gerado,
Não he grande prodigio que se conte,
Que seja hū monte filho de outro mõte.

Tinha o Gigante officio de Ferreiro,
Indigno na verdade a tal grandeza;
Mas mal podia nelle haver dinheiro,
Se he sempre o grãde objeto da pobreza:
Malhava em ferro frio o dia inteiro,
Vendo que Galatea assim o despreza;
Dandolhe todos tres para esse effeito
Ferro ella, fogo amor, carvão seu peito.

VII.

Fez fornalha do peito, onde abrazado
Via o ferro constante de hum sentido,
Avivando os incendios de hum agrado
Aos repetidos sopros de hum gemido:
Por lima furda tinha o seu cuidado,
Por agua o seu lamento enternecido;
E como só no vento se affiança,
Lhe tervia de folle huma esperança.

VIII.

Era o Cyclope pouco affortunado,
Pois bem q̃ entre os fidalgos era misto,
Naõ lhe bastou ser grande, e estimado
Para naõ ter defares de mal visto:
Hum olho tinha só por darlhe olhado
De inveja o vulgo, (q̃ he demonio nisto)
Que sêpre a hū grãde homẽ cõ refolhos
Procuraõ todos o tirarlhe os olhos.

Hum pinho numa mão, noutra hũa cana,
 Bordaõ inutil, frauta mal tocada,
 Era aquelle na mão vara leviana,
 Na boca esta palito de non nada:
 Tanto despreza o pinho a dextra ufana,
 Como a cana na boca era escusada,
 Tendo esta cana em cada dente ledõ,
 Como aquella o pinheiro em cada dedo.

X.

Despidos brutos sem valor brioso
 Por ornatos consagra à humilde choça,
 Sendo timbres do brio bellicoso
 Os despojos da dextra valerosa:
 O Leão soberbo, o Javalí cerdoso
 São da nobreza as armas, de que goza,
 Que quiz o fado do Gigante altivo,
 Que adorne hũ bruto morto hũ bruto vi-

XI.

(vo.

Só com fórmas de féras se servia,
 Que eraõ de feu valor exemplos mudos;
 Das toscas pelles armações fazia,
 Nas truncadas cabeças tinha escudos.
 As onças colchas são de montaria,
 Sendo panos de raz os leões sanhundos;
 E porque seja a choça em tudo franca,
 Faz dos brancos arminhos roupa brãca.

O passa

O passarinho pelo ar correndo
 Cuidava que das unhas lhe escapava,
 Mas gaviaõ voraz, milhafre horrendo
 Elle posto de cocras o apanhava:
 O simples cordeirinho já tremendo
 Mais que do lobo delle se guardava;
 Que era o Gigante entre hũ, e outro robo
 Neblí das aves, do cordeiro lobo.

XIII.

Este monstro feroz, monte animado,
 Verdugo acerbo de leões rompentes;
 Pois com pelles de brutos adornado
 Guarnições do vestido eraõ serpentes:
 Amor o fez de duro asflucarado,
 Que he rayo de impossiveis mais potêtes;
 Pois faz da dura penha branca cera,
 Prostrando o monte, humilhando a féra.

XIV.

Era gentil emprego a feu cuidado
 Galatea, huma Nympha taõ fermosa,
 Que sendo filha lá do mar salgado,
 Mais do q̃ o pay mil graças tinha a mossa.
 Do mar era hum pedaço congelado
 De quem Trinacria foy patria ditosa,
 Deve ser como Hollanda, adonde o gelo
 Faz converter o mar em caramelo.

Venus

Venus a irmãa lhe excede na belleza,
 E supposto que está taõ endeofada,
 Dizem, que por prever tal gentileza,
 Nas conchas se meteo de envergonhada:
 O cabello da Nympha ouro despreza,
 Sendo de louro Sol trança encrespada,
 Mas se a menina he mar, naõ he vergonha
 Ver que em rayos o Sol no mar se ponha.

XVI.

Deixoulhe o pay por dote a Galatea,
 Finas perlas, coraes, prata, e mais ouro,
 Ella as perlas estima a boca chea,
 Mas aos coraes fez beigo por desdouro:
 A prata à sua vista ficou fea,
 Com que de ouro só fez o seu thesouro,
 Que por bens de raiz encabeçado
 Deixou cõ hũs aneis posto em morgado.

XVII.

Deixoulhe mais por prendas relevantes,
 Diamantes tersos, e çafyras bellas,
 Mas acho que só testa dos diamantes,
 E das çafyras naõ, pois saõ capellas:
 Ella vendo os diamantes taõ constantes,
 A peito os toma, e já com taes cautellas,
 Que dandolhes de maõ por seu barato,
 Meteo os pobresinhos n'um çapato.

XVIII.

Se as douradas caricias de Amaltea,
Piza a Nympha gentil, Flora bizarra,
Cada passaro imita huma Serea,
Cada fonte tempera huma guitarra:
O Zefiro, que a Clicie galantea,
Tocando a lyra de huma verde parra,
Faz ao som de sonoros Ruysenhores
Cantar as fontes, e baylar as flores.

XIX.

As simples avesinhas, que faudoſas
Calavaõ na mudez brutos avisos,
Sendo do Sol ardentes mariposas,
Eraõ das fontes rusticos Narcisos:
Penhascos verdes, flamulas lustrosas,
Ao vento solta a plãta em crespos visos,
Sendo no ar formado em as espumas
Aves de ramas, e baixeis de plumas.

XX.

Aqui dava hum alento, alli hũ desmayo
A Nympha à flor pizada, e renascida,
Causando c'os incendios morte a Mayo,
E c'os influxos dando a Abril a vida:
Contra a flor mais gentil esgrime o rayo,
E do mais bello jasmim cura a ferida,
Onde as flores, q̃ prostra, e que melhora,
Se Sol as murcha, as convalece Aurora.
Tudo

Tudo veste de gala neste dia,
 E nos imperios, que matiza Flora,
 Abril risonho verdes plumas cria,
 Phebo dourado crespas conchas dôra:
 Só Polifemo seus adornos fia
 Nos lutos da alma, q̃ em pedaços chora,
 Sendo no golfo de lamento tanto
 Só mayor seu amor, do que seu pranto.

XXII.

Quer dizer seu pezar, mas o respeito
 Lhe embarga no silencio o amante rogo,
 Suffocandolhe amor Etnas no peito,
 Sem poder defatar linguas de fogo:
 Mas começando em lagrimas desfeito,
 Busca na voz aos males defafogo,
 Dizendo: Já que em cinzas me consumo,
 Os estragos do fogo conte o fumo.

XXIII.

Nympha gẽtil (lhe diz,) q̃ os horizontes
 Destas ferras inundadas com lizeiros,
 Sendo de tanta luz simples Phaetontes,
 Icaros de sayal os pegureiros:
 Se douras como Sol os altos montes,
 Se como Alva dás neve aos outeiros,
 Alentos dá tambem a meu cuidado,
 Que amor me faz outeiro, e mõe o fado.

De.

XXIV.

Detente ingrata, attēde a meus pezares,
 Pára Nympha o rigor, a furia humilha,
 Adverte, que se es filha deſſes mares,
 Talvez que deſtes olhos ſejas filha:

Admitte deſte peito nos altares
 Victima hũa alma, q̃ nas chamas brilha,
 Oh firaõ-me eſſes olhos, não ſe conte,
 Que já dos rayos vive iſento o monte.

XXV.

Se he piedade, ò Nympha, o não me veres
 Por não me abrir no peito nova brecha,
 Como ha já tanto tempo, que me feres,
 Não ha já vida para tanta frecha:

Vibra eſſas ſettas, q̃ me daõ prazeres, (xa:
 Deixa ã meu peito o ferro, e as penas dei-
 Mas vá contigo o ferro, porque he erro
 Morrer da pena, e admittir o ferro.

XXVI.

Ouve eſte amor, q̃ em lagrimas te falla
 (Linguas de fogo, que o teu nome atea)
 Mostra eſtes olhos, já q̃ a dor me eſtalla,
 Porq̃ ao menos não morra ſem candeia:
 Mas ſe he força morrer vendo eſſa galla,
 Sendo ella Parca, e a minha vida tea
 Como não has de ſer minha homicida,
 Se he theſoura eſſa galla, tea a vida?

Se

Se me não ques por vil , olha primeiro,
 Que a ti te não cõvem dar-me esse perro,
 Porque se me desprezas por ferreiro ,
 Tu es mais vil , pois es o mesmo ferro:
 Se o fogo abraða o ferro mais grosseiro,
 Como te não abrandá o meu desterro?
 Debalde sou ferreiro , ò Galatea,
 Pois não limo os grilhões desta cadea.

XXVIII.

Ninguem comigo iguala na grandeza ,
 Se illustre sangue he força te contente,
 Tãto q̃ inda ãtre osReys só tenho Alteza,
 Que à minha vista he baixa toda a gente:
 Grande nasci por ley da natureza ,
 E outros sómente o faõ por accidente ,
 De mais , q̃ se só queres dar-me a morte,
 Nobreza tenho pois me falta a sorte.

XXIX.

Se he que na discricião , heroica arte ,
 Teu agrado tambem , Nympha, consiste,
 Ninguem póde igualarme nesta parte ,
 Porq̃ foy sempre muy discreto hũ triste:
 Limadas profas poderey fallarte ,
 Versos farey tambem , se Apollo assiste,
 Que se louco me faz essa luz pura ,
 Já tenho de Poeta huma loucura.

Mas

XXX.

Mas deixa, que dos versos fique isento,
Porq̃ no tempo de hoje he graõ delito,
E dizem, que não nascem do talento,
Com q̃ em fazellos pouco me acredito:
Nem quero ser mendigo, q̃ he tormento,
Quando de cabedaes não necessito;
Pois sabe o Mundo que esta arte nobre,
Por ser taõ liberal, ficou taõ pobre.

XXXI.

De gentilhomem não me desvanço,
Que só fio as venturas no meu rogo,
Olha, q̃ esta humildade he grãde excessõ
Pois que fomos não tenho sendo fogo:
Em ter hum olho menos me conheço,
Não como algum, que sendo rude, logo,
Tendo em toda a materia curta a vista,
Diz que he Poeta, Musico, e Jurista.

XXXII

Que vejo mal, ò Nympha, eu não to ne-
Porém este defeito não te espante, (go,
Que he justo vendo hum Sol, q̃ seja cego,
E he força seja cego, sendo amante:
Se bem visto me queres, doce emprego,
Esses passos detem, não vás avante,
Porq̃ he justa razãõ, bem que te arrojés,
Fugirme a luz dos olhos, se me foges.

Se

Se te serve de agrado a voz sonora,
 Sabe, que quando toco este instrumento,
 Vejo abalar-se a penha vividora,
 Sinto mover-se o monte corpulento:
 Se a tuba ânimo desta voz canora, (to,
 Tudo he no bosque horror, pasmo no vê-
 Sendo nas grutas desses troncos fecos
 As clausulas trovões, rayos os eccos.

XXXIV.

Se as penhas pois se movem de harmonia,
 Ouve esta frauta, louca, ingrata espora,
 Cuja doce cadencia bem podia,
 Ser assucar de cana, e mel de cera.
 De ser Orpheo tégora presumia,
 Mas já conheço, ingrata, que o não era,
 Pois se me abrãdo, quando me desdenhas
 Abrãdo os mōtes, e não movo as penhas.

XXXV.

Se he que acaso o valor póde agradarte,
 A impulsos desta horrída gadanha,
 Saõ estragos de horror, trofeo de Marte,
 Quantos brutos produz essa campanha:
 O leão despedaça, o tigre parte,
 O elefante fugeita, e a féra apanha,
 Sendo do bruto atroz, que desbarato,
 A carne mantimento, a pelle ornato.

Mas

XXXVI.

Mas que monta, que altivo o valor forte
Sogei-te a bruta féra defabrida,
Se dando a cada féra sua morte,
Tambem dou a huma féra a minha vida:
Se es féra, e te perdoa o duro córte,
Dandote a vida es minha homicida,
Porém queres mostrar por mais sevéra,
Que os destroços de féra vingá a féra.

XXXVII.

Se isento do teu gosto inda me fico,
Tendo dinheiro, he força te contente,
Tudo esta prenda tem, pois sendo rico
Sou discreto, sou nobre, e sou valente:
Por preço te darey desse pellico
O Potofi brilhante, Ophir luzente,
Se ainda a meu amor te mostras dura,
Serey unico rico sem ventura.

XXXVIII.

Se pasta o meu rebanho, faz dos montes
Animados carambanos de neve,
Despindo os valles, esgotando as fontes,
Se as gramas pasta, se os arroyos beve:
Mas de natas enchendo os horizontes,
Em leite paga, quanto em agua deve,
Que costuma meu gado em gostos frios
Rios de agua beber, dar leite em rios.

Man-

Manteiga tenho tal, que a natureza
Emblema fez desta alma, ou dessa tua;
Que como eu sou brandura, e tu crueza,
Me imita a mim por branda, e a ti por
Isto tudo consagro a essa belleza, (crua;
Bem que disse meu gado já se amôa,
Porque nenhú pastor, bem q̄ os perdera,
Entrega os cordeirinhos a huma féra.

XL.

Da meya lua apenas finalado
Hum bezerrinho tenho branco, e louro,
Com elle brincarás, que he costumado
Verse o touro no Ceo, e o Sol no touro:
Bem que dando mil zelos a meu gado,
Se o bezerro for teu, vale hum thesouro,
Pois tendo os pertos desse rosto ayroso,
Em mim será bragado, em ti fermoto.

XLI.

Vê nessa selva os troncos animados
Prenhados de ferrões, e de licores,
De favos doces mais que os teus agrados,
De abelhas mais crueis q̄ os teus rigores:
Seraõ teus esses neçtares dourados,
Darás ao favo mel, e à abelha flores,
E entre os braços, q̄ a sorte te aparelha,
Tu Nympha serás flor, e o amor abelha.

No

XLII.

No curvo cajadinho, em que te encoftas,
No rustico pellico, em que te abrigas,
Quizera meu amor (se disto gostas)
Cobrar desmayos, desmentir fadigas:
Oh deixame essas prendas, porq̄ expostas
De amor nas aras menos me perfigas,
Já que foy nas conquistas de hũ cuidado
O pellico carcaz, frecha o cajado.

XLIII.

Cresce o mar, arde a penha, brama o ven-
Se choro, se padeço, se suspiro, (to,
Pois nos ays, nos incendios, nos lamentos
Mares verto, iras fórho, Ethnas respiro:
A penha dura, o ar vario, o mar isento
Com meus males abrãdo, altero, admiro,
Se me fere, e me arrasta, e me desdenha
Hũa Nynfa, q̄ he mar, q̄ he véto, e penha.

XLIV.

Inda os brutos, que alverga esse rochedo,
Saõ cinzas leves dessa ardente fragoa,
Huns vendote matar, morrem de medo,
Vendome outros sentir, morrẽ de magoa:
A planta, o monte, o bruto, e o penedo
Se torna em cinza, estrago, horror, e agua
Pois andamos os dous de amor no jogo,
Tu pondo tudo a ferro, eu tudo a fogo.
Oh

Oh leva esta alma envolta neste pranto,
Se a fugir teu rigor se determina,
Que como ella talvez não corras tanto,
Poís peza muito hũa alma, q̃ he tão fina:
Dando aos bosques horror, ao valle espã-
Serey Fenix vivendo da ruina: (to,
Detemte aguarda hũ pouco, ou já q̃ fico,
Dame ao menos por prenda esse pellico.

XLVI.

Galatea lhe diz: Contra o destino
Procede de teu amor louco, e ignorante,
Olha nescio, que amor como he menino,
He força tenha medo de hum Gigante:
Adverte, que ao grosseiro embaça o fino,
Que offende ousado, q̃ se atreve amante,
Solta o pellico, se não ques que o cobre,
Que para hũ homẽ rico he prenda pobre.

XVII.

De dinheiro, e nobreza não me admiro,
Porq̃ amor só se agrada em seu tormento
Da moeda corrente de hum suspiro,
Do sangue bem nascido de hũ lamento:
Se nem teu sangue abranda meu retiro,
Quando es cordeiro, e eu diamãte isento,
Do teu dinheiro he força mais se offenda,
Poís não se compra amor, bem q̃ se veda.

Que

Que pouco de amor sabes, ignorante,
Quando fazes alarde de teu brio;
Olha, que as valentias de hum amante
Estaõ nos rendimentos do alvedrio:
Se acreditar te queres de constante,
Contra a fineza deixa o desafio,
Que não concorda bem, louco insolente,
Confessarte rendido, e ser valente.

XLIX.

Quem cõta estragos, não publica amores,
Porque são paradoxos muito fortes
Buscar carinhos ameaçando horrores,
Conquistar vidas publicãdo mortes:(res,
Mas se haõ de perseguirme os teus rigo-
Seja eu antes destroço aos duros córtes,
Que donde he tão grosseira a demasia,
Mata menos a espada, que a porfia.

L.

Se presumes renderme, malhadeiro,
Fazendo alarde desse entendimento,
Não era amor tão pouco regateiro,
Que dẽsse hũa alma por hum só talento:
Mas porque não presumas muito inteiro,
Melhor será, que te responda o vento,
Porque onde são tão finos os ardores,
Passem as iras a praça de favores.

II. Parte,

B

Disse

Disse, e qual rayo, q̃ rompendo a esféra,
 Voraz aborto de huma nuvem vaga,
 O monte opprime, o penhasco altera,
 O outeiro amedronta, a torre estraga:
 Ligeira a Nynfa velozmente féra
 Só com rigores mil caricias paga,
 Pois em ar, cinza, fogo, e pó se corre, (re.
 Deixa o môte, o penhasco, o outeiro, a tor

Naõ vistes o Etna, que em fogosa pyra
 Se estraga em fogo, se rebuça em neve,
 Onde Vulcano mil incendios gyra,
 Onde Favonio mil candores beve?
 Assim o pastor, q̃ contra hũ Ceo cõspira,
 Todo em desmayo frio, em cinza leve,
 Desmayado de ver burlar seu rogo,
 No rosto a neve tem, no peito o fogo.

Arde toda a montanha em feu cuidado,
 Nem se lembraõ dos gados os pastores,
 E na maõ esquecido o froxo arado
 Nem cortar póde as mais mimosas flores:
 Aqui persegue o lobo o manfo gado;
 Mas alli mata a féra os lavradores,
 Pois vendo a fermosura, e a fereza,
 Mais o rende o desdem, do que a belleza.

LIV.

The Glauco, hũ pescador da falsa bruma,
 Busca Venus melhor em Galatea, (ma,
 Queimando em chamas a mais fria espu-
 Lavando em pranto a mais leve area:
 Mas que muito nas ondas a presuma,
 Se aqui Venus a julga, alli Serea
 Buscando-a entre as aguas sem refolhos,
 Tédo os olhos no mar, e o mar nos olhos.

LV.

Corre o pobre barquinho, mas sem tento,
 Aqui hum bordo faz, alli hum gyro,
 Soçobrado no golfo de hum lamento,
 Sumergido no Boreas de hum suspiro:
 Se as redes solta ao mar, lhas leva o vëto,
 Da maõ lhe cae a linha, e naõ me admiro,
 Pois Glauco só cuidãdo em feu extremo,
 Aqui lhe esquece a vella, alli o remo.

LVI.

Quando recolhe a rede, ou tira a linha,
 Emblema acha nos pexinhos ledos,
 Aqui lhe fórma a maõ cada fardinha,
 Pois canudos de prata saõ seus dedos:
 Alli a julga perla entre a conchinha,
 Ou já coral a busca entre os penedos,
 Vendolhe o rosto em cada peixe espada,
 Sendo o pé tambem peixe, pois he nada.

Nas douradas, que vem na rede expostas,
 Contempla as tranças do seu pello louro,
 Porque supposto nadem pelas costas,
 Parece, que nasceraõ lá no Douro:
 Na purpura, e na prata das lagostas,
 A boca lhe imagina, e sem desdouro;
 Pois com perfis purpureos, e luzentes
 Tem no beijo coral, branco nos dentes.

LVIII.

Em cada anzol contempla a sobrançella
 Fazendo as içcas de hum pexinho verde,
 Adonde amor engodos aparelha,
 Adonde Glauco liberdades perde:
 As sobrançellas nos anzoos semella,
 Porque a terra, e o mar rigores herde,
 Pendêdo a hũ tẽpo em ancias defabridas
 Das linhas peixes, das pestanas vidas.

LIX.

Todo entregue o barqueiro ao seu extre-
 Aqui se defanima, alli desfmaya, (mo,
 Tẽdo as mãos ambas no esquecido remo,
 Com os olhos ambos na saudosa praya:
 Mas õ pescador pobre, como temo,
 Que eterna tempestade amor te enfaya,
 Pois quando o porto buscas derrotado,
 Remas contra a maré no teu cuidado.

De

De nada a bella Nynfa faz emprego,
 As mais ternas finezas desprezava,
 Burlando as iras deste lince cego,
 Quebrando as settas desta doce aljava:
 Mas offendido amor de seu despego
 Como Rey seus opprobrios castigava,
 Que para amor desdẽs de hũa beldade
 Saõ delictos de lesa Magestade.

LXI.

Mostroulhe hũ Acis toco, e vil vaqueiro
 Cegãdo hũs trigos, q̃ hũ penhasco abriga,
 Onde o arado, e a fouce do cabreiro
 Cegou primeiro a Nynfa, que a espiga:
 Ella já mais brandinha, que hũ cordeiro,
 Amante entrega o peito a huma fadiga,
 Mostrãdo a quãto a força do amor chega,
 Pois que tendo dous Soes, a deixou cega.

LXII.

Qualquer delles muy fino, e namorado
 Sómente em seus suspiros se recrea,
 Acis entoa aquelle verde prado,
 Este valle responde Galatea:
 Na verde, e brãda relva hũ fresco estrado
 Lhe adorna de papoulas Amalthea,
 Bordando Flora com futis labores
 Hum assento esmaltado de mil flores.

Se

Se a Nynfa vay por agua à fresca fonte,
 Lhe leva o feu zagal o cantarinho,
 E quando Acis à noite vem do monte,
 Ella lhe tem guizado hum cordeirinho:
 Porque requebros mil elle lhe conte,
 Lhe diverte as fadigas do caminho, (lhos
 Trazêdolhe a roupinha em frescos mo-
 Lavada, como enxuta em seus olhos.

LXIV.

Entre a pompa gentil d' huma roseira,
 Aonde sumilher Favonio era
 Das cortinas, que Flora lisongeira
 Lhe quiz talhar de fina primavera:
 Galatea se assenta, e de maneira,
 Que mostra em estar parada não ser féra,
 Que quiz amor pizando hum gosto leve,
 Entre rofas passar vida taõ breve.

LXV.

Quando o Gigante de abortados roncos,
 Fazendo rayos contra as penhas brutas,
 Com cada queixa faz tremer os troncos,
 Com cada grito faz gemer as grutas:
 Aos vagos quebros de alaridos broncos
 Perturba os bosques com rendidas lutas,
 Fazendo-as iras de seus brutos ascos
 Quebrar escolhos, confundir penhascos.

Chega

LXVI.

Chega ao valle, Acis olha, adverte o lei-
 Aqui morre, alli mata, acolá pena; (to,
 Pois no pranto, nas vozes, e no peito
 Verte hũ mar, vibra hũ rayo, oculta hũ E-
 Nas iras descortez, cego, e desfeito (tna
 Vingã a si, fere a Nynfa, a Acis condena,
 Causando com vingãça, horror, e espãto
 A si vida, a Acis morte, à Nynf a pranto.

LXVII.

Pega de hum pardo monte, que podera,
 Sustentando esse globo de diamante,
 Ser mariposa da mais alta esféra,
 Ou da mais alta nuvem ser turbante:
 E dando a dura penha alma de cera
 Em cinzas frias deixa o pobre amante
 Dizendo: Nos despenhos deste monte,
 Quê a hũ Sol se atreueo, morra Phaetôte

LXVIII.

Do monte opprime a vasta corpulencia
 De Acis o corpo triste, e sem ventura,
 E sente deste aperto tal violencia,
 Que chora convertido em fonte pura:
 E como a resistir não tem potencia,
 Do Gigante cruel em vaõ murmura:
 Mostrando ao Mundo todo neste estado,
 Q; he sêpre o maior gosto o mais aguado.
 Gri-

Gritava o bruto, vozes espalhando
 Taõ fortes, taõ crueis, taõ horrorosas,
 Que dentro em breve espaço penetrãdo
 O ar, a terra, as grutas cavernosas,
 Ao mesmo tempo todas estaõ soando,
 Repetindo-as fieis, bem que medrosas:
 De sorte que o Pastor já feito rio,
 Só de ouvir tanto estrondo fica frio.

LXX

Viste, quando ao seu ninho se retira
 Chorando a casta rolla o terno ausente,
 Rompendo em queixas, q̃ saudosa gyra,
 Morrendo em magoas, q̃ offendida sente?
 Assim a bella Nynfa Etnas respira,
 Pelos olhos sangrando a alma doente,
 Ferindo o rosto, q̃ entre eclipses deixa,
 Só porque fira o Ceo a sua queixa.

LXXI

Nas exequias de Acis tochas reparte,
 Arrancando mil Soes do pello louro,
 Ou por esgrimir rayos contra a parte,
 Ou por remirlhe a vida a pezo de ouro:
 Mas temo, Polifemo, que ha de darte
 Grande castigo esse infeliz agouro,
 Pois vês de Galatea nos desmayos,
 Que de offendido o Ceo desata rayos.

O' bem

LXXII.

Oh bem caduco mais que o vento leve!
Pluma veloz, que qualquer ar espalha!
Vidro, que se desfaz a hum sopro breve!
Flor, que na mesma gala se amortalha!
Sombra, que quando proxima se atreve,
Aqui foge, alli mente, acolá falha!
De teus falsos enganos quem se affõbra,
Se es vento, pluma, vidro, flor, e sombra!

LXXIII.

Attende agora às vozes do escarmento
Tu, que de amor aprendes a doutrina,
Querendo levantar torres no vento,
Que haõ de acabar Carthagos na ruina:
Olha, q̃ o bem he sonho de hũ momento,
Delicado jasmim, fragil bonina,
Sendo mentida luz, gloria sonhada
Pois topa a hũ tempo a noite, e a madru-
(gada,

EL

EL NO AMAR ES FINEZA.

Do Author.

SONETO.

Marcia, si es fuerça viendoos deseã-
 Y deseã amando es offenderos,
 La fineza he de hazer de no quereros,
 Pues que será quereros agraviaros.
 Mucho podrè comigo en no adoraros,
 Mas como tanto aspiro a mereceros,
 Viendo no ser decoro apeteceros,
 Pienso no os amar por respetaros.
 Mas q̃ importa no amaros, si estoy viêdo,
 Que si os respeto en no os servir amãdo,
 Daros màs pura adoracion pretiêdo:
 Como pues vivirè no os venerando,
 Si hasta ir el alma de os querer huyêdo,
 Es nvevo modo de hiros adorando.

AO EXCELLENT. SENHOR
 MARQUEZ DE MARIALVA,
 retirando-se D. Joaõ de Austria
 de Arronches.

Do Author.

S O N E T O.

S Enhor, já toda Espanha amedrontada
 Mostra fugindo do Marcial conflito,
 Que hoje fez mais da vossa fama o grito
 Do que a força já fez da vossa espada.
 Ver que essa nunca a exercitos prostrada,
 Se prostra ao eco deste nome invito,
 Bem que do braço he credito infinito,
 Do vosso nome he gloria avantajada.
 Mas bem he, q̃ hoje a fama as armas tome
 Por vós, e dessa sombra o menor paço
 De Espanha os raios, e os Gigâtes dome
 Porque o mesmo destino andara escaço,
 E os triunfos roubara ao vosso nome,
 Se as vitorias dera ao vosso braço.

AO

A O SENHOR
JOANNE MENDES
 DE VASCONCELLOS,

Tenente General, rendendo
 a Praça de Mouraõ.

Do Author.

S O N E T O.

E Sse muro em ruinas defatado,
 Que hoje se prostra a vossos pés rdido,
 De haver a injusto Imperio obedecido,
 Se rebelde peccou, jaz castigado.
 Mas tanto de seu dano acreditado,
 Por se ver dessa espada combatido,
 Que das mesmas ruinas presumido,
 Quasi recusa o verse reparado.
 Com ambiçaõ de eterno luzimento
 No mesmo estrago a taõ famosa historia
 Téplo vos fũda, e canta em linguas cen-
 Porque dessa ruina â vossa gloria, to:
 Cada boca vozea hum rendimento,
 Cada pedra edifica huma memoria.

AMA-

A MANOEL DE MELLO,
Mestre de Campo, e Governador
de Moura.

Do Author.

SONETO.

SE, Mello invicto, a minha voz dissera,
Quando o merito vosso me dictára,
Ou menos raro o merito admirara,
Ou mais q̃ humana a voz encarecera.
Pois taõ grande a razãõ vos considera,
Que se a mesma eloquẽcia vos louvára,
Só do silencio applauso vos formára,
Poema só dos pasmos vos fizera.
Se pois cabeis sómente no admirado,
Cresça Alexãdre, e Cesar no applaudido,
Que vós sois mais no menos declarado,
Pouco ereis, se fosseis conhecido,
Que sempre estive ao nada avizinhado
Quem foy bastantemente engrãdecido.

A CAR-

A CARLOS
REY DE INGLATERRA
na restitução da Coroa.

Do Author.

SONETO.

S Oberano Monarca, hoje renasce,
Qual Fenix vosso Imperio mais felice,
Pois se a fortuna fez com que cahisse,
Foy só porque mais firme se fundasse.
Sofreo que a sem-razaõ se entronizasse,
Porque no breve tempo, que existisse,
A razaõ nas ruinas mais luzisse,
A ambição no Sceptro escarmentasse.
E assim para que a gloria deste dia
Vos desse mais preclara eternidade,
Naõ vos deu se applauso a Monarchia:
Pois fazendo crysol da adversidade,
Quiz ajudar-se assim da tyrannia
Por vos crescer no triunfo a Magestade.

A MOR.

A MORTE
DO SERENISSIMO PRINCIPE
D. THEODOSIO.

Do Author.

SONETO MORAL.

I Gnorada razaõ, fatal mysterio,
Que de hũ golpe acabasse a Parca im-
Este, que foy da Lusã Monarchia (pia
Astro, e cometa do Dominio Iberio.
Deste, q̄ encheo comsigo este emiserio,
Tumulo he hoje pouca terra fria,
E cabe assim quem mal em si cabia,
Por serlhe estreito o mais augusto Im-
Acabou ensinando na altiveza (perio.
Do que foy, que acabou, porque declina
Todo o ser, q̄ os fins toca da grandeza:
Pois se o ser grande a estragos se destina,
Que thronos busca a humana natureza,
Se he da grandeza achaque huma ruina?

A SEU

A SEU MESMO DESENGANO.

SONETO.

Corre al mar con sedienta hydrope-
Liquida Mariposa, fuente breve,
Y aun q̄ su muerte en sus crytales beve,
Siempre en morir cō mas caudal porfia.
Al Sol con elevada idolatria
En mar de luz el Aguila se mueve,
Y al Sol baxel del ayre el buelo atreve,
Bien que a golfos de llamas se confia.
Assi yo de mis ancias satisfecho
Buelo a penar en luzes abrazado,
Corro a morir em lagrimas deshecho:
Mas a impossibles tales destinado,
Que ni van a su mar fuentes del pecho,
Ni veo Aguila el Sol de mi cuidado.

SAUDADES
DE
LYDIA,
E ARMIDO,

Por hum Anonymo, que dizem he o Doutor Antonio Barbosa Bacellar.

I.

A Violencia do bronze despertados
Para as naos inquietos se partiaõ,
Quantos ao duro fado destinados,
De seu valor a gloria pertendiaõ:
Só se detinha prezo em seus cuidados
Armido, aquelle Armido, em que viviaõ
Sem nota, sem deslar, sem prejuizo
Furias de Marte, prendas de Narciso.

II.

Já quizera partirse, pois que Marte
Nas armas encendido o solicita,
Mas receya ausentar-se, que em tal arte
Contra os tratos de amor culpa medita:
Suspendido, nem fica, nem se parte,
Entre huma, e outra cousa, que o incita,
Porque se Marte culpa sua demora,
Lydia bella o detem, a quem adora.

II. Parte.

C

Adora

III.

Adora a Lydia seu amor primeiro,
 E em deixalla pezar sente não breve,
 Respeita a Marte o forte aventureiro,
 Fugir a seus imperios não se atreve:
 O amor de Lydia o prende lisongeiro,
 Os imperios de Marte seguir deve;
 Mas entre as razões tantas se reparte
 Buscando a Lydia, obedecendo a Marte.

IV.

A Lydia busca, para que em seus braços
 Contra a cruel ausencia alentos cobre,
 Porém tropeça logo em taes abraços,
 Aonde a sua magoa mais descobre:
 O amor ao partir lhe embarga os passos,
 Deter-se mais não sofre o esforço nobre;
 Cobrando pois valor em tal conquista,
 Dizendo desta sorte a Lydia à vista.

V.

A Deos luz dos meus olhos, bem querido,
 Ficaste embora, a Deos, ò vida minha,
 Pois o tempo chegou predefinido,
 Que esta cruel partida em si continha,
 Ser de teus claros olhos dividido
 Determinado o fero amor já tinha
 Logo quando te vi, porque das flores
 O ser experimentasse em teus favores.

Apenas

VI.

Apenas seu carmim com desafogo
Mostra flamante a rosa, quando espira:
Abre o branco jasmim na Aurora, e logo
Ao mesmo tempo seu candor retira:
Sua esféra abrazada em vivo fogo
N'hum dia deixa o Sol, n'hum dia a gyra;
Teus bens, amor, são estes à porfia;
Flores de huma manhã, luzes de hũ dia.

VII.

E já se este teu trato, amor tyranno,
Não foile singular a meu respeito,
Menos sentira o golpe deshumano,
Que agora rasga meu ardente peito:
Mas como conhecido o defengano,
As sem-razões me mostra deste feito,
Em minha pena, que mortal me deixa,
Tua injustiça aviva a minha queixa.

VIII

Sem receyos a parra na espessura
Em seus braços detem o olmo altivo:
Rende a hera constante, em quanto dura,
Em firmes laços o penedo esquivo,
E sempre em seus amores bem segura,
Dura a pezar do tempo successivo;
Que aonde he menos nobre a natureza,
Tem o amor mais logros, mais firmeza.

Mas não me admiro já, q̃ assim me trates
 Em tuas leys injustamente isento,
 Pois sendo mais subido em seus quilates,
 He menos atrevido o pensamento:
 Bem receava amor, q̃ em teus combates
 Havias de apressarme este tormento,
 Que onde são os affectos mais sensiveis,
 Correm as suas ditas mais falliveis.

X.

Porém posto que agora me dê vida
 De teus olhos, meu bem, a ingrata sorte,
 O laço a que minha alma está unida
 He mais firme, e teu golpe menos forte:
 Pouco lhe valerá, que na partida
 Para mim seu rigor senão reporte,
 Porque eu hey de a pezar de teus delvios
 Eternizar de meu amor os brios.

XI.

O Sol bem poderá para o Nascente
 Mover de sua esfera as luzes vivas,
 Bem poderá o Tejo transparente
 Tornar atraz as aguas fugitivas,
 E a pezar do espirito confluyente
 Deixar seu curso as ondas successivas:
 Não he muito, mas he que o teu retrato
 Algũ tempo, meu bem, falte em seu trato.

Que

Que se dos olhos teus, alma querida,
 O fado iniquo ao longe me dilata;
 Já nunca poderás ser homicida
 Deste bem, q̃ minha alma em si retrata:
 A evidencia o prove, pois que a vida
 Me custa minha ausencia, e não me mata;
 Porque menos prezado o seu empenho,
 Ainda vivo, porque em mim te tenho.

XIII

Nem tu por me ausentar, prēda adorada,
 Aumētes minha magoa em teus pezares,
 Que se hũa alma está à outra vinculada,
 Pouco importa a distancia dos lugares:
 Não são, meu claro bem, nesta jornada
 Sem os teus os meus passos singulares,
 Que se ficando tu, fico contigo,
 Tambem porq̃ me ausento, vens comigo.

XIV.

Porém, saudoso bem, se por esta arte
 Minha alma lisongea ao pensamento,
 Não he industria, não, de que se aparte
 De meu coração triste meu tormento:
 O rio, que em meus olhos se reparte
 Neste ultimo accidente, em q̃ me ausēto,
 Créditos concilia à minha magoa,
 Pois quanto peno em fogo, mostro em
 Ou

Ou he que despedidas a meu rogo
 Desamparaõ as lagrimas meu peito,
 Porque a meu coração o ardente fogo
 A seus imperios tinha já fugeito:
 Que pois que he primor o desafogo
 Na alma, em q̃ o amor he mais perfeito,
 Nesta partida ordenaõ meus amores, (res
 Que a minha alma se abraze em seus ardo

XVI.

Mas oh! de meus sentidos doce emprego,
 Se ha de chegar a ausencia a divertirme
 Daquelle enleyo d'alma louco, e cego,
 Que na tua presença tinha firme!
 Melhor he, que em mortal desaffoço
 A vida se me acabe ao partirme:
 Em minha morte menos mal consiste,
 Do que em lograr sem verte a vida triste.

XVII.

Porém se com seu golpe a Parca dura
 De meu florido amor encurta os annos,
 Antes quero já agora, que segura
 Deixes a vida minha em teus enganõs:
 E porque o largo tempo mais apura
 A verdade do amor nos desenganõs;
 Não porque eu viva, a vida me não falte,
 Mas porq̃ meu amor melhor se esmalte.

As

As sombras trocarãõ em noite o dia,
 Alterar-se-ha o anno em seu estado,
 Em cinzas despirá sua alegria
 A estragos do Sol o fresco prado:
 Adormecido na corrente fria
 Desmayará o rio congelado,
 O tempo será em tudo vacilante,
 Só meu amor cõ o tempo mais constãte.

XIX.

E tu, ò Lydia minha, em quem respeita
 Prendas a natureza, a arte aceyo,
 Se ainda em minha ausencia estás fugeita
 De teu amor àquelle doce enleyo;
 A meu duro pezar propicia aceita
 Meu coração, que agora sem receyo;
 Eternizado já nos seus suspiros,
 Minha fé te offerece em meu retiros.

XX.

Discorrendo por elles sem enganõs,
 Bem poderás fórmate conhecimentos
 De como os meus affectos soberanõs,
 Foraõ de vã lisonja sempre isentos:
 Que se da alta firmeza os desenganõs
 Interpretaõ as ancias, e os tormentos
 Certo he, pois q̃ assim peno ao partirme,
 Que meu illustre amor foy sempre firme.

Mas

Mas ay! que já se apressa a forte avara,
 Só porque de teus olhos me divida;
 Já perdido o calor me desampara,
 Com que os alentos perde a mortal vida:
 Antes que a Parca com vitoria rara
 Me deixe a alma em tudo amortecida,
 A Deos, q̃ mais não posso, ò Lydia minha,
 A Deos todo meu bem, q̃ em ti só tinha.

Defta sorte fallando magoado,
 Defta sorte gemendo enternecido,
 A imperios de Marte arrebatado,
 De Lydia se ausentava o forte Armido:
 Ausentava-se Armido, e neste estado
 Morta deixava a Lydia, e sem sentido,
 Que he morte sem contrario a despedida,
 Na qual o amor acaba com a vida.

Qual a mimosa flor, que já perdido
 De sua fresca pompa o breve alento
 Em desmayo, que apenas he sentido,
 Acaba ao respirar do grande vento:
 Tal a fermosa Lydia, quando Armido
 Em seus suspiros fez o ultimo assento,
 A cor perdida, o gesto desmayado,
 Cahio em terra o corpo delicado.

XXIV.

As cores, que em seu rosto alimentavaõ
Purpureas rosas, açucenas bellas,
As luzes, que em seus olhos retratavaõ,
Quantas o Ceo sereno brilha estrellas,
Só a magoas motivos inspiravaõ
Cubertas estas, pallidas aquellas,
Que a força, q̃ he mortal em seus rigores
Naõ perdoa às estrellas, nem às flores.

XXV.

Ay fero amor, de cujas tyrannias
As mayores finezas saõ estrago;
Que facilmente vario o bem desvias
A's almas, que prendeste em doce affago!
Ay forte dura, que em mortaes porfias
O empenho mayor deixas mal pago!
Que brevemente teu decreto ordena
Tornarse em mal o bẽ, a gloria em pena.

XXVI.

Entre todas a estrellas mais benina
Co' Aurora nasce, e morre juntamente:
Abre pela manhã fresca a bonina,
Desmaya à noite em facil accidente:
Apenas se vê fonte crystallina
O rio, e já fenece em grossa enchente;
Em fim onde he mais firme a fermosura,
He sempre a duraçãõ menos segura.

Já

Já dos mares o lenho combatido
As inquietas ondas dividia,
E o incompto nautico alarido
Nos toscos pedrenaes se repetia,
E finalmente já o illustre Armido
De Lydia, que ficava, se partia,
Quando tornando em si Lydia constante,
O nome repetio de seu amante.

Porém quando notou, que se apartava
Da sua companhia o seu Armido,
A segundo delmayo se entregava,
Se amor não dera alento a sentido:
O mesmo amor, que os olhos lhe fechava
Quando seguir podera o bem perdido:
Agora que alcançallo he coula incerta,
Para ver suas magoas a desperta.

Rendida pois a seu amor caminha
Para onde o desejo lhe ensinava;
Que ainda para o ver seguro tinha
A seu constante Armido, a quẽ buscava:
Corria sem concerto, mas continha
Tal graça seu correr, que bem mostrava,
Que para executar nas almas preza
Não ha mister concerto a gentileza.

Despedidas ao largo já cortavaõ
 Com pressa as naos a liquida corrente,
 Quando os passos de Lydia se acabavaõ
 Embargados do mar, que tem presente:
 Seus olhos pelas aguas caminhavaõ,
 Em Armido buscando o bem ausente,
 E atraz dos olhos seus, que já não via,
 Do peito este queixume lhe sahia.

XXXI.

Aonde te vás sem Lydia? Porém logo
 A voz entre os soluços lhe faltava,
 Aonde? repetia, mas o fogo,
 Que seu peito em suspiros exhalava,
 Muda a detinha alli, té que a seu rogo
 Obedecendo o amor, de que se armava,
 Alentos ministrou a seu gemido (do.
 Com que a ausencia sentio do seu Armi-

XXXII.

Aonde te vás, dizia, bello amante,
 Rendido às violencias de Mavorte,
 De Lydia em te seguir sempre constãte,
 Para onde te arrebatã a dura sorte?
 Faze, que mais não corra por diante
 Essa nao sem levar tua consorte,
 Para que assim possamos juntamente
 Ter hum viver contente, ou descontente.

Se

Se nesta empreza o fado te assegura
 Os logros da vitoria desejada,
 Quero que seja de ambos a ventura,
 Porque tenhas a gloria duplicada:
 Porém se te ameaça a sorte dura
 Hum fim menos ditoso em tal jornada,
 Quero que em caso tal Lydia se veja,
 Para que tambem sua a pena seja.

Naõ he justo, que Lydia fique viva,
 Quando te roube a vida o duro prazo:
 Tambem justo naõ he, que Armido viva,
 Quãdo me mate o fogo, em q̃ me abraço:
 Deste fado benigno, ou sorte esquiva,
 Signamos juntamente o dubio caso,
 Seja de ambos a gloria, ou seja a pena,
 Pois que de ambos amor assim ordena.

Se he força, que sem ti fique penando
 Em minha soledade eternamente;
 Mereço-te tambem, que vás passando
 Sem mim tua jornada tristemente:
 Logo para que seja o golpe brando
 A Armido, que se vay, e a Lydia ausente,
 Ou Lydia ausente leva tu contigo,
 Ou Armido, que vay, fique comigo.

E para

XXXVI.

E para que comigo ficar possa,
 Por estorvar a causa a meu tormento,
 Armido, que te vás da patria nossa,
 Façamos igualmente apartamento:
 Levame a mim tambem nessa carrossa,
 Que vay rodando esse humido elemento,
 Que se Armido a Lydia communica,
 Nem Armido se vay, nem Lydia fica.

XXXVII.

Detem-te pois, meu bẽ, hũ pouco espera,
 Pára, porque endoudeço, e desatino
 Nesta fatal empreza: oh quem me dera,
 Que cada qual seguindo o seu destino,
 Obrasse cada hum na sua esféra,
 Quanto amor nos ensina puro, e fino:
 Melhor satisfaria com tal arte,
 Lydia a Cytheréa, Armido a Marte.

XXXVIII.

Assim como o partirte he valentia, (res,
 Que inspira o Deos dos bellicos horro-
 Tambem irte seguindo he galhardia,
 A que me obriga a Deosa dos amores:
 Levame pois em tua companhia,
 Para que nenhum falte a seus primores;
 Nem tu à valentia de partirte,
 Nem eu à galhardia de seguirte.

Mas

Mas ay, que quanto mais te vay seguindo
 De minha voz o som destemperado,
 Tanto com mayor pressa vay fugindo
 O lenho, que te leva arrebatado!
 Prendelhe as azas, para que vás indo
 Se quer hum pouco menos apressado,
 Que em quanto todo ausente te não vejo,
 Lifonjas vou formando a meu desejo.

XL.

Permitte à minha pena esse focego,
 Se te merece alivio a minha pena,
 Deixa a meus olhos este breve emprego,
 Em quanto minha sorte assim o ordena:
 Para penar em meu desalfocego,
 Que a rigor tal amor me não condena:
 Largo espaço me fica, e tempo largo
 Para ficar sentindo este lethargo.

XLI.

Porém se hey de ficar sem ir contigo,
 Rendida à minha dor sobre estas penhas
 Não uses tal fineza já comigo,
 Querido esposo meu, não te detenhas;
 Não quero, que te espere algum perigo,
 Quando por agradarme aqui te empenhas,
 Não percas a jornada por deterte,
 Posto que eu perca a vida por não verte.

Pouco

Pouco vay em que Lydia a triste vida
 Acabe desmayada em seu tormento,
 Com tanto, que Armido na partida
 Os mares vá cortando a salvamento:
 Fique pois a minha ancia aqui rendida
 A troco de que vás do mal isento,
 Quero-te segurar por este preço,
 Armido, em quãto vás, teu bom successo.

XLIII.

E se acaso detença não permite
 A gloria, que te espera nessa empreza,
 Só porque mais depressa te acredite,
 Faze a tua jornada com presteza:
 A dilatar teu curso não te incite
 A ancia, em que sem ti me deixas preza,
 Que mais estimo o bem, que a ti te rende,
 E menos sinto o mal, q̃ a mim me offende.

XLIV.

Bem sey, q̃ em quanto vás, levas ausente,
 Atraz da minha pena a tua gloria,
 Levas a tua gloria, porque a gente
Ibera já te aguarda com a vitoria:
 Atraz da minha pena, pois sómente
 Me fica em caso tal minha memoria:
 Mas ay, porq̃ entendi que me convinha,
 Que fosse a gloria tua, a pena minha!

Po-

Porém já agora, não por meu respeito,
Te peço o que atégora te pedia,
Para que nesta guerra faya feito
Desempenho da tua valentia:
Mas torna atraz, q̄ deixas em meu peito
Tua alma, que à minha alma amor unia:
Levame, porque assim leves comigo
Tua alma, que te fica cá comigo.

Torna atraz, e se já tornar não queres,
Levado das razões, que amor prática,
Torna a buscar tua alma, se quizeres,
Que ainda por outro modo cá te fica:
Sem alma vás, tyranno, pois me feres,
Em quanto assim me feres, prenda rica,
Sem alma vás, supposto aqui me deixas
Sé alma, pois não ouves minhas queixas.

Como quero, que o fado te permita,
Em quanto sem mim fores, bõ successo?
Vem buscar o amor, que firme habita
Neste meu peito, porque seja o preço,
Com que mais se assegure aquella dita,
Que agora vás seguindo a todo excessão,
Que pois de amor o preço tudo alcança
Leva comigo amor, terás bonança.

Mas

Mas já q̄ estas razões, q̄ amor me ensina,
Não podem abrandar teu peito duro,
Minha desgraça ao menos seja dina
De te achar na piedade mais seguro:
Vayte, mas torna logo, que eu mofina
Fico chorando com amor mais puro:
Vayte, q̄ espero aqui sobre estas penhas,
Porque logo te encontre quando venhas.

Se bem que quando voltes, por ventura
Que já tenha acabado a triste vida;
Pois ella só me dura, em quanto dura
Tua vista a meus olhos tão querida:
Nem he possível o ficar segura,
Fazendo tu tão larga despedida:
A esta praya, ou a estes mares
Perguntarás por mim, quando voltares.

Mas bem q̄ o não perguntes; estes mares,
Estes duros calhaos, estas areas,
Quando a primeira vez os encontrares,
De penas mudos, e de magoas cheas,
Noticias te daraõ de meus pezares,
Com que agora matarme não receas,
Quando tristes clamarem mudamente:
Lydia morreo aqui do mal de ausente.

II. Parte.

D.

Nestas

LI.

Nestas brutas cavernas escondida
 Eco palreira com discreto aviso
 Já não tornará mais com voz sentida
 A repetir o nome de Narciso:
 Porque da minha magoa enternecida,
 Sem fazer á sua queixa prejuizo,
 Pelas grutas dirá com tom sentido:
 Oh Lydia fina, oh ingrato Armido!

LII.

Entre tanto, que o bem me vás furtando
 Aos olhos de seguillo já cançados,
 Meu rosto amortecido vaõ regando
 Em lagrimas meus olhos arrazados:
 A luz serena em trevas vaõ trocando,
 Em trevas, porque ficaõ desmayados,
 Que bem he se o ver nega ver Armido,
 Acabe já de todo enfraquecido.

LIII.

E se não bastaõ só para esse effeito
 Quantas derramar posso turvas agoas,
 Meu coração de todo em fim desfeito
 Neste caso acredite as minhas magoas:
 Roto em suspiros saya de meu peito,
 O fogo, que alimenta em suas fragoas;
 Fulmine hum rayo em cada hum suspiro,
 Com que a meus olhos faça ardente tiro.
 Porém

LIV.

Porém se em quanto triste me alimento
 Só por dar efficacia ao meu desejo;
 Diluvios dou ao mar, forças ao vento,
 Melhor he que me calle, em quanto vejo
 Essa nao, que a pezar do meu tormento
 Em si me leva a dita, que lhe invejo:
 Não quero dar motivo, a q̃ em mais breve
 Tempo te esconda o mar, o ar te leve.

LV.

Suspenda-se o meu pranto lastimoso,
 Nem saya de meu peito hum ay sentido;
 Sem pranto o mar irá mais vagaroso,
 Sem ays o vento irá mais reprimido:
 Se o mar já de teu peito rigoroso,
 Se o vento de teu peito empedrenido
 Não aprenderão já, ausente ingrato,
 Aquelle o teu rigor, este o teu trato.

LVI.

Mas ay! que todo já defapparece
 Elle, que te recata, ingrato lenho!
 Ay, bello Armido meu, que já fenece
 O verte, com que viva aqui me tenho:
 O vento mais crecido se embravece,
 O mar se engrossa com mayor empenho,
 Cada qual igualmente enfurecido,
 A Lydia mata, pois te leva, Armido.

D 2

Quem

Quem vio tal tyrannia , que me mate
 O ar , com que se alenta a propria vida ?
 Quê vio mais duro empenho , q̃ me trate
 O mar com desprimores de homicida ?
 Quanto sobra constante a seu combate
 Huma roca sobre outra roca erguida ,
 Mas pois que Armido levalla comfigo ;
 Naõ me admiro de haverse assim comigo.

Quem duvêda , já agora tem tomado
 Dó meu cruel Armido a natureza ?
 Ay fero Armido , tens communicado
 A estes elementos tua dureza :
 Naõ sey se tu por elles vás levado ,
 Ou se elles vaõ em tua ligeireza ,
 Elles me fogem , porque com mais preça ,
 Tu com elles te vás , e eu pereça.

Oh quem nesta occasiaõ me permittira ,
 Que nas azas o vento me levara ,
 Que pelas turvas ondas te seguira ,
 Ausente Armido , porque te alcançara !
 Mas porém se em meu dano o ar respira ,
 Se se arma contra mim Thetis avara ,
 Já que alcançar naõ posso o que desejo ,
 Siga meu pensamento o que naõ vejo.

LX.

Em fim quero entregarme ao mar undo;
Que póde ser se mostre já mais pio, (so,
Só porque Armido sempre faudoso
De meu illustre amor conheça o brio:
May ay, que o mesmo amor affectuoso
Nega o banharme no elemento frio,
Não quero encontre alli com desafogo
Daquelle, em q̄ me abraço, ardente fogo!

LXI.

Porém armese o mar, armese o vento,
Unidos contra o fim do meu desejo,
Se alivio não ficar a meu tormento
Tenho o remedio já do que não vejo:
Do fogo, e mais da terra o elemento
Satisfação crueis ao que desejo,
O fogo me consuma a triste vida,
Esconda a terra a cinza amortecida!

LXII.

Mas antes que em mortifero accidente
Colhaõ de minha vida o breve fruto,
Fermoso Tejo meu, que differente
Levas de tuas aguas o tributo:
Com tuas aguas leva juntamente
De meus olhos o rio nunca enxuto,
O rio porque veja em suas agoas
Esse, que lá se vay, as minhas magoas.

Porém

LXIII.

Porém não faças tal, ó Tejo amado,
 Detem, só por servir ao doce Armido,
 As agoas, q̃ os meus olhos tem chorado,
 Póde ser que se dê por offendido:
 Porque como despreza o meu cuidado,
 Da minha solidaõ menos sentido,
 Creyo que não fará o mesmo effeito
 Amor no peito seu, como em meu peito.

LXIV.

Eu ficarey sómente padecendo,
 Aqui rendida a largo sentimento,
 Nestes penedos só, de que pertendo
 Lisonjas fabricar ao pensamento:
 A' vista destas agoas, que correndo
 Logro sem dar alivio a meu tormento:
 Nas agoas, nos penedos, doce ingrato,
 Ficarey contemplando o teu retrato.

LXV.

Mas ay! que havendo nellas a brandura,
 Mas ay! que armando-se elles de firmeza;
 Nellas só da mudança acho a figura,
 Nelles sómente encontro com a dureza:
 Porém já me contento com a pintura,
 Por ser tua a pintura em tal empreza,
 Aqui te logro, pois que bem seguro,
 Nellas por vario estás, nelles por duro.

Porém

LXVI.

Porém como já aquella companhia
 Me falta, mas aqui de enfraquecido
 O espirito lhe falta, em que vivia
 De sua fermosura o mais florido;
 E embargado das chãmas, em que ardia;
 Cahio por terra o corpo sem sentido,
 Tragedia de si mesma lastimosa,
 Sem pureza o jasmim, sem cor a rosa.

LXVII.

A' lerta, flores, aprendey agora
 O pouco que vos dura a Primavera,
 Se as mantilhas vos deu a bella Aurora,
 A noite com as mortalhas vos espera:
 A' lerta, ó Lydias, em cuja alma mora
 Aquelle fogo, que este incendio gera,
 Que os bens são estes, de q̄ faz alarde,
 Flores pela manhã, cinzas de tarde.



SONETO
DE
CAMOENS,

*Glosado pelo Doutor Antonio
Barbosa Bacellar.*

SONETO

A Alma minha gentil, que te partiste
 Taõ cedo desta vida descontente,
 Repoufa lá no Ceo eternamente,
 E viva eu cá na terra sempre triste:
 Se lá no assento ethereo, onde subiste,
 Memoria desta vida se consente,
 Naõ te esqueças daquelle amor ardête,
 Que já nos olhos meus taõ puro viste:
 E se vires que póde merecerte
 Alguma cousa a dor, que me ficou,
 Da magoa sem remedio de perderte:
 Roga a Deos, que teus annos encurtou,
 Que taõ cedo de cá me leve a verte,
 Quaõ cedo de meus olhos te levou.

GLOSA.

E Spirito gentil, que assim voaste
 Desta vida mortal á immortal gloria,
 E teu retrato vivo me deixaste,
 Para alivio da vida transitoria:
 Esta alma, que tu já toda occupaste,
 Taõ presente te logra na memoria,
 Que naõ crê, com saber q̃ ao Ceo subiste,
 Alma minha gentil, que te partiste.

II

Se essa imagem me eleva o pensamento,
 Repugnaõ os sentidos exteriores,
 Que vem q̃ passa a vida em hũ momento,
 E acabaõ n'hum instante as belas flores:
 Do bem só me ficou o sentimento,
 Com que se multiplicaõ minhas dores,
 De ver, que te partiste brevemente
 Taõ cedo desta vida descontente.

Deixaste-me na terra imaginando,
 Sem descanso, sem vida, sem ventura
 Entre tantos cuidados fluctuando
 Esta alma, que mal póde estar segura:
 Mas foy-se a minha pena aliviando,
 Vendo que a sua luz fermosa, e pura
 A essa esféra subindo transparente
 Repoufa lá no Ceo eternamente.

Oh quem livre subira venturoso
 Da terrena, e mortal fragilidade
 A esse ethereo assento luminoso,
 Onde sómente ha felicidade:
 Mas já que ser não posso tão ditoso,
 Goza tu lá daquella claridade,
 Onde a gloria mayor toda confiste,
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Alli verás a differença rara,
 Que vay da gloria eterna á vida humana,
 E a condição dos homens tão avara,
 Que pelo que não he tanto se engana:
 Então conhecerás com vista clara
 Qual dos estados mais nos desengana,
 Se cá neste terreno, onde me viste,
 Se lá no assento ethereo, onde subiste.

VI.

Oh quaõ livre estarás de hũa esperança
 Tantas vezes prolixa, e dilatada,
 E nessa alegre Bemaventurança
 Vivirás alma minha descansada:
 Sem temor dessa gloria ter mudança,
 Nem receyo de pena imaginada,
 Que lá só porq̃ a gloria mais se augmen-
 Memoria desta vida se consente. (te,

VII.

Qual Serafim de amor puro abrazado
 Estarás, alma minha, enternecida
 De amor daquelle amor taõ namorado,
 Que a ti mais te estimou, q̃ a propria vi-
 Lembrate lá nesse feliz estado (da:
 De hũa alma, de quem foste taõ querida,
 E nessa eterna luz resplandecente
 Naõ te esqueças daquelle amor ardente.

VIII.

Se os olhos saõ de amor espelhos claros,
 E nesse eterno espelho se estaõ vendo
 Dos effeitos de amor prodigios raros,
 Que as almas vaõ de gloria enriquecêdo:
 Naõ sejaõ, naõ, teus olhos taõ avaros,
 Que deixem de rogar, intercedendo
 No Ceo por este amor ausente, e triste,
 Que já nos olhos meus taõ puro viste.

E se

IX.

E se o premio na gloria he concedido
 Pelo que cá na terra se merece,
 Mal póde pertender premio subido,
 Quem sem merecimentos se conhece:
 Mas se este amor não for de si esquecido,
 Esta alma o bem terá, de que carece,
 Se rogares a Deos, que chegue a verte,
 E se vires que póde merecerte.

X.

Nesta tão larga, e dilatada ausencia,
 Com a dor minha pena se alivia
 Nessa intellectual reminiscencia,
 De que gozas no Ceo summa alegria:
 E nesta conhecida intercadencia,
 Em que a gloria me occupa a fantasia,
 Conheço certo, que devendo estou
 Alguma cousa á dor, que me ficou.

XI

Se minha alma procura faudosa
 Em diversas memorias occuparse
 Para alivio da pena rigorosa,
 Com ellas torna a magoa a acrescetar-se:
 E nesta larga ausencia tão penosa,
 Impossivel seria não lembrar-se
 Huma alma, q̃ tambem soube querer-te,
 Da magoa sem remedio de perderte.

Encur-

XII.

Encurtaraõ-se os teus floridos annos
 Para gozares de huma eternidade,
 Eu triste cá fiquey entre os enganõs
 Do Mundo, aonde tudo he falsidade:
 E pois gozas favores soberanos
 Naquelle celestial felicidade,
 Que encurte os annos meus, q̃ me deixou,
 Roga a Deos, que teus annos encurtou.

XIII.

Taõ cedo lá no Ceo te transplantaste
 Na flor de tua idade, flor divina,
 Quaõ cedo cá na terra nos deixaste,
 Onde a alma racional he peregrina:
 E pois na gloria assim te collocaste,
 Roga a Deos nessa esféra crystallina,
 Que quaõ cedo lá quiz enriquecerte,
 Que taõ cedo de cá me leve a verte.

XIV.

Esta alma, que em teus olhos só se via,
 Logo se vio sem luz vendote ausente,
 Logo se lhe acabou sua alegria,
 Logo ficou na terra descontente:
 E a forte, que da gloria me desvia
 De te verem meus olhos taõ presente,
 A vista taõ depressa me tirou,
 Quaõ cedo de meus olhos te levou.

OUTRO SONETO,
Glosado pelo Author.

SONETO.

Jaz sepultada nesta pedra fria,
 Por decreto fatal da sorte escura,
 A inveja da mesma fermosura,
 A que já precursora foy do dia:
 A luz, que o Sol em todos repartia,
 Tambem repouza nesta pedra dura,
 Que acompanhando está na sepultura
 A mesma, de quem luzes recebia:
 Que defenganos vimos n'hum instante
 Nesta assim lamentavel despedida!
 Defenganate pois, ò caminhante,
 E se vemos a cinza reduzida
 A estrella desses Ceos mais rutilante,
 Quem te teme, ou te estima, ó morte, ó
 vida.

GLO.

Aquella só comsigo competida,
 Aquella a si sómente comparada,
 Aquella em tantas prosas repetida,
 Aquella em tantos versos celebrada,
 Aquella do louvor sempre offendida,
 Pois nunca de louvores igualada,
 Aquella, que luz dava ao mesmo dia,
 Jaz sepultada nesta pedra fria.

II.

Aquella, que de todos blazonava,
 Vencendo em fermosura a natureza;
 Aquella, que as tres graças dispensava
 Com pasmo universal da gentileza:
 Aquella, a quem o Mundo celebrava,
 A quem deixou agora em tal tristeza,
 Jaz sepultada nesta pedra dura,
 Por decreto fatal da sorte escura.

III.

Perguntas caminhante do que ouviste,
 Que causa tem taõ grande sentimento?
 Esta geral tristeza, em que consiste?
 Qual he de tanta dor o fundamento?
 As trevas, a que o dia não resiste,
 Effeitos são de algum apartamento?
 He a que admiras nesta sepultura,
 A inveja da mesma fermosura.

Eu

Eu vejo, que de negro manto cobrem
 Os Ceos a toda a terra, e juntamente
 Sinaes nos elementos se descobrem,
 Que ameaçaõ ruina a toda a gente:
 E se prodigios taes senaõ encobrem,
 Para que te pergunto impertinente,
 Se he a que choro nesta pedra fria,
 A que já precursora foy do dia?

V.

Que testemunho daõ desta verdade
 As luzes, que de todo se esconderaõ,
 Naõ só para abonar a saudade,
 Mas porq̃ quẽ lha deu tambem perderaõ:
 Que como o Sol naõ tinha claridade
 Mais que dos rayos, que lhe concederaõ,
 Faltaraõ estes, faltou logo ao dia
 A luz, que ao Sol, e a todos repartia.

VI.

Esta, que vês, ou cinza, ou terra, ou nada,
 Que cobre pedra ingrata, ou nada leve,
 Na esféra assiste ha pouco collocada,
 A quem humana vista naõ se atreve:
 Cahio da quarta esféra desatada,
 E a luz se reduzio a terra breve,
 Assim, que a luz do Ceo fermosa, e pura
 Tambem repoufa nesta pedra dura.

VII.

Aqui jaz reduzida a pouca terra,
 Quem teve applausos já de divindade,
 Dos corações, e almas doce guerra,
 Dos corações agora saudade:
 Companheiro fiel aqui se encerra
 O Sol, que o foy tambem na magestade,
 Por imitar em tudo a fermosura,
 Que acompanhando está na sepultura,

VIII.

Aquelles Soes fermosos eclipfados,
 Naõ por opposiçaõ de outro Planeta,
 Mas por rigor, ou ambiçaõ dos fados,
 Ou por outra cruel força secreta:
 Os rayos desse Sol já desmayados,
 Representando estaõ triste cometa,
 Que á luz está fazendo companhia,
 A mesma de quem luzes recebia.

IX.

Desse jardim de Venus mais fermosa
 He flor de quantas colhe a Deosa bella,
 Mais encarnada, que a mais fresca rosa,
 E mais brilhante, q̃ a mais bella Estrella:
 Trocou em cinza a forte rigorosa,
 Com pranto universal do Mũdo aquella,
 Que fará mais saudades ao diante:
 Que desenganos vimos n'hum instante!

II. Parte.

E

Vemos

X.

Vemos em parda sombra a fermosura
 Nesta fatal tragedia transformada,
 E a que teve os applausos da ventura
 Neste tumulto humilde abbreviada:
 A todos custa tanto a desventura
 Desta cruel ausencia dilatada,
 Que fora menos mal perder a vida
 Nesta assim lamentavel despedida.

XI.

Esta pallida cinza foy o alento,
 Que a fresca Primavera ás flores dava:
 Esta a que lá reynou no firmamento,
 Onde a luz ás Estrellas emprestava:
 Esta sombra, este sonho, ou este vento,
 Foy aquella, que as luzes animava,
 Tudo prostrado vemos n'hum instante.
 Desenganate pois, ó caminhante.

XII.

O' pensaõ rigorosa da belleza,
 Tambem fugeita estás ao commum da-
 O' infallivel ley da natureza, (no,
 Não poder eximirse o soberano!
 Esta em fim já caduca gentileza,
 Oh como nos ensina o desengano,
 Se a tocamos em terra convertida,
 E se a vemos a cinza reduzida!

Oh

XIII.

Oh quantos escarmentos n'hum só dia!
 Oh quantos defenganos n'hú momento
 Me estaõ mostrando nesta cinza fria
 O discurso, a razaõ, o entendimento!
 Inda te naõ reduz dessa porfia
 A memoria, o temor, e o pensamento,
 Se aniquilada vês, ó caminhante,
 A estrella desses Ceos mais rutilante.

XIV.

Vemos a flor pomposa, que antes era
 De Abril, e Mayo a gala mais fermosa:
 Vemos a mais florida primavera,
 Vemos a madrugada mais saudosa,
 Vemos a gala da luzente esféra,
 Em fim a flor das flores mais vistosa
 Em pó, em terra, em cinza convertida!
 Quem te teme, ou te estima, ó morte, ó
 vida?



OUTRO SONETO

GLOSADO PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOSA
BACELLAR.

SONETO.

POr onde hum manso rio caminhava
 N'hum valle de boninas revestido,
 A hum crescido freixo o Deos Cupido
 Em laços de ouro fino prezo estava:
 Huma Pastora as frechas lhe quebrava,
 Cõ o rosto em vivas chãmas encêdido,
 Ella estava contente, e elle sentido,
 Mas de ambos a montanha se espãtava:
 Elle vendo-se prezo, e despojado
 Por aquella, que só pode rendello,
 Com vozes a rocha aspera movia;
 Ella tomando em flores o cabello,
 Fóra de lhe lembrar outro cuidado,
 Em vez de lhe acudir, delle se ria.

G L O S A.

I.

A O pé de huma fragosa penedia,
 Rodeada de lapas cavernosas,
 De huma sombria matta, que fazia,
 De murtas, de alecrim, de frescas rosas,
 Da qual o verde campo se cobria,
 E o prado de boninas graciosas:
 Mas mais viçosa a flor, e herva estava,
 Por onde hum manso rio caminhava.

II.

Entre rosas, azues, e brancas flores
 Hia a liquida prata murmurando,
 Onde como em espelho seus amores
 O enganado Narciso estava olhando;
 Esmaltava a verdura de mil cores,
 Ou fosse o fresco bosque atravessando,
 Ou se fosse metendo com ruido
 N'hum valle de boninas revestido.

Por

III.

Por elle lindas Nynfas passeavaõ,
 De mangerona, e cravos coroadas,
 Humas ás altas fayas se trepavaõ, das:
 Outras andavaõ de arco, e frecha arma-
 Da companhia algumas se apartavaõ,
 Em muy alegres cantos occupadas,
 E hiaõ ver atado, e já vencido,
 A hum crescido freyxo o Deos Cupido.

IV.

Espantavaõ-se Ninfas, e Pastores,
 Espantava-se monte, bosque, e prado,
 De ver o vencedor dos vencedores
 Vencido, e a hum tronco verde atado:
 Mas elle humedecia as frescas flores
 Com licor de seus olhos destillado,
 E junto aonde o rio mais soava,
 Em laços de ouro fino prezo estava.

V.

Os Pastores, que em seu peito sentiaõ
 Do desleal Menino a tyrannia,
 Risinhos, e contentes lhe diziaõ,
 Que alli quanto fizera pagaria:
 A frauta pastoril alguns tangiaõ,
 Por dar mais a entender sua alegria,
 E porque nisso mais o magoava,
 Huma Pastora as frechas lhe quebrava.

Oh

VI.

Oh que graça gentil, que fermosura,
 Que aves, agua, e flores namorava!
 Brotavaõ novos lirios na verdura,
 Por onde a bella ingrata passeava;
 Toda quanta riqueza ha na espedura
 Cahir sobre seus hombros se deixava,
 De nuvens se cobria o Sol vencido
 Com o rosto em vivas chãmas encêdido.

VII.

No meyo da espedura deleitosa
 Huma fogueira acceza apparecia,
 Nella a linda Pastora vitoriosa
 Do amor prezo os despojos accendia:
 Do fogo a lavareda furiosa
 Arco, settas, e aljava consumia,
 E depois disto feito, e concluido,
 Ella estava contente, elle sentido.

VIII.

Estava com razaõ leda, e contente
 A fermosa Pastora, que vencera,
 Naõ cuberta de malha reluzente,
 Mas com rosto, a que amor obedecera:
 Sentido estava amor, e descontente
 De ver o baixo estado, a que descera,
 Elle augmentava o pranto, ella cantava,
 Mas de ambos a montanha se espantava.
 Que-

Quebradas tinha as azas o Menino,
 E ensopadas na agua, que chorava,
 Soltava as bellas tranças de ouro fino
 A Pastora, que junto d'elle estava:
 Ella virava o rosto crystallino,
 Elle os fermosos olhos abaixava,
 Ella pelo ver prezo, e subjugado,
 Elle vendo-se prezo, e despojado.

X

Com silencio os Pastores escutavaõ
 As lastimas, que amor entaõ dizia;
 Seus suspiros na rocha retumbavaõ,
 Mas em balde suspiros esparzia:
 As maviosas Nynfas o ajudavaõ
 A lamentar o mal, que padecia,
 Porém naõ se espantavaõ de soffrello
 Por aquella, que só pode rendello.

XI

Dous extremos Cupido via nella,
 Estremada dureza, e fermosura,
 O coração lhe dava em quanto bella,
 Servilla naõ queria em quanto dura:
 Cruel chamava em tudo sua estrella,
 Inconstante, e cruel sua ventura,
 E por manifestar o que sentia,
 Com vozes a rocha aspera movia.

Mas

XII.

Mas a linda Serrana, a cujo peito
 Nenhuma destas magoas magoava,
 Vendo que tudo vence, e faz logeito,
 Ufana mais que nunca triunfava;
 A ella todo o desgosto lhe era aceito,
 A elle ver tal gosto lhe enfadava:
 Elle estava regando o rosto bello,
 Ella tomando em flores o cabello.

XIII

Em final da vitoria, que alcançara
 Daquelle, que ante si rendido via,
 Os crespos laços de ouro, que soltara,
 Com louro, e madre-sylva entretecia:
 Ora largava os ramos, que apanhara,
 E de outros coroar-se pertendia,
 Ora se hia sentar no verde prado,
 Fóra de lhe lembrar outro cuidado.

XIV.

Amor, que a via estar taõ descuidada
 De lhe dar o remedio, que esperava,
 C'huma voz das entranhas arrancada
 Os asperos penedos magoava:
 Dura, ingrata, cruel, mal attentada,
 Mais fera, que huma fera, lhe chamava,
 Mas ella com hum desdem, que mataria,
 Em vez de lhe acudir, d'elle se ria.

GLOSA DA OITAVA
DE CAMOENS.

DEDICATORIA AO SENHOR

D. SANCHO
MANOEL.

SONETO.

HOje, q̃ as armas Portuguezas pizaõ
A soberba de Hespanha já domada,
Nesses versos a vedes retratada,
Que lidos ainda agora atemorizaõ:
Nesses versos, que a gloria vos divisaõ,
Pelo grande Camoens prognosticada,
Do grãde Nuno, e Sãcho a forte espada
Vereis, se os feitos de ambos symbolisaõ
Permittime, que agora a penna tome,
Porque a pezar do Castelhana aduerto
Em breves cifras seus louvores some:
Espalhado o vereis pelo universo,
Se nelle cabe taõ sublime nome,
Se taõ sublime nome cabe em verso.

OU.

O I T A V A .

C A N T O I V .

Deu final a trombeta Castelhana,
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso,
 Ouvio o monte Artabro, e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso:
 Ouvio o Douro, e a terra Transtagana,
 Correo ao mar o Tejo duvidoso,
 E as mãys, que o som terrivel escutaraõ,
 Aos peitos os filhinhos apertaraõ.

G L O S A

Do Author.

I.

Promptos eslavaõ todos escutando
 O que o grande D. Sancho mandaria:
 Entre horror, e esperanza vacillando
 Cada qual a batalha pertendia:
 Quando de ambas as partes retumbando
 Os clarins, e tambores á porfia,
 A senha fez a caixa Lusitana,
 Deu final a trombeta Castelhana.

D.

II.

D. Sancho entaõ, porq̃ ao Luso exhorte,
 Sobre hum cavallo taõ fogoso parte,
 Que debaixo dos pés levava a morte,
 Porque em cima de si levava a Marte:
 O Hespanhol, que já vio seu braço forte,
 Agora vendo as mortes, que reparte,
 Mais que nunca o imagina de medroso
 Horrendo, fero, ingente, temeroso.

III.

Eya, disse, em voz alta proclamando,
 Peleijay, Portuguezes, que se encerra
 Nesta batalha só, que estais formando,
 O principio da paz, e o fim da guerra:
 Souo o eco, e os ares penetrando
 Ferio no Ceo, no ar, ferio na terra:
 Ouvio o monte Olympo a voz humana,
 Ouvio o monte Artabro, e Guadiana.

IV.

Força tanta as palavras contiveraõ,
 Que antes de se vestir de luto o dia,
 Dos rios, que de sangue concorreraõ,
 Hum mar roxo o Degebe parecia:
 Humas ondas a outras se oppuzeraõ,
 Huma corrente á outra se impedia,
 Mas vencêdo ao Degebe o sangue undo-
 Atraz tornou as ondas de medroso. (so,
 Adiante

V.

Adiante, soldados valerosos,
 Bradou D. Sancho, que a vitoria he nossa:
 Desta vitoria os ecos sonorosos
 Ouvistes Minho lá na margem vossa:
 Apressou a seus passos vagarosos
 Porque ouvillos melhor o Lima possa:
 Igualmente esta voz, que alentos mana,
 Ouvio o Douro, e a terra Transtagana.

VI.

A fama, que a vitoria tinha dado
 Primeiro do que fosse conseguida,
 E a D. Sancho a coroa anticipado,
 Toda de applausos immortaes tecida,
 Levou a nova ao Tejo apressurado,
 Mas elle ouvindo gloria taõ subida,
 Parecendo-lhe conto fabuloso,
 Correo ao mar o Tejo duvidoso.

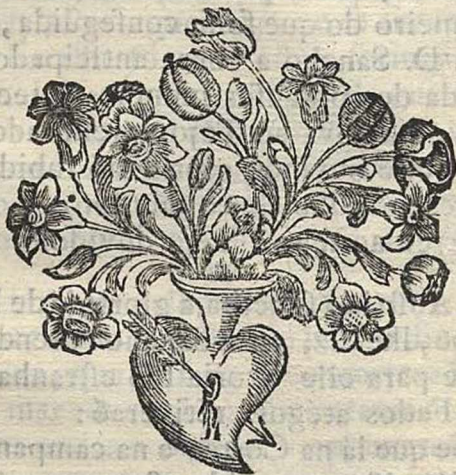
VII.

(nha

De Austria a soberba, a gloria já de Espa-
 Sabe, lhe diz, que a Sancho se renderaõ,
 Que para elle vitoria taõ estranha
 Os Fados atégora retiveraõ:
 Sabe que lá na Corte, e na campanha
 Delle visto, e ouvido estremeceraõ
 Os filhos, que seus golpes aturaraõ,
 E as mãys, que o som terrivel escutaraõ.

Apenas

Apenas referirte da vitoria
Poderey, Tejo amigo, a menor parte,
Mas eu te fico, que has em tanta gloria
De teu mesmo inimigo lastimarte:
Porque apenas na Corte a fiz notoria,
Quando fugindo a huma, e outra parte
As mãys, q̃ tanto dano experimentaraõ,
Aos peitos os filhinhos apertaraõ.



VARIOS SONETOS

PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOSA

BACELLAR.

Restituem-selhe os que ou por erro, ou
por furto corriaõ com nomes de
outros Authores.

A hum Rouxinol cantando na gayola.

S O N E T O.

DE amor cantastes já doces favores,
Branda avesinha, quando Deos queria,
Que fosses com suave melodia
Mimo dos bosques, e matiz das flores:
Perdestes a liberdade, e nas mayores
Desgraças não te esqueces da harmonia,
No cativeiro ostentas a alegria,
Com que livre gozavas teus amores.
Ave ditosa vivirás em quanto
A alegria não perdes, em que aturas,
Com teus males não vivas descontente:
Não deixes nas prizões o doce canto,
Que com ter rosto alegre ás desventuras
Se vive em todo estado felizmente.

A HUM

*A hum edificio arrui-
nado.*

SONETO.

ESte, que de si mismo despeñado,
Ludibrio de la edad, burla del viento,
Toscas reliquias de un fatal portento,
Cadaver bruto de un gigante osado:
Poder del tiempo, credito del hado,
Exemplo mudo de atrevido intento,
Escuela màs fatal del escarmiento,
Del desengaño templo acreditado.
Terror fue de la esfera crystalina,
Que escalar las estrellas intentava,
De sus baxos principios no advertido:
Justo castigo fue, vengança dina
Si lo que avia sido no mirava,
Que mire humilde aora lo que ha sido.

A HUMA DESPEDIDA.

SONETO.

Agora, que o silencio nos convida,
 Discursemos hum pouco, ó pensamêto,
 Demos hum desafogo ao sofrimento,
 Pois lhe demos a pena sem medida:
 Em fim chegou aquella despedida,
 Em que perdido meu contentamento,
 O mais, que me ficou, foy meu tormêto,
 O menos, que deixey, foy toda a vida:
 Para que era ficarme na memoria
 As lêbranças de hũ bem taõ mallogrado,
 Faltame o bem, faltáraõ-me as lembrã-
 Se verey outra vez taõ doce gloria? (ças!
 Mas, ó suave engano, ó vaõ cuidado!
 Inda eu cuido outra vez em esperanças!

A HUM BEM PERDIDO.

SONETO.

EU me vi neste monte n'outra idade
 Nos braços da ventura reclinado:
 Esta fonte, esta rocha, aquelle prado
 Testimunhas serão desta verdade.
 Oh que tamanha magoa a saudade
 Me representa agora no cuidado!
 Mas quando durou mais hũ doce estado,
 Que tem a segurança na vontade!
 Para igualar a gloria, que entãõ tinha,
 Dos Astros revestido o Firmamento
 Se deu oh quantas vezes por vencido!
 Mas que vãa ignorancia he esta minha?
 Taõ ocioso trago o pensamento,
 Que me ponho a cuidar n'hum bem per-
 (dido!

A' S E R R A
D E
C I N T R A.

S O N E T O.

A Spera ferrania, que elevada
 Ao mais sublime cume rutilante
 Te obedece esse orbe de diamante,
 Nem já mais te vio rayo fulminada;
 De ti mesma em ti mesma despertada,
 Parece que presumes de arrogante
 Escalar essa esféra scintillante,
 Atropellar a machina estrellada:
 Eterna vive dando leys aos ventos,
 Ao mar espanto, assombro da grandeza,
 Do tempo injuria, da firmeza templo:
 Eterno vive imperio aos elementos,
 Pois es de Nisè exemplo na dureza,
 Pois es de Lauro na firmeza exemplo.

A' VARIEDADE DO MUNDO.

SONETO.

FSte nasce, outro morre, acolá foa
 Hum ribeiro, que corre aqui suave,
 Hũ rouxinol se queixa brando, e grave,
 Hum Leão c' o rugido o monte atroa:
 Aqui corre huma féra, acolá voa
 Co graõsinho na boca ao ninho hũa ave;
 Hũ derruba o edificio, outro ergue a tra-
 Hũ caça, outro pesca, outro enferoa: (ve,
 Hũ nas armas se alista, outro as pendura,
 Ao soberbo Ministro aquelle adora,
 Outro segue do Paço a sombra amada,
 Este muda de amor, aquelle atura;
 Do bê, de q' hũ se alegra, o outro chora,
 Oh Mundo, ó sombra, ó zombaria, ó na-
 (da!)

A FERNAO

TELLES,

General da Beira, Governador
do Porto.

SONETO.

T

Aõ igual o valor em vós reparte

As acções da campanha, e da Cidade,

Que a inveja vencida com a verdade,

Louva o acerto na paz, na guerra a arte:

Ou tremoleis o bellico estandarte,

Ou governeis do povo a variedade,

Numa na paz, e nas batalhas Marte,

Abforta vos venera a nossa idade:

O' sublime valor, onde casados (ra,

Os preceitos da paz cõ as leys da guer-

Compoem hum suavissimo concento:

Logray, pois, os encomios duplicados,

E em quãto admira vosso nome a terra,

Laminas lhe prepare o Firmamento.

A HUM

A HUM ROUXINOL
prezo cantando.

S O N E T O.

A VE gentil cativa, que os accentos
Inda dobras com tanta suavidade,
Como quando gozavas liberdade,
Sêdo do câpo Amfiaõ, Orfeo dos vêtos:
Da vida livre os doces pensamentos
Perdestes junto á clara suavidade
De hum ribeirinho, que com falsidade
Grilhões guardava a teus cõtentamen-
Eu tambem desse modo fuy cativo, (tos:
Que amor me tinha os laços êboicados
Na luz de hũs claros olhos excellentes:
Mas tu vives alegre, eu triste vivo,
Com que somos conformes nos estados,
E. somos na ventura differentes.

A F I L I S,

Pedindo-lhe, que aborreça, e não ignore.

S O N E T O.

Filis, viva mi amor aborrecido,
 No muera en tus ideas ignorado,
 Pues con ser grande mal tu desagrado,
 Es mayor daño padecer tu olvido,
 No está de tus memorias desvalido
 Quien vive a tus desprecios destinado,
 Pues lo q̄ pierde amor por mal pagado,
 En las vanglorias gana de sabido:
 Sea Filis tu gusto aborrecerme, (me
 Que es favor, no desdē, si al despreciar-
 Por fuerça é la memoria has de tenerme
 Mas nõ Filis me ignores, que es quitarme
 La gloria de saber por ti perderme,
 Y el gusto de que gustes de matarme.

*Ao Tejo queixan-
do-se.*

S O N E T O.

A Legre o manso Tejo vay regando
Do môte as fraldas, e do prado as flores,
Eu de Lyse os desvios matadores
Tristemente affligido estou chorando:
Elle do campo a gala vay bordando,
Tecendo com crystais os seus verdores,
Eu de todo rendido a minhas dores,
Cõ pranto as suas aguas augmentando:
Bem poderas, ó Tejo deshumano,
Parar a verme assim taõ lastimado,
Naõ correndo esquecido de meu dano:
Mas oh sorte cruel, oh duro fado,
Que até hum rio com rigor tyranno
Se corre de tratar c'hum desgraçado!

A F A B I O

*Roubando-lhe Filis hum retrato, que
lhe dera, pelo achar dormindo.*

S O N E T O.

F Abio, bem q̄ essa fonte entre as hervi-
Murmurasse o descanço, em q̄ te acha-
Bem via Filis, q̄ o retrato amavas, (vas,
Pois a alma entãõ no original mãtinhas:
Ao bronze amado, que na mãõ fostinhas,
Respeito o sono era, pois mostravas,
Que os olhos só de cortezaõ fechavas,
Porq̄ os da alma abertos entãõ tinhas:
Moveste montes, penhas magoaste,
Porém como abrandallo não podeste,
De puro fino os olhos lhe negaste:
Que como era defeito no celestes
Da copia bella a ingraticidaõ, q̄ amaste,
Só por não vella ingrata, adormeceste.

A HUM

A HUM SONHO.

SONETO.

A Dormeci ao som do meu tormento,
 E logo vacillando a fantasia,
 Gozava mil portentos de alegria,
 Que todos se tornaraõ sombra, e vento:
 Sonhava, que gozava o pensamento
 Com liberdade o bem, que mais queria,
 Fortuna venturosa, claro dia:
 Mas ay, que foy hũ vaõ contentamento!
 Estava, ó Clori minha, possuindo
 Desse fermoso gesto a vista pura,
 Alegres glorias mil imaginando:
 Mas acordey, e tudo resumindo,
 Achey dura prizaõ, pena segura,
 Ah quem estivera assim sempre sonhan-
 (do!

A HUM RETRATO.

SONETO

Neste retrato de immortal belleza,
 Que soube copiar pincel polido,
 Vejo a preceitos da arte reduzido
 O trabalho mayor da natureza:
 Para esta, ó Clori, singular empreza,
 Cuido pedio o artifice escolhido
 A' mesma natureza advertido
 As idéas da vossa gentileza:
 Obrou em fim com taõ ditoso acerto,
 Que muy mal o discurso comprehende,
 Qual he a copia, ou qual a copiada:
 Que imita a arte á natureza he certo,
 Mas nesta rara copia naõ se entende,
 Se foy imitadora, se imitada.

A O S E N H O R
M A N O E L
 D E S A L D A N H A ,

Reytor da Universidade de Coimbra, trabalhando em hũa Ermida sua no Bussaco.

S O N E T O

Luzida em acto humilde a magesta-
 Authorizada a Mithra em tosco officio,
 Se lavrais em Bussaco hum edificio,
 Fundais hũ Templo á vossa eternidade:
 He taõ grande, e taõ alta a dignidade,
 E taõ sublime he vosso exercicio,
 Que vós por evitarlhe o precipicio,
 Fabricais-lhe alicerse na humildade:
 Quantas pedras lançais, tantos por certo
 Ergueis padrões ao vosso nome agora,
 Oh quanto cada pedra vos acclama!
 Alterou-se o silencio do deserto,
 Se eraõ as bocas pedras atégora,
 As pedras bocas saõ da vossa fama.

A F. DA ROCHA.

SONETO.

Rebellou-se á razãõ a liberdade,
 E sem pezar o graõ defalfocego,
 Introduzio no Reyno hum moço cego,
 Que tomou logo posse da vontade:
 Lisongeiro aos sentidos persuade,
 Que obedeçaõ logo ao novo emprego,
 Tomou o fato ás costas meu socego,
 E em seu lugar ficou-me a saudade:
 Acolheo-se a razãõ ao sofrimento,
 E intentando fazer ao mar escada,
 Dissimula o aggravo com cautela,
 Mas não verá logrado seu intento,
 Que se vós o amparais, ó Rocha amada,
 Seguro amor está n'huma Arrochela.

A JACINTHO FREIRE
DE ANDRADE,

Author da Fabula de Narciso,

*A qual daremos com outras suas no To-
mo terceiro.*

S O N E T O.

Mientras cãtais del Joven la locura,
Que topó con su muerte en su belleza,
Por vuestro canto, y musica destreza,
Tambien topa en su muerte su ventura:
Pero callad la voz sonora, y pura,
Que temo en tan cañora sutileza,
Que se en si peligrò la gentileza,
En si tambien peligre la locura:
Suspended pues el peçtro, y la armonia,
Que temo que cantando sus enojos,
Os enamoren vuestros sustenidos,
Escuchando tan dulce melodia,
Y si el se ha perdido traz sus ojos,
Vós Narciso fereis de los oidos.

A HUM PINTOR,

*Que pintou primorosamente a Fabu-
la de Psiques.*

SONETO.

TAn altamente a Psiques retratada
Comunica tu mano eterna vida;
Que Amor confuso duda la querida,
Y Venus triste ignora la embidiada.
En ver la maravilla duplicada,
Y la copia en la estampa repetida,
Palma naturaleza, y suspendida
Solo la diferencia en lo callada:
Primor fuè de tu mano prodigiosa,
Formar Psiques sin voz, porq̃ el secreto
Otra vez no arriesgasse temerosa,
Que como fuè su lengua su defeto,
Tu mano doctamente artificiosa,
La escusò con lo mudo lo imperfeto.

A FER.

A FERNAO PEREIRA
 DE CASTRO,
Author da Fabula de Psiques.

SONETO.

EM Venus naõ, na Musa reclinado
 Descançais Marte a lâça em sãgue tinta,
 Cede o bastão á penna, o sangue á tinta,
 Honra o papel a mão, a espada o lado:
 De Psiques o prodigio idolatrado
 Taõ altamente vossa Musa pinta, (ta
 Que anda cõfuso Amor, ou tema, ou sin-
 Ver por vós seu incendio duplicado.
 Trabalhou hum modelo da belleza
 Em Psiques a Natura: hoje confusa
 A vê n'hum ocio de armas retratada:
 Pasmou pois justamente a Natureza,
 Que seja hum facil ocio a vossa Musa,
 O que foy sua fadiga trabalhada.

*Conformando-se com a
sua soledade.*

SONETO.

N O he menester ausente el sufrimiẽ- (to)
 Presente vivo, quando desterrado,
 Porque en extasis dulces elevado,
 Puede mais, que la vista, el pẽsamiento:
 Alta razon de estado en mi tormento,
 Que bolverme no puedo desdichado,
 Que se cabe el obsequio en el cuidado,
 Fuera ocioso delito el sentimiento:
 Aora si, que dulcemente ha sido
 Un alto imaginar de un noble empleo,
 Y distante vivir no defunido.
 Si Amor es fé, y ojos mi deseo,
 No quiero los estorvos de un sentido,
 Pues quanto mas me aparto, mas te veo.

*Ao portentoso milagre de despregar
Christo a Mão da Cruz na Ac-
clamação do Senhor Rey
D. João IV.*

S O N E T O.

Quarto João por Deos anunciado,
Desde o lenho da Cruz esclarecido,
A Affonso, que em final do promettido
Sois pela mão do mesmo Deos mostra-
Para alivio dos Lusos esperado, (do:
Em profetica luz predefinido,
Que por serdes de todos recebido,
Fostes antes de ser profetizado:
Vinde, vinde, vereis a heroica fama,
Que já do polo Anthartico a Calisto
O Sceptro Portuguez já vos entrega:
Vede os portentos, cõ q̃ Deos vos chama,
Que se João mostrou na terra a Christo,
Christo por vos mostrar a mão despre-
(ga.

*A hum desafio de Venus,
e Pallas.*

SONETO.

V Estio-se Venus el arnes de Marte,
Y le adornò de mucha pluma, y galas:
Llegò en esto la Diosa Pallas,
Y sonriendo le dixo d'esta arte:
Coraçon has tenido para armarte,
De adonde tanto brio, y tantas alas?
Venus, que via sus entrañas malas,
Metiendo mano puso-se de parte.
Con este braço, dize, y esta espada,
Quando del Cielo todo el resto acuda,
Le mostrarè, que tu potencia es nada,
Bien saben tu blason, pero quien duda,
Que oy te puedo rendir estado armada,
Si quando te venci estava desnuda.

Fallando com o Tejo.

S O N E T O.

Aguas do Tejo, que taõ mansamente
 Entre estas prayas discorreis cançadas,
 Depois de ter vencidas, e rasgadas
 As altas ferras taõ soberbamente,
 Aqui correis por modo diferente,
 Depois de estar já brandas, e domadas,
 Que as cousas soberbas começadas
 Assim vem a acabar humildemente:
 Eu por cahir tambem neste peccado,
 Vos accrescento, e vejo n'hum momêto
 Castigadas a vós, e eu castigado:
 Mas ay, porq̃ he mayor meu sentimento,
 Porque vós lá no mar mudais de estado,
 E eu na terra naõ mudo de tormento!

AO SERENISSIMO INFANTE

D. AFFONSO

Estando doente.

S O N E T O.

EL clavel, que en si mismo agonizado,
 Siente de estivo ardor la tyrannia,
 Ya del segundo aliento desconfia,
 Cadaver en sus hojas desmayado:
 Sale el Alva, e apenas destilado
 Menudo aljofar à la flor rocia;
 Quando primer alumno le halla el dia,
 Segunda pompa le festeja el prado:
 Vezina ya la muerte Alfonso siente;
 Lloro Luiza lagrimas; mejora
 Este rocio aquel calor ardiente:
 Pero si Alfonso es flor, Luiza Aurora,
 La fuerza del remedio es evidente,
 Que ha de vivir la flor, si el Alva llora!

A hum prado florido.

SONETO.

DO que sou me vi já muy differente,
 Alegre tu virás a estar de luto:
 Qual te vejo, me vi com flor, e fruto,
 Qual me vês, te verás bem descontente.
 Date agora tributo o estio ardente,
 Eu ao frio inverno dou tributo,
 Assim nos fez o tempo sempre astuto,
 Se triste agora a mim, a ti florente:
 Naõ queiras fazer certo o meu receyo;
 Pois tês exêplo em mi: Ah quẽ me dera,
 Que em mi escarmêtaras teus enganos!
 Mas lá virá tempo horrendo, e feyo,
 Donde perca seu brio a primavera,
 E te sirvaõ de dor meus defenganos.

A dous Rouxinoes.

SONETO.

EM hum musico duelo contendiaõ
 N'huma manhãa da fresca Primavera
 Dous Rouxinoes, por ostentar qual era
 Mais digno de hum amor, q̃ pertendiaõ:
 Com agudos piados o ar feriaõ,
 O concavo da mais sublime esfêra,
 E os outeiros da voz, que reverbera,
 Os duplicados eccos repetiaõ;
 Mas ay, q̃ hum caçador com maõ tyrãna
 Hum dos Orfeos suaves precipita;
 Triste ventura, caso lastimoso!
 Que até no mesmo bosque de Diana
 He companheiro o pezar da dita,
 Sequela saõ as lastimas do gofo!

A hum peito cruel.

SONETO.

O Bem passado q̃ he? he mal presente,
 O mal presente que he? he dor esquiva,
 A dor esquiva que he? he morte viva,
 A morte viva, q̃ he? he inferno ardente.
 Com mal quem poderá viver contente,
 Com dor quem haverá, que alegre viva,
 Cõ morte quẽ naõ tem pena excessiva,
 Com inferno quem vive alegremente?
 Por bem passado mal vou padecendo,
 Por alegria dor, por vida morte, (do:
 Por gloria o mesmo inferno estou sofrẽ-
 Mas ah, peito cruel, q̃ inda he mais forte
 A dura condiçaõ, que em ti estou vendo,
 Que bem, que mal, que dor, q̃ inferno, ou
 (morte.

A^c M O R T E
 D E
 D. L U I Z V I C E N T E
 D E C A C E R E S,
Lente da Universidade.

S O N E T O.

E Sse, que vês, ó Fabio, reduzido
 A cadaver já frio, a cinza leve, (ve,
 Tantos, quando logrado, applausos te-
 Quantas hoje tem lagrimas perdido:
 Jaz neste breve tumulo escondido ve,
 Quem deixou larga fama em vida bre-
 Assim a morte co melhor se atreve,
 Assim acaba depressa o mais luzido:
 Se o ouviste já com traça peregrina
 Ensinar a sagrada faculdade,
 Tomalhe esta lição por derradeira,
 Toma postilla, ó Fabio, que inda ensina;
 Morto nos lê da vida a brevidade,
 Servindolhe o sepulchro de cadeira.

A HUMA EÇA.

SONETO.

E Sta que vedes machina abrazada,
 Que assombra magestosa, e triste admi-
 E a ser estrella desses Ceos aspira, (ra,
 De mais rayos, que o Sol acompanhada:
 Não he de hũ corpo morto urna sagrada,
 Mas de huma Fenix portentosa pyra,
 Que em nova Arabia novo ser respira
 Nas acções immortaes eternizada.
 Esta, que gravemente tanto espanta,
 De Corinthia Toscana architectura,
 Com capiteis, e esféras de alta sorte,
 Estatuas saõ, que o Mundo lhe levanta,
 Marmores, em que a fama se assegura,
 Da vida honras, e trofeos da morte.

A huma

A hum de sengano.

SONETO.

A H fortuna cruel, ah peito avaro,
 Ditoso quem por tal te desconhece,
 Pois chegou a estado, em que merece
 Huma felice sorte, hum fado raro.
 Mas este quem será, que tanto caro
 Custa a quem esta falsa favorece:
 Que n' hũ ponto se muda, e assim fenece
 Tudo quanto sostinha seu amparo:
 Ah quaõ fragil he nossa natureza,
 Que vendo pelos olhos claramente,
 Que quando favorece, entaõ regeita,
 Entaõ cobiça mais, se ha graõ riqueza,
 Tendo-se em coufas vans por satisfeita,
 Fazendo largas contas de repente.

Confor-

*Conformando-se com a
sua tristeza.*

S O N E T O.

E Stou a ser triste já tão costumado,
O prazer de tal sorte me enfastia,
Que só quem me entristece me alivia,
Quem me quer divertir me dá cuidado:
Assim o largo mal me tem mudado,
Que se não fosse triste, morreria,
Fujo como da morte da alegria,
Entre penas só me acho descansado.
A vida em tanto mal tenho segura,
Pois na minha tristeza só consiste,
Que não póde faltarme eternamente:
Ninguem teve em ser triste mor ventura!
Que hey de viver eterno de ser triste,
E só posso morrer de ser contente.

*Entrando em huma ca-
sa de jogo.*

S O N E T O.

DE REPENTE.

P Aro, reparo, tenho, envido, e pico,
Viva a santa rapina, viva o faco,
Cada qual de nós outros seja hum caco,
Haja galhofa; e cerolico tico:
Entorne-se o licor, molhe-se o bico,
Cáce o braço, ande o copo, ferva o Baco,
E seja hum tal, e qual, seja hum velhaco
Quem daqui não sahir hum cerolico:
Não haja quem acerte com o teu beco,
Que em quáto bebo claro, e fallo rouco,
Que me dá do q̄ passa em Pernambuco,
Viva amigos o Baco, viva o meco, (co,
Que se o pezo for grãde, e o lastro pou-
O mesmo foy a estatua de Nabuco.

A' I M I T A Ç Ã O
DO GRANDE
LUIZ DE CAMOENS.

S O N E T O.

A Jacob servindo por Rachel.

Servio sete annos por Rachel fermosa
Jacob constante ao sogro cauteloso,
Que de mayor serviço cubiçoso
Lhe deu a espinha, mas negou a rosa:
Sentio o amante a traça rigorosa,
Profeguiu no serviço affectuoso,
E se teve o seteno perigoso,
No quatorzeno a dita vio gloriosa:
Naõ se queixa Jacob do falso engano,
Pois no logro notou do seu desejo
Principio esquivo, mas feliz progresso;
Eu só me queixo de que soffro o dano,
Pois gozo a Lya, e sem Rachel me vejo,
Sendo a causa Rachel, porque padeço.

*Aos Paços Reaes
de Almeirim.*

S O N E T O.

Vestigios para magoas conservados,
Torres, que levantadas sois ruinas,
Se deixastes cahir as vossas Quinas,
Para que saõ castellos levantados?
De conservar os donos celebrados
Fostes, ó torres, pouco tempo dinas,
E em baixas sortes sois adamantinas
Para nos conservardes magoados:
Fostes a passatempos dedicadas,
Passou por vós o tempo da alegria,
Fizestes vosso officio em nosso dano:
Venceis o tempo em fim como á porfia,
Para que em Monarchias sepultadas
De letreiro sirvais ao desfengano.

A' FENIX.

SONETO.

E Sta aora a cenizas reduzida,
 De las aves rhetorico escarmiento,
 En el throno diafano del viento,
 De las aves fue Reyna obedecida:
 Aquella misma llama, en que luzida
 Arde, es disposicion de nuevo aliento,
 La ceniza es principio al nacimiento,
 Parenthesis el fuego es de la vida:
 De Fenix ya caduca aquella hoguera
 Es tumba, y cuna de otra successiva,
 De esta, q̄ aqui desmaya, otra despierta,
 Aliento nuevo esta ceniza espera,
 La muerta es instrumento de la viva,
 La viva es epitafio de la muerta.

DERRUBANDO LOS CASTELLANOS

*la Puente de Olivença le puso uno dellos
este Epitafio.*

D E C I M A.

I.

A Qui yaze torre, y puente,
Que dava passo al tyranno:
Un bramido Castellano
Postró su fuerça eminente:
No la rindio nuestra gente,
Que aspira a más su valor;
Solo la rindio el temor,
Que como servió a traidores,
Entre sus mismos temores
Tuvo su daño mayor.

II.

Esta cuya forma luego
Apenas se determina,
Ayer puente, oy es ruina,
Nascio en agua, murio en fuego:
Duró en immortal sociego
El tiempo que fue leal,
Procedio con su Rey mal,
Negó el passo a sus antojos,
Quebrantala, y en su ojos
Los de todo Portugal.

Parte II.

H

RES-

RESPUESTA DEL DOCTOR

Antonio Barbosa Bacelar.

D E C I M A.

I.

MUeve passagero el pie,
 No te lastimes conmigo,
 Pues yo sola al inimigo
 Un Exercito costé:
 Esfuerço nó, miedo fué
 Este inimigo furor,
 Que como teme el valor
 Castilla de nuestra gente,
 Cortar lo passo à la puente
 Fue segurar su temor.

II.

Quando el braço altivo, y fiel
 Del Luso en sobervia guerra,
 Le conquistó Salvatierra,
 Villanueva, y Alconchel:
 Quiso vengarse cruel,
 Y busco vengança igual,
 Haziendo a una puente mal,
 Ostenstando en esta hazaña,
 Que es desagravio de Hespaña
 Una piedra en Portugal.

Tan

III.

Tan grande mi opinion es,
 Que el tyranno, en lo que obró,
 Mostró bien, que sola yo
 Valgo más, que Praças tres:
 Como el braço Portugues
 Tiene esfuerços soberanos,
 Y es Parca de Castellanos,
 Intentaron sus enojos
 En me quebraren los ojos,
 Ya que no pueden las manos.

IV.

Talves el torillo, quando
 El hombre es del golpe author,
 Obligado del temor
 Busca la capa bramando:
 El Portuguez peleando
 Gana al Leon Praças tres,
 Y el temiendo al Portugues
 Venga en piedra su passion,
 Siendo de piedras Leon,
 Torillo de capa es.

V.

Armosse toda Castilla,
 Juntó todo su caudal,
 Y costole a Portugal

Quiebras de una puentefilla:
 Nadie me tenga mansilla,
 Que presto otros arcos dos
 Tendre, porque espero en Dios
 Que en vengança desta offença,
 Han de dar piedra a Olivença
 Los muros de Badajós.

A HUMA FERIDA,

Pelo mesmo Author.

DECIMA.

Cansada Clori homicida
 De conquistar en despojos
 A' la vista muchos ojos,
 Y à sus ojos mucha vida:
 De dar más muertes se olvida,
 Y con hierro sangriento
 Se divierte en otro intento,
 Que como es tyrana, y fuerte,
 De un instrumento de muerte
 Le divierte otro instrumento.

II.

Mas ah! que el hierro inhumano,
 Sacrilego a tanta nieve,

A' la

A' las Deidades se atreve,
 Y a ella hiere en la mano:
 Rebienta el golpe tyranno
 De aquel nuevo potósi
 Un arroyo carmesi,
 Que el hierro en successo tal,
 Lo que le hurta en crystal,
 Le restituye en rubi.

III.

Violo Lauro, y dixo irado
 Contra el azero atrevido,
 De su osadia offendido,
 De su ventura enojado:
 Mal aya Clori el cuidado
 Que te ocasiona el dolor,
 Aunque es vengança de amor,
 Que pues fierá en tanto bien
 Hazes sentir tu delden,
 Sientas tambien tu rigor.

IV.

Detiene el hierro que intenta
 Herir el blanco jasmin,
 Que esa gracia, esse carmin
 Aunque le esmalta, le affrenta:
 Mas tu furia es tan violenta
 Que como a tanta impiedad

No resta ya libertad
 Por no tenerla ociosa
 Exercitas rigorosa
 En ti mesma tu crueldad,

A HUMA SANGRIA

de hum amigo.

Pelo mesmo Author.

DECIMAS SERIAS, E BURLESCAS.

F Abio, por nuevas me han dado,
 Que un barberillo insolente
 Muy fiera, y barbaramente
 Un pié te havia sangrado:
 Hame lagrimas costado
 Tu desdicha, y su crueldad,
 Con tal dolor, y piedad,
 Que mis manos le oprimieran,
 Se assi mis manos pudieran
 Ponerte en pies de verdad.

Oh si de el golpe inhumano;
 Que en tu pié llevaste, huviera
 Quien pié tomarse quisiera
 Para les hir à la mano!
 Y pues con rigor tyranno

Han,

Han tomado por empreza
Usar de una tal fiereza
Con el tuyo, y otros pies,
Acabára de una ves
De cortales la cabeza.

III.

Sanguijuelas racionales,
Que por bocas de un azero
Junto con nuestro dinero
Nos facan fangre a raudales:
Mal aya quien a los tales,
Visto sanguijuelas ser,
No nos los manda poner
En su más proprio lugar,
Para que puedan chupar
La fangre, que ha de correr.

IV.

Siento Fabio tus afanes,
Porque tengo ya sentido
Lo que han tambien padecido
Mis hueffos con esos canes:
Porque uno destos jayanes,
Cayendo yo en manos de el,
Qual carnicero cruel,
O qual hambriento sabueffo,
Me dexó, no piel sobre hueffo,
Mas todo un hueffo sin piel.

V.

Salió nevado el coral,
 Corrió purpuroo el jasmin,
 Y una fuente de carmin
 Por un risco de crystal:
 Precipitar su raudal
 Yo le vi, y lo aprobé,
 Porque fangar-se el pié fué
 De mi Fabio gran cordura,
 Que al jardin de tu hermosura
 Le diste fuente de pié.

VI.

Los rubies del Abril,
 Del Mayo rosa, y clavel,
 Despojó azero cruel
 De una caja de marfil:
 Picole punta sutil
 La sangre en zafir atada,
 Y salió precipitada
 Tanto, que entonces juzgué
 Que de ver tu hermoso pié
 Salió la sangre picada.

VII.

Esmaltó duro rigor
 Cruel azero en la herida,
 Executando en mi vida

La lastima, y el dolor:
 Mas no fué del hierro error,
 Antes la herida noté
 Que muy primorosa fué,
 Porque en la carne, que toca,
 Quiso abrir aquella boca,
 Para alabar a tu pié.

VIII.

Prodigios hizo el azero,
 Pues vertiendo flores mil,
 Siendo el pié rosa de Abril,
 Pareció nieve de Enero:
 Aunque su arbol confidero,
 Quando cubriendole estan
 Los rubies, que en el van,
 Bello honor decien jardines,
 Açafate de jasmines,
 Cubierto de tafetan.

IX.

No ay ninguno, que no entienda,
 Fabio del anima mia,
 Que amor para tu sangria
 Se quiso quitar la venda:
 Pero yo para que defienda
 Mas galante tus despojos,
 Viendo tus raudales rojos,

Attento

Attento discursaré,
 Que tambien por ver lo pié
 Quitó la venda à sus ojos.

X.

En derretido coral,
 Y nacarado carmin,
 La planta de esse jasmin,
 Abrió el amor liberal:
 Eclypse passó el crystal,
 Pero mi alma amorosa
 Lo discursó primorosa,
 Porque viendole dudé,
 Si era de nieve tu pié,
 O' si era tu pié de rosa.

XI.

De clavel no le llamé,
 Porque seria gran yerro,
 Que estando herido con hierro,
 Clavel le llamàra al pié:
 Porque, mi Fabio, pensé,
 Que era cosa un tanto dura,
 Tratarte de enclavadura,
 Porque dixeras te dava
 Una en el pié, que acabava,
 Y otra en la herradura.

DEUSE PARA GLOSAR
ESTE MOTE.

Amores mais que de quem.

GLOSA DO MESMO AUTHOR:

DECIMA.

A Narda a Sylvio galharda
Ciumes lhe demandou;
Mas elle lhe diz naõ sou
Amores mais que de Anarda.
Ella, que só isto aguarda,
Como quem naõ ouvio bem,
Por repetir o desdem,
Lhe perguntou ao depois,
Que dizeis vós, que naõ sois
Amores mais que de quem?

A huns touros, que correo hum Velho.

Pelo mesmo Author.

DECIMAS.

I.

D OS touros da terça feira
Se perguntais o successo,

Na

Na verdade vos confesso,
 Foy tudo n'huma poeira:
 Correo lá huma caveira,
 Não sey de que modo, ou como,
 Que foy da morte hum affomo,
 E eu não me espantey só
 Fosse todo o corro pó,
 Sahindo o memento homo.

II.

Sahio o bom Cavalleiro
 Ao terreiro por louquiffe,
 Melhor fora se sahisse
 Outra vez para o terreiro:
 Correr no dia terceiro
 Por velho se lhe devia,
 Pois taõ seco parecia,
 Que dizem todos abfortos,
 Que para resurgir mortos
 Sahio no terceiro dia.

III.

Não houve lá novidade,
 Porque o que correo foy velho,
 E entaõ vi como em espelho
 O quanto corria a idade:
 Confesso-vos na verdade
 Grande passatempo havia,

Que

Que como o velho fazia
 Figura do tempo alli,
 Vendo-o a elle entaõ vi
 O quanto o tempo corria.

IV.

Fez ao Rey com graõ cuidado
 Sua cortezia usada,
 Mas quando o vi na estacada,
 Fiquey de novo admirado:
 Porque nelle retratado
 Vinha o tempo da verdade:
 Tive só por novidade
 Vello cortez desta sorte,
 Pois nunca o tempo, e a morte
 Respeitou a Magestade.

V.

Quando a cavallo sahio
 Caveira com tal valor,
 Naõ sey como de temor
 Toda a gente naõ fugio:
 Porém cuidio, que advertio
 A gente de melhor porte,
 Que caveira desta sorte
 Foy final de festa entaõ,
 E que logo a procissaõ
 Vinha atraz da boa morte.

VI.

Se nos versos não estanco,
 Quero dizer sem agouros,
 Que sahio de negro aos touros,
 Porém nas sortes em branco:
 Vinha no vestido franco,
 Só na capa parecia
 Muito curto em demasia,
 Té nisto nada lhe escapa,
 Pois de reliquias da capa
 Nos fez reliquia este dia.

VII.

Taõ curto o velho louçaõ
 Vinha de capa esta vez,
 Que toda ella lhe não fez
 Volume de cabeçaõ:
 Achey nos touros razaõ
 Em não quererem buscallo,
 Que mal pode dar aballo
 Quem sahindo ao terreiro
 Mal foy de capa toureiro,
 Não toureiro de cavallo.

VIII.

Naõ foy a capa notada
 De pequena neste dia,
 Porque o velho não podia

Com coufa muito pezada:
 Mas eu por grande, e sobrada
 A capa lhe naõ desprezo;
 Antes julgo foy graõ pezo,
 Com que a boca a todos tapa,
 Pois por migalha de capa
 Parecia contrapezo.

IX.

Naõ se lhe dava de vir
 Mal vestido deste modo,
 Porque logo o povo todo
 Lhe cortou bem de vestir:
 A capa deu bem que rir,
 Por vir no capricho guapa,
 Mas a quem nada lhe escapa,
 Diz por naõ valer dous cacos,
 Nem de capa de velhacos
 Servio aos touros a capa.

X.

Sahio com graõ defafogo
 Muito concho ao parecer,
 Mas teve muito que ver
 Meterse nas conchas logo:
 Quando o touro com mais fogo
 A carreira despedida
 C'os rapazes se metia,

Mostran-

Mostrando ser muito arisco,
 Pois por se livrar do risco,
 A dar nos cachopos hia.

XI.

Naõ mostrou nenhum desfar,
 Antes com muito ar sahio,
 E bem nas fortes se vio,
 Pois todas foraõ no ar:
 Ninguem póde murmurar,
 Porque andou muito advertido,
 E diz o mais entendido,
 Que a festa foy muy de ver,
 Por ver aos touros correr,
 E ver a elle corrido.

XII.

Homem de pé naõ trazia,
 Pois quiz mostrar nesta ves
 Ser homem de muy bons pés,
 Pelo muito que corria:
 E se acaso algum trazia,
 Era para algum garrayo,
 Como se este fora hum rayo;
 Porque para os outros touros
 Por naõ levar dous estouros
 Vinha sem hum só lacayo.

XIII.

Quando os circunstantes viraõ
 O velho com tanto fizo,
 Tanto cahiraõ de riso,
 Que c'os palanques cahiraõ:
 Todos no corro se riraõ
 De suas barbas louçans:
 As festas não foraõ vãas,
 Porque todos nesta hora
 Deitaraõ sua cãa fóra,
 Quando entráraõ suas cãas.

XIV.

Foraõ as festas taõ ufanas,
 Que a fama deu mil estouros,
 Porque se as festas saõ touros,
 O que o velho faz saõ canas:
 Eu não culpo acções humanas,
 Mas todo aquelle concurso
 Disse com muy bom discurso,
 Vendo-o fugir á ligeira,
 Que se corria á carreira,
 Foy porque corria o curso,

XV.

Em quanto no corro andou,
 Teve a festa bem que ver,
 Quando se quiz recolher,

Logo a festa se acabou:

Porque em quanto toureou,

Estiveraõ sempre os maraós

Ao som de grandes aós aós

Todo o touro bom he meu,

Mas tanto que se acolheu,

Logo os touros foraõ máos.

XVI.

Quando o terreiro correo,

Bem que fez com presumpçaõ

Terreiros de patacaõ,

Hum patacaõ naõ valeo:

Do Duque naõ pareceo

Ser feitura neste estado,

Porque se por seu criado

O homem muito valia,

Pelo pouco que corria

Naõ valeo meyo ducado.

XVII.

Porém depois se advertio,

Que se o velho mal corria,

He porque naõ se corria

Com o Duque, que o despedio.

Quando elle ao Duque servio,

Seu serviço, e assistencia

Sempre com graõ diligencia,

Com

Com grande excellencia fez:
 Porém quanto desta vez,
 Nada fez por excellencia.

A' morte de huma F. Clara.

D E C I M A.

TErrestre esféra deixou
 Por outra esféra mais clara
 Aquella exhalação rara,
 Que a ser estrella passou:
 Posso do que vendo estou
 O fim do Mundo inferir;
 Pois já se quer prevenir
 De huma estrella singular
 O Ceo para se pagar
 Daquellas, que haõ de cahir.

*A hum javali, morto pela Serenissima
 Infanta de Portugal.*

D E C I M A.

I.

AQUI yaze un javali
 Muerto por una Deidad,

I 2

Muriera

Muriera de vanidad
 A estar otra vez en sí:
 El passo suspende aquí
 Caçador, que al monte vás,
 Porque ninguno hallarás
 Ya en la selva con vida,
 Que este murió de la herida,
 Y de embidia los demás.

II.

No apressures la carrera
 Montero, si al bosques vás,
 Porque en el no hallarás
 Tan solamente una fiera,
 Que te resista sevéra,
 Porque una tan dulce herida
 Si a esta quitó la vida,
 A' las que no la quitó,
 La fiereza les dexó
 Em blandura convertida.

M O T E.

*Libertad quedaos a Dios,
 No espereis más de mi,
 Contentaos, que os perdi,
 Por quien vale más que vós.*

G L O S A.

I.

Cautivo mi coraçon
De la Divina bondad
Experimentó con razon,
Que tan dichosa prision
Era dulce libertad:
Y pues, libertad, con vós
Tengo cautiverio esquivo,
Quedando libre sin vós,
Pues ser libre es ser cautivo,
Libertad quedaos a Dios.

II.

Antes del trueque segundo,
Que hago siendo-os infiel,
No le juzgueis por cruel,
Fui con vós siervo del mundo,
Vós sin mi señora del:
Ganéme quando os perdi,
Dexéos pero por Dios,
Y pues os di quanto os di,
Y no espero más de vós,
No esperéis más de mi.

III.

Quando sin mi os tenia ,
 Y con vós a Dios no amava ,
 De ignorante no fabia ,
 Que en os tener me perdia ,
 Y en os perder me ganava :
 Y si por me aborrecer
 Holgais de quedar sin mi ,
 Vengad vós en no me ver ,
 Si os contentais de os perder ;
Contentaos que os perdi.

IV.

Pero sobra la constancia ,
 Que tiene mi sufrimiento ,
 Pues no llega en este intento
 El bien de vuestra ganancia
 Al mal de mi perdimiento :
 Yo fui perdido por vós ,
 Con vós pierdo el coraçon ,
 Hallé a Dios, ganando a Dios ,
 Y assi fué la perdicion
Por quien vale más que vós.

ROMANCES

V A R I O S

D O D O U T O R

ANTONIO BARBOSA

B A C E L L A R.

Advirta o Leitor, que muitos destes Romances achará em nome de outros Authores, o que ou foy por lhos attribuirem falsamente, ou porque elles se fizeraõ donos seus, que huma, e outra cousa temos colhido manifestamente ao conserir com cuidado muitos manuscritos.

Descripcion del Valle de Chelas.

ROMANCE.

D Onde más ufano el Tajo,
 Con presunciones de mar,
 O le tributa, o le bebe
 Al Oceano el crystal.

Yaze un valle siempre hermoso,
 Cuya verde amenidad
 Para exercitos de Flora,
 Es de Amaltea real.

Esta-

Estacion de los Abriles,
Tan bella, que por capaz
De perpetuas primaveras,
Aranjuez fecundo es ya.

Aqui donde las Auroras
Siempre amanecendo estan
Deseosas de dormir,
Quexosas de despertar:

Aqui donde los arroyos
Con suave agilidad
No se cançan de reir,
Y corren sin murmurar.

Aqui donde en verdes ramos,
De las fuentes al compaz,
Canta el ruyseñor sus quexas,
Siendo cada tono un ay.

Y le responden gustosos
Con temosa suavidad
Quantos Orfeos volantes
Le pertenden igualar.

Aqui pues, donde las selvas
Con esplendor natural
Ostentan pomposamente
La corte en la soledad.

Sumptuoso un edificio
Corona al ayre, que está

Desvanecido de verle,
 Y vano de le ocupar.
 Maravilla tan hermosa,
 Que aslombros pudiera dar
 A quantas en sus cenizas
 Venera la antigüedad.
 Este epiciclo de Soles,
 En cuja menor beldad
 El Cielo una copia es breve,
 Y el Sol una luz no más.
 Campaña fué de zafiros,
 Donde se vieran pizar
 De selvas de alados troncos,
 Montes de instable crystal.
 De aquellos dorados figlos
 Cuenta la posteridad,
 Que quando en golfos de plata
 El valle se vió surcar.
 Rompiendo campos de espumas
 Con fastosa gravedad,
 Fuesse del ayre tridente,
 O' fuesse rayo del mar.
 De su imperio obedecido
 Dió fondo en este lugar
 Baxel, sin que humano aliento
 Fuesse á la razon fanal.

Las venerables reliquias
 De viente, y quatro, que estan
 Del mejor Reyno asistido,
 El más supremo sitial.
 En el se allaron, y fueron
 Trasladas al Altar
 Deste Santuario insigne,
 Deste erario Celestial.
 Soldados son, que subieron
 A' la superior Ciudad,
 Por el conflicto al triunfo,
 Por la muerte á lo immortal.
 Natalia, Adriano, y Felis
 Son solos los nombres que ay,
 Para empeño á la memoria,
 Para exemplo á la verdad.
 Con devoto culto suelen
 Hazerles solemnidad
 Lo más noble de la Corte,
 Del valle lo más galan.
 Aqui mil Soles se apean,
 Y aqui mira cada qual
 A' las Estrellas tañer,
 Y á los Angeles cantar.
 Aqui del valle las Floras
 Con hermosa variedad

Muestran

Muestran, si no son perpetuas,
Que maravillas son ya.
Aqui dos cisnes del Tajo,
Que mueren a cada un ay,
Para bolverse a morir
Se han visto resuscitar.
No por eclytica ardiente
Hizo un circulo solar
Esta del luzido imperio
Luminosa Magestad.
Que tantas sacras memorias
No se vieslen celebrar,
O' con singular applauso,
O' con gusto universal.
Dizen que el mar desde entonces
Empeçára a retirar
La espumosa tyrannia,
Que usurpava imperio tal.
Pero quexoso se aparta,
Y tan quexoso, que está
Llorando aun su desdicha
En eterna soledad.
Siendo cortas a su llanto
De aguas la immensidad,
Quantas alverga en sus senos
Esta humeda deidad.

Y el valle deste diluvio
 Pudo escapando ostentar,
 Esse de los Paraisos,
 Mas que copia, original.

Este al fin que a alados pinos
 Era campo de crystal,
 Es ya pielago de flores,
 Golfo de esmeralda es ya.

Y por marinas deidades
 Oy poblada viene a estar,
 De Hamadriades hermosas,
 Que embidias al Cielo dan.

ROMANCE.

Donde el Tajo al Oceano
 Las playas bezando augustas,
 Mas plata en crystales beza,
 Mas oro en arenas chupa.

De la orilla se defata
 Pino alado, cuya furia
 Si antes argento zafiros,
 Ya buela escarchando espumas.

El Iris de sus penachos
 Cortando el ayre, que adulan,
 En vagas sierpes tremolan,
 Quanto en cambiantes ilustra.

Los remos el agua açotan,
Y aunque herida lo murmura,
Aunque siente sus desprecios,
Besa lo que fue su injuria.

Aguila de mil estrellas
Con sobervia pompa insulta
Todo el ayre en cada buelo,
Todo el mar en cada punta.

Al viento estiende las alas
Con tan sobrevia hermosura,
Que parece que las sopla
La vanidad, que la ocupa,
Llevando las Magestades,
Que el sceptro de luz empuñan,
Throno del ayre se ostenta,
Tridente del mar triunfa.

A su sombra el Sol parece
Que occaso el oriente juzga,
Pues en las ondas se pone,
Quando en los Cielos madruga.

A sus Syrenas el viento
En canto tan dulce escucha,
Que entre sus plumas dormido
Remoras son a sus fugas.

De affectos, y de bellezas,
Que almas, y alfombras ocupa,

O' ya la mueve el buen ayre,
O' ya los ayres la ayudan.

Mas no sufriendo los hados,
Que assi dure una hermotura,
Porque son flores las dichas,
Que quando nacen caducan.

O' fuesse del Sol imbidia,
O' fuesse del ayre industria,
Para que un leño se pierda,
Todo el orbe se perturba.

Y en un punto se estremecen
Las esféras tan confusas,
Que el Mundo en discordias tristes
Parece que en cháos se muda.

El ayre el seño enbravece,
El mar se puebla de furias,
El Sol la belleza eclipfa,
El Cielo el semblante muda.

Ronco el viento se rebela,
Sorda el agua tumultua,
Las luzes de horror se mueren,
Las sombras el dia usurpan.

Cruxe el mar, el ayre brama,
Arde el Cielo, el Sol se enluta,
Sombras, y rayos pelean,
Ondas, y uracanes luchan.

El pino alado, que un tiempo
Pabon ostentou sus plumas,
Y aora humilde paloma
Vaga, medrosa, y confusa.

De olas, y borrasca herido
Tan presto agua, y vientos cruza,
Que hiriendo nubes, y arenas,
Abismos, y estrellas furca.

Las ondas le precipitan,
Los vientos hazen que suba,
Estos, porque assi le borren,
Y esas, porque assi le encubran.

Mas bien que ambos elementos
Le arrebatan, y sepultan,
Uno impide, que se anege,
Otro estorva, que se unda.

Corriendo assi contrastada
A cada instante se occulta
Entre peñascos de vidrio,
Y entre montañas de espuma.

Ya sube, ya baxa, y vemos,
Que quien fue con pompa mucha
De quatro elementos palmo,
Es de pocas ondas burla.

O' mar, que entendido enseñas,
A quien tus glorias procura,

Que

Que quien fia en mar bonança,
Firmeza en las ondas busca.
O' fortuna que bien muestras
En variedades tan justas
Que siempre corre peligro
Aquel, que corre fortuna.
Flor reyna que a las Auroras
Sol de roficler madruga,
No tanto el nacar eclypsa,
Quanto el cierço la deslufa.
No palida la açucena,
Troncada de mano inculta,
Assi languida agoniza,
Y assi desojada mustia.
Como deste assombro ajadas
Tantas tiernas hermosuras,
El color pierden medrosas,
Y el alma inclinan defuntas.
Aplacar llantos, y gritos
Quieren de ayre, y mar las furias,
Y unos crescen la borrasca,
Outros el diluvio apuran.
Solo aquella Magestad,
A quien el peligro adula,
Porque gusta entre los riesgos
Ostentarse mas segura.

En confusiones, y sombras
 Que al fin desvanece, ó burla,
 Norte brillante es a todos,
 Sol deseado es a muchos,
 Juzga que le lisongeán
 Agua, y viento, pues procuran,
 O que estrellas la coronen,
 O abismos se le descubran.
 Afirma-se en que es respeto
 Del baxel la desventura,
 Pues baxarle es cortezia,
 Y sobirle no es injuria.
 A vientos, y olas se ostenta,
 Mas tanto que la debuxan,
 Leys de arena obedecen,
 Iras del ayre desculpan.
 Y al fin su espumosa meta
 Coronando el ave adusta,
 La tierra pobló de leys,
 Y el ayre vestió de plumas.

Pelo mesmo Author.

R O M A N C E.

OH que bien Sylvio idolátra:
 Oh que bien acusa Sylvio!

II. Parte.

K

Un

Un desden, una belleza
En queixas, y en sacrificios!
Tierno idolàtra, y quexoso
Accusa en solloços tibios,
De una Deidad lo sagrado,
De un desden lo fugitivo.
Ama tierno, gime mudo,
Llora blando, adora fino,
Y occultando su cuidado
Sabe morir de entendido.
Quantas vezes en sus labios
Troncó discursos sentidos,
Que nascian a ser queixas,
Y fenecian suspiros.
De su oblacion, y su pena
Anarda es dulce motivo,
Que nació para hermosura,
Y vive para prodigio.
Anarda, aquel dulce escollo,
Aquel buscado peligro
De tanto osado ardimiento,
De tanto amante deliçto.
Anarda, aquel desden blando,
Aquel rigor pertendido,
Que se olvida de lo bello,
Para matar con lo esquiyo.

Vióse Sylvio en una tarde,
Y en una tarde vió Sylvio,
Que le costa un mirar dulce
Un bolcan, un alvedrio.

Dos arcos vio, y postrado,
Dos soles vió, y rendido
Bebe a los soles las llamas,
Gasta á los urcos los tiros.

Verificóse en sus ojos
Aquel mentido prodigio
Del basilisco, que mata
Con los ojos encendidos.

Desde aquel punto tan otro
En el valle vive Sylvio,
Que quien le busca en el valle,
Le halla siempre en el martyrio.

A Anarda de Sylvio informan
Los ojos nó, los oidos,
Que de su pena es Anarda
El objeto, y el testigo.

Venturoso padecer;
Pues mirandola el motivo,
Ni se offusca la fineza,
Ni se malogra el servicio.

Oh padecer venturoso!
Oh como padece fino!

Tan casado con su daño,
 Que afecta su daño mismo,
 De contente con su pena
 Aun se niega a los suspiros;
 Que le aborrecen las queexas,
 Por lo que tienen de alivios.
 Remedio no pide al daño,
 Que como es dulce el martyrio,
 Negarse a un martyrio dulce
 Mas que piedad, es castigo.
 En las peñas, y los bronzes
 En mas dilatados siglos
 Durezas apuesta ingrata,
 Firmezas apuesta fino.
 Ella es bronze, peña es el,
 Cada qual resiste altivo,
 El a rigores de Anarda,
 Ella a finezas de Sylvio.

A H U M S O N O .

Do mesmo Author.

R O M A N C E .

Vió Lyfio a Clori, y dormio-se,
 No fue culpa el sueño en el,

Que

Que como es descanso el sueño,
Descansa, quando la vé.

Dormió Lyfio: oh que discreto

Aquel su descuido fué,
Que si el verla era ventura,
La ventura un sueño es.

Cortesía del respecto

Fue aquel sueño cortez,
Porque no digan los ojos,
Que llegan donde la fé.

O fué traça de mirarla

Con atención mas fiel,
Que es Sol Clori, y nadie al Sol
Sin cerrar los ojos vé.

Aquel lethargo mentido

Acierto fué, que si el
No la podia mirar,
De que le servia el ver.

Quasi es divino el objeto,

Y sabe Lyfio muy bien,
Que para objeto tan fino
Groslero un sentido es.

Asi porque no estorvasse

El sentir al entender,
Prendiendo entrambos los ojos,
Ojos hizo de la fé.

Cautelã fué, no descuido

Aquel desmayo cortez,

Porque no se sienta ella,

De que logra dichas el.

Que como a Lyfio aborrece

De Clori el sordo desden,

Por a horrarle un pezar

Quiso escusarse un plazer,

No se cré lo que se mira,

Luego gran fineza fué

No querer Lyfio mirar,

Por no dexár de creer.

Bien vista Clori es muy grande,

Entendida mayor es,

Y esse instante que la viera

Dexárala de entender.

Logrando el bien de su vista,

Hizierala carecer

De ser mayor, pues mayor

Es, que en su vista, en su fé.

Y por darla mayorias

Quiso minorarse el,

Mas aun en esto fué grande,

Que lo es no quererlo ser.

O quiso mostrarle Lyfio

Huyendo el logro del bien,

Que no haze caso de Clori
Por lograr, mas por querer.
Como ver a Clori es dicha,
Dormió-se Lysio esta vez,
Porque no quiso vivir
No habiendo de padecer.
Si es Musica de los ojos
La hermosura, justo fué,
Que se llegasse a olvidar,
Quien se llegava a attender,
Qualquiera belleza causa
Descuido, mas como es
Otra en Clori la hermosura,
Otro es tambien el poder.
Duerma pues viendola Lysio,
Para que se vea, que
No solo causa cuidado,
Si no descuido tambien.
Duerma pues viendola Lysio,
Visto que este dormir es
Efecto de su belleza,
Milagro de su poder.
Yo pienso que no fué sueño,
Suspension seria, que
Nació de que esta vez Lysio
Recogió al alma el ver.

Vió a Clori, y como el alma
Altar es sagrado, en quien
Idolátra siempre fino
A Clori siempre cruel.

Recogió la vista a dentro
Por cortejar esta vez
De aquella Clori la estampa,
De estotra Clori el pincel.

Halló mas bella el sentido
La del alma, y tanto, que
Por no saberla dexar
No se acordó de bolver.

Esse sueño es voz en Lyfio,
Porque dize mudo el,
Que si viendo a Clori duerme,
De mejor modo la vè.

Esta fue la causa; otros
Sigan otro parecer,
Mas qualquiera que ella fuesse,
Ello gran fineza fué.

O' venturoso zagal,
Pues aun en sueño fiel,
Quando no puedes penar
Has podido merecer.

AO MESMO ASSUMPTO

Em contraposição do antecedente.

ROMANCE BURLESCO.

Vió Lyfio a Clori, y dormiôse,
 No fue culpa el sueño en el,
 Que un hombre, que tiene sueño,
 No pecca en adormecer.

Dormió Lyfio: oh que discreto
 Aquel su descuido fué!
 Que quando ay sueño, el dormir,
 La mayor discrecion es.

Cortezia del respeto
 Fué aquel sueño cortez,
 Que al que mucho el sueño carga,
 Mucho se inclina tal vez.

No fue traça de mirarla,
 Odio parece que fue,
 Porque en quedarse dormido
 Mostró ni poderia ver.

Cayo-se dormido, y el sueño
 Verdadero acierto fué,
 Que cayer en si el hombre,
 El mayor acierto es.

Como

Como es divino el objeto,
De fuerte le estima, que
Descuidando-se de todo,
Se puso a soñar con el.

Tan poco quiso estorvar
A su sueño con la ver,
Entendiendo, que es lo mismo
Verla aora que despues.

No fué fineza el descuido,
Que el dexarse adormecer,
Fue para mostrarle a Clori
Que descansa sin la ver.

Dierale a Clori un pesar,
Y en verla fuera cruel,
Porque al verla sonoliento,
Fuera muy pesado en ver.

Como en su querida Clori
Ha puesto toda su fé,
Obligacion le corria
De ojos cerrados creer.

Andára muy ciego Lysio
En evidencias querer,
Porque en los lances de amor
Lynce es más, quien menos vê.

Si viendo a Clori la amára,
Fuera corto su querer,

Porque hiziera dependiente
 A su amor de su ver.
Como es luz Clori tan grande,
 No dudo a Lyfio caber
 En los ojos tanto objecto,
 Sin llegarfe a escurecer.
Como es luz Clori de Lyfio,
 Y se le aufenta cruel,
 En aufencias de su luz
 Queda a buenas noches el.
No quiere Lyfio forçado
 Amar su querido bien,
 Y por mostrar le ama libre,
 A fueño fuelto se vê.
La hermosura de los ojos
 Musica se dize fer,
 Y oyendo musica Lyfio
 Con roncocos quiso tañer.
Tan acordada, y tan dulce
 Era la musica, que
 Fué grande acuerdo el que Lyfio
 Defacordado se este.
Si Lyfio al oir tal canto
 Dexára de adormecer,
 Dormiera-se entonces Lyfio
 En fonoliento no fer.

Si es Musica por hermosa
 Clori su amada, quiso el,
 Por le hazer más consonancia,
 Clave a sus ojos poner.

Dormió Lyfio, y no pudiera
 Lyfio no se adormecer,
 Que como es Musica Clori
 Huvo de le suspender.

Como llevaba a mal ella,
 Que Lyfio la quiera bien,
 Por mostrar que bien lo lleva,
 Puso-se a buen llevar el.

Es Clori un profundo abismo,
 En que nunca se hallo pié,
 Y en el anegado Lyfio
 Qual piedra en poço se vé.

Como era Clori su vida,
 Lyfio por la mantener
 Quiso dormir, porque el sueño
 Sustento a la vida es.

Con rigores Clori altiva
 Fieros le acostumbra hazer,
 Y por mostrar no la teme,
 Se le puso a roncar el.

Como es negocio tan grande
 El rosto de Clori ver,

Lysio como tan prudente
Se quiso dormir sobre el.

Estas pueden ser las causas
Del sueño de Lysio, y quien
Otra le quiere assignar,
Sepa que soñada es,

Do mesmo Author.

ROMANCE.

Hermosissima Feniza,
En vós, y en mi coraçon
Divide amor igualmente
Mucha luz, y mucho ardor.
En vós, porque en vuestros ojos
A competencias del Sol,
En desperdicios de luzes
Adquieren adoracion.
Y en mi coraçon, porque
Concibiendo su splendor,
Soy el blanco de sus rayos,
De su ardor despojo soy.
Tanta luz, y tanto fuego
De tal modo me rendió,

Que

Que en desperdicios de vida,
Es la muerte adulacion.
Poco deveis a mi fé,
Poco deveis a mi amor,
Pues la gloria de morirme
Me sirve de galardón.
Porque es ventura tan grande
Saber morirme por vós,
Que lo que fuera fineza
Transformo en obligacion.
Quando pertendo obligaros
Con la fé, que contagró
Mi discurso a vuestra vida,
Mi deseo a vuestro amor.
Halla tan devido el culto
A vuestras aras mi amor,
Que lo que empieza servicio,
Acaba satisfacion.
Que a tantos merecimientos,
Y de amor tan superior,
Sus mayores desempeños,
Mayores empeños son.
Y así quando no os sirvo,
Es más mi veneracion,
Que el no poder agradaros,
Es mostraros superior.

Quant

Quando confidero aborto
Vuestra beldad, y mi amor,
Vós milagro, yo milagroso,
Vós hermosa, amante yo.
A mi coraçon le digo,
Dichoso eres coraçon,
Porque supiste elegir
Tan venturosa prision.
No pudo la libertad
Aprisionarse mejor,
Que uniendo en tales extremos
A tanta luz tanto ardor.
Dichosissima cadena,
En que qualquiera eslabon
No sirve de grillo al alma,
Antes le sirve de honor.
Arden coraçon, arden,
No quiero valeros, nó,
Que es descredito del gusto,
Pedir treguas al rigor.
Amad, amad a Feniza,
Que en tan feliz perdicion,
No ay vida como la muerte,
No ay gloria como el dolor.
Las glorias, que custan poco,
No tienen estimacion,

Que

Que en vano logra las dichas,
El que no las mereció.

Es merecer es arder

Arded, arded coraçon,
Que con tan hermosa causa,
La mayor pena es favor.

Ay dulcissima Feniza,

Servi-os de mi coraçon,
Que abrazado en tanta luz
Tanto a vós se confagró.

*Agradecendo à Rainha o havello apadri-
nhado em huma pertençaõ.*

ROMANCE.

Do mesmo Author.

NO parezca atrevimiento,
Augusta Flor de Sidonia,
A quien prostrado venera,
Quanto el Sol a rayos dora.

No parezca atrevimiento
Confession, que respectosa
Explica de una alma grata
Demonstraciones devotas.

No se offendén las Deidades,
De que entre las grandes pompas

Tocar magestosas aras
 Osen vulgares aromas.
 Pequeña offrenda agasajan,
 Y no desdennan por poca
 Rustica espiga, que ofrece,
 Pobre sayal, mano tosca.
 Si huviera de parecerse
 La oblacion con las personas,
 Ya mas a las Magestades
 Se agradecieran las obras.
 Como a la commun esfera
 Alto su ser se remonta,
 Poco vá de offrenda a offrenda,
 Si siempre es mayor que todas.
 No solo a los grandes rios
 El mar su tributo cobra,
 Tambien el arroyo pobre
 Halla cogida en sus ondas.
 Aunque son de almas humildes
 Las demonstraciones cortas,
 No por esto las exime
 La obligacion de deudoras.
 Deudor soy, aunque pequeño,
 Presento esta offrenda tosca,
 Que quanto de pobre tiene,
 Tanto lleva de devota.

Altas grandezas os firven,
Nadie soy, però, Senhora,
Entre tantas luzes grandes
Tambien arda esta luz poca.

Aunque acá se diferencian
Unas luzes, e outras sombras,
Respeto a vuestra grandeza,
Poco vá de unas a outras.

Aquel valle, que se humilla,
Y aquel monte, que se assoma,
Ambos igualmente distan
Dessa luminosa antorcha.

Como es grande la distancia,
Es la diferencia poca,
Que las ventajas del monte
En orden al Sol no montan.

Aunque mas el monte crezca,
Aunque el valle mas se esconda,
Igualmente dora al valle
El rayo, que al monte dora.

Lo vil de aquella espadaña,
Y de aquel laurel la copa,
Ambos igualmente beven
Del cristal, que el Alba llora.

Generoso amparo os deve
Esta mi fortuna corta,

Que lo que el mundo desprecia,
Sacra Magestade abona.
Si no me defengañaran
Noticias mias, Señora,
De ver que amparos os devo,
Tropeçara en vanas glorias.
Señora, vuestra grandeza
Mais gratitudes estorva,
Que no puede deuda tanta
Caber en alma tan poca.
Solo un medio se me ofrece
Para pagar tantas honras,
Pedir que otra vez me ampare
Vuestra eminente persona.
A las Deidades sagradas
Solo el ruego las suborna,
Pues les jura su grandeza,
Quien las ruega sus mejoras.
Parte-se El Rey, y aunque ausente
Vuestras memorias adora,
Siempre fué mais affectiva
La vista, que las memorias.
No se llame grosseria
Pediros, que otra vez oyga
El nombre profano mio
En vuestra sagrada boca.

Haſta aora ſe perdian,
 Señora, mis dichas ſolas,
 Mas oy ſi pierdo la dicha,
 En vós peligra la gloria.

A vueſtra grandeza zélo,
 No ſe diga, nó, Señora,
 Que quien os coſtó un amparo,
 Pudo perder la vitoria.

Honar fortunas humildes
 Es deuda vueſtra forçoſa,
 Que en hazer algo de nada,
 Mueſtra Dios ſu mano heroica.

A SANTA MARIA MAGDALENA.

ROMANCE.

SAnta já aos Pés de Chriſto,
 Como peccadora, chega,
 Troya abrazada em amor,
 Outra mais fermofa Helena.

Hoje ſe publica amante,
 Quem amada hum tempo era,
 Quem c'os cabellos prendia,
 Hoje a Chriſto os dá por prenda.

A JESU com mil vontades
Magdalena já se entrega,
Que não vay pelos cabellos,
Quem seus cabellos lhe leva.
Tantas lagrimas derrama,
Com ancia tanta lamenta,
Que das lagrimas, que verte,
Parece huma Magdalena.
Já se esquece dos peccados;
Pois seu peccado lhe lembra,
E já das culpas se offende,
Porque são de Christo offensas.
De sua vida a desordem
Outra melhor vida ordena,
Que a tanto tempo perdido
Tempo he de emendar a perda.
Já se doe, pois seus cabellos
Foraõ dos peccados preza,
Que por doerlhe o cabelo
Nelle as culpas remedeia.
Pertendente chega a Christo,
E como a Juiz o peita,
Que ainda que as mãos lhe não unta,
O faz aos Pés, quando os beija.
Hum precioso unguento compra,
Que como ferida leva

A Chriſt-

A Christo, para que a cure
Da chaga, que inda tem fresca,
A cabeça poem aos Pés
De Christo com reverencia,
Chorando a passada vida,
Que foy sem pès, nem cabeça.
Porém quando mais rendida
Os Pés sagrados lhe beija,
De ter muita mão com Christo,
Com muita razão se preza.
Com cuidado afflicta busca
Taõ santos Pés Magdalena,
Que he pé para ir ao Ceo,
Porse aos Pés de Christo em terra.
Já de pé a JESU busca
Melhorada a Magdalena,
Já de pé convalecida
Da sua antiga doença.
Hoje a Deos tem pelos Pés,
Quem já de mão dá á terra,
E Christo porque ella suba
Lhe dá á mão nos pés que beija,
Já recebe os Pés amante,
Mas he tanto cortez ella,
Que passar qual villaõ rude
Do pé á mão não intenta.

Mas

Mas Christo amante das almas
 Dentro da sua alma a hospeda,
 Que por conhecerse indigna
 A faz digna Deos a ella.

Qual cervo á fonte das aguas,
 A' fonte da vida chega,
 E de sua errada vida
 Nos olhos mil fontes leva.

Abum rio.

ROMANCE.

A Donde corres arroyo
 Con precipitado afan,
 Si es quien tu muerte fabrica
 Essa ambicion de ser mas.
 Por te augmentar te despeñas
 Dando a un valle tu caudal,
 Dime que augmentos esperas
 De quien te haze despeñar?
 Por muchos riscos te arrojas
 Al mayor riesgo, que está
 No en tu mayor desventura,
 Sinó en tu felicidad.
 En quanto fuente viviste,
 Fuiсте a mi ver tan capaz,

Que

Que por esso te hizo arroyo
Esta undosa magestad.

Gustavas en aquel tiempo
Junto de un pobre arrayan
De ser ruyseñor de nieve,
O' voz de plata no mas.

Oy quieres ser, despreciando
De la montaña el solar,
Sobre rio de la plata,
Mayorazgo de crystal.

Quien puede sufrirte arroyo,
Si el mismo Neptuno ya
Se teme de que pretendas
Ser de Thetis General.

Ambiciosos tus affectos
Deven de querer medrar,
Pues siempre a tus pretenciones
Por sendas torcidas vas.

Sin duda loco arroyuelo
Que hydropefia es tu mal,
Pues quando mas agua tienes
Corres mas sediento al mar.

Loco perenne sin duda
Eres, pues con furia tal,
Por irte a morir em guerra,
Huyes de vivir en paz.

Mas que te importan sobervias
Con que te veo espumar,
Si lo que es throno de prata,
Tumba de nieve será.

Corres ya tan perturbado,
Que de tu affombro mortal
Las flores te ven morir,
El Sol te mira temblar.

Si a grande del mar aspiras,
Como no vê tu caudal
Que aquello, que a muchos robas,
El tambien te robará.

Si mayor nombre pretendes,
Quien te obliga a no mirar,
Que en el cabo de la vida
Tus menoscabos tendras.

Por hazer corte a tus rielgos
Desprecias la soledad,
Oh que engañado caminas
De tu descanço a tu mal!

Enfrena, arroyuelo, enfrena
Tanto correr, tanto andar,
Que en la grandeza el peligro
Sin ser bien, es propiedad.

Sirvan de espejo a tus furias
Essos cristales, que van

Corriendo, porque los miras
Corridos por te mirar.

Prende en su misma corriente

Este furioso raudal,

Pues para no mal pararte

Te debes de reparar.

Mas para que te aconsejo,

Si sobervio empieças ya

De mi consejo a reir,

De mi zelo a murmurar.

Detenedle florecitas,

Paradle faúces, mas ah!

Que con befaros las plantas,

Tambien os sabe engañar.

Corre pues, loco arroyuelo,

Veremos si es dicha igual

A vivir por mis consejos,

Morir de tu leviandad.

ESTRIBILLO.

Pára, arroyo, no mas,

Pára no te despeñes,

Porque es necedad,

Morir por crecer,

Por subir declinar.

*Fazendo annos a Serenissima
Rainha de Portugal.*

ROMANCE.

LA Deidad, a quien el Tajo
 Cuerdamente presumido
 Por milagro reconoce,
 Reverencia por prodigio.
 La que siendo de los ojos
 Idolatrado prodigio,
 Hizo los palmos dichosos,
 Hizo los riesgos bien quistos.
 Del Abril en una Aurora
 Los años cuenta floridos,
 Si puede contarse en años
 Lo que siempre Aurora ha sido.
 Los años haze, y no ay duda
 Que en imperios tan altivos
 Quien oy puede hazer sus años,
 Tambien puede hazer sus siglos.
 En solo un dia los haze,
 Por mostrar en sus avisos
 Que haze mas en solo un dia,
 Que otros en lustros prolixos.

En

En todos sus años solo
Una primavera ha visto,
Porque todos los extremos
De sus años son principios.
De su edad la primavera
Veinte Abriles tiene unidos,
Si una primavera es tanto,
Quales seran los estios.
Dieronle salva las aves,
Porque en justos regozijos
El ayre le dieffen en córos,
Lo que antes dava en gemidos.
El Sol a dia tan grande
Tambien assistio festivo,
Mas temiendo de eclypsarle,
Se escondió como corrido.
Para que se viesse en ellas
Pararon fuentes, y rios,
Formando espejos de plata
Entre molduras de vidrio.
Como a su Diosa las flores
La adoraron por su estylo,
En fragrantés holocaustos,
Y en purpureos sacrificios.
Las Nynfas, y los Pastores
Con ostentosos caprichos,

La festejaron prostradas,
 La veneraran rendidos.
 Las selvas, y las montañas
 Tambien hizieron su officio,
 Puas fue pompa de esmeralda,
 Lo que era assombro marchito.
 Luzes vestieron los astros,
 Porque en dia tan luzido,
 Tuvieron mas una estrella,
 Un Planeta mas benigno.

ESTRIBILLO.

Todos la solenizan,
 Y en sus indicios,
 De ser años dichosos
 Se ven auspicios.
 En la flor de sus años
 Queda vencido
 De los siglos dorados
 Lo mas bien visto.
 Bien que todos son flores,
 Muchos han dicho,
 Que las flores en frutos
 Han excedido.

FABULA DE ADONIS

DO DOUTOR
DUARTE RIBEIRO
DE MACEDO.

POR entre hum bosque de Ninfas
Solicita Adonis feras,
Estas deixando sem vida,
E sem liberdade aquellas.
Leva de amor privilegios,
E de Diana licenças
Para castigo de brutos,
Para encanto de bellezas.
Contra as bellezas dos bosques,
E os moradores das penhas
Dos olhos fulmina rayos,
E das mãos despede tettas.
Lastima, e horror a hum tempo
Monte, e valle representa,
Naquelle gemendo brutos,
Neste suspirando Deosas.
Assim pelo bosque errando,
Oh quem lembrarlhe foubera,

Que saõ feras o que busca,
E Ninfas o que despreza.
Dando preceitos ao bosque
O mais occulto penetra,
Diversos sentindo estragos
Cada tronco, e cada penha.
De hum javali teve vista,
Que do Thebano podera
Ser perigoso trabalho,
E ser duvidosa empreza.
Logo por tirarlhe a vida
Ao arco a setta ligeira
Applicou com segurança,
E despedio com destreza.
Chegou ao corpo do bruto,
Nelle se escondeo violenta,
Mas foy por lugar, aonde
Com vital alento o deixa.
Voltou a fera offendida,
E mais fera que si mesma,
O offensor taõ cega busca,
Que não vio, que Adonis era.
Chega primeiro que o joven
Ao arco applique outra setta,
Que em odio de amor impede
A fortuna as diligencias.

Entre os dentes tyranniza

D' Adonis a gentileza,
E faz lastimoso estrago,
O que o tempo não fizera.

Hum tumulto de boninas,
Que fora de Venus prenda,
Cadaver opprime, adonde
Assiste com magoa a féra.

Prantos o valle occuparaõ,
E a repetida tragedia,
Das lagrimas os diluvios
Foraõ de Adonis exequias.

Em súpiros pela posta
Foy a nova a Cytherea;
Que pouco havia, que Adonis
Em laços de amor tivera.

Parte a buscar seu cuidado,
E de forte á dor se entrega,
Que feria os pés de prata
Pizando rusticas hervas.

Perde rubins de seu sangue,
E teve mysterio a perda,
Que quem dava ás flores fórma,
Esta vez lhe deu materia.

Rosa já no valle triste
Cada rubim se apresenta,

Já o imperio das mais flores

Goza defendida, e bella.

Em tanto chegou Dione

Onde cobria tristezas,

O corpo, que á mayor gala

Offereceo competencias.

Aos olhos seu sentimento

Trouxe mais copia de perlas,

Que quantas mostrando o dia,

Forão do campo riquezas.

Affim diz: Querido Adonis,

Como he possivel vos veja

Sem vida Venus com vida,

Se não fora immortal Deosa.

Aqui despojo de hum bruto

Estais para magoa eterna,

Porque ter immortal vida

Me faz immortal a pena.

Quem póde luz dos meus olhos!

Aqui a voz ficou suspensa,

Que sabe a dor, quando grande,

Embargar acções da queixa.

O Ceo, que ás magoas attende,

Piedosamente decreta,

Que Adonis da selva gala

Bella flor honrasse a selva.

Já noutra fôrma o cadaver
 Vermelho goivo se ostenta ;
 Da belleza nasce flor,
 E do sangue flor vermelha.

Adonis amor de Venus
 Transforma o Ceo, porque intenta,
 Que o que quiz flor racional,
 Flor vegetativa o queira.

R O M A N C E

D O D O U T O R

A N T O N I O B A R B O S A

B A C E L L A R.

L Lora Blas, ó porque siente
 Desdenes, ó zelos: mas
 Quien sabe lo que son dichas:
 Suele las dichas llorar.
 Sabe Blas, que a la bonança
 Se sigue la tempestad,
 Y assi labra en el prazer
 Lagrimas para el pezar.
 Mudanças teme de Menga,
 Que sabe por otras ya,

Que

Que no escusan en muger
 Privilegios de Deidad,
 Nunca fue cuerdo el Piloto,
 Que furca feguro el mar,
 Que se vê, que rotas hastillas
 Señas de naufragio dan.
 Como en la flor yaze el aspid,
 Teme la tranquilidad,
 Y no logra lo que es,
 Por temer lo que será.
 Quiso curar lo Menguilla,
 Mas no se como podrá,
 Que es el temor en quien ama
 Dilatada enfermedad.
 Quiso curarlo Menguilla,
 Y siendo prologo un ay,
 Y cada voz un hechizo,
 Dixo suspirando a Blas:
 Bien veo Blas, que un temor
 Es hijo del discursar,
 Mas de los muy entendidos
 Es essa la necesidad.
 Temer el mal en el bien
 Sirve de ayudar el mal,
 Pues no le escusa el venir,
 Y duele antes de llegar.

Logra el bien, mientras es bien,
Dexa al tiempo lo demás,
Que en el temor de perderle
Pierdes la felicidad.

Si la fé, con que te adoro,
Gravada en el alma está
Immortal será la fé,
O el alma será mortal.

Respiró Blas al remedio,
Y Menga por desterrar
Todo el achaque, procura
Curar de una vez el mal.

Breve prision de un jasmin
Le fia el tierno coral,
Prenda que luego en lo breve
Pareció dicha de Blas.

Applica el zagal la vista
Al objecto, quanto mas
Lo penetrava, imagina
Que era de Menga un lunar.

Y no era sino la aljava,
En que las flechas estan,
Que amor por vezes a Menga
Le pedio para carcaz.

Medroso, y agradecido
Recibe la prenda Blas,

Y ni la acaba de ver,
 Ni la acertava a tocar.
 No creyó Blas su ventura,
 Y fue treta singular
 Para no morir del gusto
 Dudar la felicidad.
 Tomóle en la mano, y luego
 Con adoracion igual
 Iba a bezarle rendido,
 Mas no tuyo que befar,
 Lo supremo del favor
 Puso de fuerte el zagal,
 Que oy aspira a posfluir,
 Ayer no osava esperar.
 Lastima zagalejas
 Del pobrezillo Blas,
 Pues le tienen sin juicio
 Dos dedos de cordovan.

Queixando-se.

ROMANCE.

O Uvi, solitarias selvas
 Lagrimas de cento a cento,
 Suspiros de voz em voz,
 Soluços de ecco em ecco,

Ouvi, que inda que algum dia
 Vos parecesse grosseiro,
 He já costume dos males
 Apurar o entendimento.
 Que o saber sentir desgraças
 Faz aos tristes taõ discretos,
 Que hoje tem mais de entendido,
 Quem tem de ventura menos.
 Selvas, offende-se Anarda
 De conhecer, que me queixo,
 Como se a queixa naõ fora
 Filha do merecimento,
 Naõ me queixara dos males
 A naõ ser ditoso hum tempo,
 Pois nunea o veneno mata
 A quem sustenta o veneno.
 Mas se aquella gloria minha
 Só para perderse veyo,
 Donde as memorias saõ magoas,
 Que queixas seraõ silencios?
 Verdade he, selvas, que a Anarda
 Tanto por amalla devo,
 Que naõ merecendo muito,
 Morrer por ella mereço.
 Porém como a dor soçobra
 Das veneraçoes o affecto,

Alentos são das loucuras
Da fineza os defacertos.

De mais que se hum tempo Anarda
Agradeceo meus excessos,
Não sentir ser desgraçado
Fora estimar ser grosseiro.

Se desprezara os favores,
Que logrey ditoso hum tempo,
Já agora se me não dera
De lograllos, ou perdellos.

Já eu vi, selvas amigas,
Darem-me seus olhos bellos
N'huns não sey ques de bem visto
Muitas vanglorias de aceito.

Mas se custa sempre muito
O mal, que se espera menos,
Desgraça foy ser ditoso,
Ventura fora não sello.

Mas se he vontade de Anarda,
Fazerlhe a vontade quero,
Pois por andarlhe á vontade
Ando sem entendimento.

Se ouvirdes dizer, que acabo,
Não o creais, porque he certo,
Que a vida dos desgraçados
Inda he mayor que dos nescios.

Em metafora de batalha.

ROMANCE.

Verde, y olorosa batalla
 Se estavam dando las flores,
 Quando impuso treguas de ambar
 A sus dos campañas Cloris.

Retiró-se mal herido
 El clavel fragante joven,
 Y en su purpura bañado
 Se murió, como otro Adonis.

Al atambor de un arroyo,
 Que a embestir tocava entonces
 Despertaron dos clarines
 En dos pardos ruyseñores.

Palidamente cobardes
 No sé quantos gyrasoles
 Dieron en dorada fuga
 Verdes espaldas al golpe.

Sus golpes ató la rosa
 Con cinco verdes listones,
 Siendo en melindres de nacar
 Lastima roxa del bosque.

Candida mosquetaria,
 Nevadamente conforme
 Entre campos de açucenas
 Se davan cargas de olores.
 Oye Cloris, que ya el prado
 Para etarnizar tus soles
 Mortalidad de fragancias
 En dulce batalla opone.

ESTRIBILHO.

AH del valle, ah del bosque,
 Que lo lindo se baraxá,
 Y lo tierno se deshoja:
 Y en tantas confusiones
 Nieves a nieves,
 Flores a flores
 El Santiago se dan,
 Se dan de olores.

A hum defengano.

ROMANCE.

YA' no mas dulce veneno,
 Sirena de mis sentidos,
 Aspid, que con sueños matas,
 Venenoso basilisco.

Argel

Argel de mis pensamientos,
Intricado labyrintho,
Donde el alma se ha perdido,
Y de la razon el hilo.

Fiera Circe encantadora,
Engañoso crocodillo,
Que simulando traiciones
Matas con llanto fingido.

Libre ya de tus prisiones,
Rotas esposas, y grillos,
Ya no arrastrando cadenas,
A mi libertad aspiro.

Como el misero, que escapa
Del naufragio, y sus peligros,
Viendo la muerte a los ojos
A una debil tabla azido.

Del mar de mis confusiones,
Y de un loco barbarismo
Al puerto del desengaño
Dichosamente he salido.

Bien nacido desengaño
De un engaño mal nacido,
De mis locos pensamientos
Sois espejo claro, y limpio.

En cuyo crystal retrata
El alma sus desvarios,

Mirando en el sus desdichas
 Retrataadas a lo vivo.
 Las flores de la hermosura
 Este fruto han producido,
 Tristezas, penas, dolores,
 Congoxas, ancias, suspiros.
 Al templo del desengaño,
 Y a sus paredes dedico
 Estos despojos ganados
 De tanto tiempo perdido.
 Engaños, y desengaños
 Aqui quedareis escritos
 Para exemplo de los cuerdos,
 Y de los locos aviso.
 Gerardo el desengañado,
 Despojado, y peregrino,
 Por fruto de aquestas flores
 Desengaños ha cogido.

ROMANCE PASTORIL.

P Astora dos olhos negros,
 Que guardas brancas ovelhas,
 E deixas tantos em branco
 C' huma ventura taõ negra.

Tu

Tu que na ferra pareces
Quando menos huma estrella,
E no valle, a quem te adora,
Entaõ lhe pareces ferra.

Tu, que no monte, e no prado
Dás que dizer ás mais bellas,
Humas por te ter amor,
Outras por te ter inveja.

Esse teu negro cabello,
Porque aos olhos se pareça,
A muitas almas he vida,
A muitas vidas he pena.

Delle fórma amor menino
Arco, e juntamente setta,
Aquelle, com que faz tiro,
Estoutra, com que atravessa,
A boca quem quer dirá
Quando a vir toda vermelha,
Que se he rubim pela cor,
He rubim pelo pequena.

Ou tambem, que se envergonha
Creyo que affirmar podera,
De ver que anda entre dentes,
Sendo o exemplar da belleza.

Qualquer bonina, que pizas
Porque co pé se pareça,

Inda que pequena flor,
 Se quer fazer mais pequena,
 O cajadinho, que trazes,
 Sabido he, que foy frecha,
 Que no teu peito cajado
 Se fez por mais duro, que ella.
 Essa pelle, que te abriga,
 Se he de cordeiro, ou de ovelha
 Não sey, porém dizem todos
 Que tens condiação de féra.
 Basta que serra te chame,
 E para serra Morena
 Muito te vejo de neve,
 Muito tens de Portugueza.



S. A U D A D E S
D E L Y S I S
 N A A U S E N C I A
D E A O N I O .

Pelo mesmo Author.

NUM bosque solitario,
 Solitario de sorte,
 Que habitaçãõ da morte
 Parece, ou secretario
 Da noite, se não era
 Parto da confusaõ, confusa esfêra,
 Entre mudos penedos
 Estava hum com voz, Lysis, aquella,
 Que vio Aonio, quanto ingrata bella,
 Comovendo os rochedos
 A mudo sentimento
 Com crystal, que desfata
 Chorando-o bella, e despenhãdo-o in-
 Movida do tormento (grata
 Do que via teria
 Aonio ao apartarse aquelle dia,

Quan-

Quando se apartava
 Da sua Lysis, que mais que a vida ama-
 Assim sentia, quando (va.
 Sentio, que murmurando
 Se despenhava hum rio,
 De sorte despenhado,
 Como se fora atraz de algum cuidado
 E do bosque sombrio,
 Onde estava, começa
 A ajudarlhe com lagrimas a preça,
 Dizendo desta sorte:
 Corre, rio, não pares, que a morte
 Busca tua corrente,
 Neste estanque contente
 Tambem busca o socego,
 Que desque fez emprego
 De Aonio o mal tyranno,
 Desconto de teu dano,
 E de meu mal desconto,
 Chegou a vida a ponto
 Taõ infeliz de sorte,
 Que busca a vida quẽ procura a mor-
 Assim corres ligeiro, (te:
 Que debes beneficio
 A esse precipicio,
 Por mais que peruleiro

Lhe

Lhe pagues o agasalho,
Que te dá prateado a teu trabalho,
Que se não fora, foras,
Errando o monte, e o prado,
Indo quando apressado,
Fazendo taes demoras
Neste bosque sombrio,
Que antes de verte mar, morreras rio:
Assim corre veloz, segue apressado
Tua derrota, e o prado
Será muy brevemente
De ramas florecente,
Sendo por donde fores
Se espelho de crystal, bosque de flores.
Mais queria dizer, mas estorvoulho
Sedento hum cordeirinho,
Que se chegou á fonte,
Corpo nevado, qual nevado arminho,
E depois de beber no branco escolho,
Vio figurado o monte,
De que provando o verde,
Quem vio delgraça tal! a vida perde,
E agonizando frio,
Passa praça de neve, e corre rio,
E Lysis, que isto via,
Como o que mais sentia

Era fugirlhe a morte,
 Que he já muy frequentado
 Só nisto ter ventura hum desgraçado,
 Desta sorte com ais lhe inveja a sorte:
 Se he que sente ocioso,
 Quẽ sente o dano, em quẽ remedio es-
 Não sintas, não queixoso, (pera,
 Deixa o pranto, q̃ he vicio, considera
 Que te estás lamentando
 De hũ mal, q̃ por teu bem estás logran-
 Sem te custar cuidado (do:
 O lobo carniceiro,
 O monte, e outeiro,
 A relva, o bosque, o prado,
 A calma, a neve, o frio,
 Hoje que vives rio,
 Quando morres Narciso,
 Trocando neste humano paraíso
 Do bosque, alento manso,
 O trabalho em descanso,
 O cuidado em socego,
 Que tãto faz, quẽ faz da morte empre-
 Assim deixa sonoras (go
 As lagrimas queixosas,
 Que em vaõ suspiras, pois sê causa cho-
 Deixame a mim que sinta, (ras:
 II. Parte. N Que

Que finta mal taõ forte,
 Como he querendo, naõ topar com a
 E tu logras festivo (morte;
 Nessa nevada tinta,
 Crystallina lifonja, arminho vivo,
 Hum bem, que só mereces,
 Hum bem, que tal o vejo,
 Que mais me foge, quando o mais de-
 Mas basta o desejallo (sejo:
 Para naõ alcançalo,
 Como em ti o nãceres innocente,
 Para lograr o bem, que choro ausente.
 Aqui chëgava apenas
 Queixosa Lysis, quando
 O vento suavizando
 Primavera de pennas,
 Hum pintasilgo pardo
 Ostentaçaõ fazia
 Da canora, e suave melodia
 Sobre hum viçoso cardo,
 Ramo de coral verde,
 Que em seco de abrazado o verde per-
 E quando mais festivo (de,
 Se imaginava vivo,
 Armada de ambiçaõ, de astucia arma-
 Baixou aguia elevada (da,
 De

De namorar do quarto Ceo a esfera,
 E taõ vivo o tragou, q̃ dentro ao peito
 Foy acabar a desgraçada ave
 Da colaria a suave
 Cançaõ, com que chorando
 A vida terminou, Cysne cantando.
 Lysis, que o mesmo effeito,
 Ou a mesma desgraça
 Tomára ver na sua venturosa,
 Triste diz contra a aguia:
 Ave se passas praça
 De piedosa, que causa
 Te moveo a pôr pausa
 Desta innocente ave
 A' vida triste, á cançaõ suave?
 Dize, tyranna forte, (te?
 Achas piedade em darlhe a ella a mor-
 A mim por darma, por naõ dar-me a vi-
 E se presumes reyna, (da,
 Como em teu peito reyna,
 A tyrannia, dize,
 A morte dás, sem te custar abalo,
 Como assim tiras a vida de hũ vasfallo?
 Sem temeres cruel de ti que avize
 Por todos a injustiça,
 Que mal pôde ser reynar a semjustiça;
 N 2 E se

E se do firmamento
 Es emplumada estrella,
 Galanteo mayor da luz mais bella,
 A cuja vista passas,
 Planeta presumida as ameaças
 Teme do abatimento,
 Que movido do espanto
 Diz não he celeste quẽ se humilha tã.
 E se por verte forte (to:
 Lhe dêste a ella a morte,
 Mayor valor mostráras
 Se em mim executáras
 O golpe, pois consiste
 A mór força no dar a morte a hũ triste;
 Mas não te culpo a ti, a mim me culpo,
 Pois sou taõ desgraçada,
 Que não mereço nada:
 E tu cujo infortunio já desculpo,
 Não tens, não, que chorar, q̃ em balde
 Quem chora a vida agora, (chora,
 Agora que segura
 Das astucias da caça
 Vives, q̃ por teu mal a industria traça.
 Qual como o bosque escuro
 Deixou triste o discurso,
 E com natural curso

Para

Para o monte subio, a ver se fóra
 Era lá taõ feliz, como cá era
 Dentro taõ desgraçada: oh raro passo!
 Consultando hũ espelho em cada pas-
 Com pranto sobe, quando (so,
 De quatro em quatro lagrimas manan-
 A imitação dos ais q̃ triste dava, (do,
 Do que amante anhelava,
 Lhe profanou seu curso
 De brutas vozes rustico discurso,
 A que dando attenção, vio curiosa
 Numa penha partida
 Hum leaõ, magestade rigorosa
 Das féras, que chorando estava a vida,
 De lado a lado de hum arpaõ passado,
 Que na gruta o tinha embaraçado;
 De que Lysis movida,
 Tratou de darlhe vida,
 Com acabar cruel de darlhe morte;
 Dizendo desta sorte:
 Ah infeliz tyrano,
 Imagem de meu dano,
 Retrato do tormento,
 Que padeço, se chega o bruto attento
 A's vozes, e aos passos,
 Que sentia soar, pensando que eraõ
 Daquelles

Daquelles, que lhe deraõ
 Principio ao seu mal, em taes enlaços
 Se vio, que receoso
 Empunhou toda a força, para a vida
 Poder livrar da penha dividida,
 E do arpaõ rigoroso,
 Com que estava impedido,
 Mas foy de balde, pois ficou partido;
 Mais Lyfis o ficou de ver que trata
 A natureza ingrata
 Com piedade a huma féra,
 Pois muito bem podéra
 Pela mesma razaõ com Lyfis selo,
 Pois tambem com Aonio o foy hũ dia
 Dandolhe com tal zelo,
 Logo em vendo a affligida,
 O remedio na morte para a vida;
 A ella que padece,
 (Suas saõ tyrannias)
 Ha tanto, naõ merece
 Hũ mal, q̃ ninguẽ quer, hũ mal q̃ chora,
 Só por chorallo o bem ausente: agora
 Que consolando a féra,
 Assi se consolava
 Desta sorte com lagrimas, e queixas:
 Ditosa tu, que deixas,

Quem tal vida me dera!
 Quando te cança a vida,
 Que a forte te invejava,
 A minha he taõ escura,
 Que quanto mais me cança, mais me
 Ditosa tu, que apenas (atura,
 Vivias mal, oh féra!

Co duro ferro, quando
 Recebeste o alivio desejado,
 Triste da que entre penas
 Padece ha tanto, sem q̃ ha tanto tempo
 Mereça o passatempo,
 Que em ti vejo estragado,
 Do alivio (ay de mim) q̃ estou chorando
 Ditosa tu que vives (do:
 Quando morta, segura
 Das traições, que te traça a caça dura;
 E triste da que morre, quando vive,
 Sem que segura viva

Das traições, q̃ lhe traça a traça elqui-
 Mais Lysis proleguira, se naõ fora (va.
 A montanhez caterva,
 Que em busca do leaõ chegar se via,
 E como o mal naõ queira companhia,
 Se foy regando a herva (chora,
 Para o bosque outra vez, onde assim
 Debaixo

Debaixo do arvoredado,
 Qual jũto de hũ penedo outro penedo.
 De hum funebre cypreste,
 Que com Lysis sentindo horrores ves-
 Retrato, e companheiro (te
 De Lysis verdadeiro,
 Donde filosofando,
 Ou reitando breve
 A gloria, em que se vio, o bem, que te-
 Se aliviava, quando (ve,
 O Regedor das luzes,
 Já com confusos rayos,
 Da confusaõ lacayos,
 Encapotava em funebres capuzes
 Os montes, retratando
 De Aonio o triste caso,
 A toda a pressa lá para o occaso,
 As sombras arrastando,
 Ou por querer a sorte
 Gozar de Aonio, caminhava a morte,
 Querendo deste modo,
 Ao que mais me accommodo,
 Pagarlhe o imitallo
 Com imitallo agora;
 Ou como do Sol he á bella Aurora
 As lagrimas as beber, e chora tanto

Lysis,

Lysis, q̃ he fraco o Sol para tal pranto,
 Porque calor naõ tem para enxugallo.

E Lysis com cuidado

Do tempo lhe faltar (que tudo falta
 A quem he desgraçado,
 Tirando a vida) já com voz mais alta
 Mais altamente suspirando, ardendo,
 Aonio (diz) já quando o Sol morrêdo:

Principe das estrellas,

Em cujo nascimento

Perdem seu luzimento,

Se he que te move o vellas

Desluzidas, a querereres

Tornarlhe o luzimento com morrereres,

Movaõ-te tambem pias

Estas, que agoras deixas

Em meus olhos em vaõ formãdo quei-

De naõ te verem pias, (xas

Que he razaõ, se he que bellas,

Te movaõ estas, pois te movem aquel-

Affim pois Potentado, (las.

Das luzes dispenseiro,

Dispensa hum pouco por agora o dia,

Que dilate seu curso costumado,

Pois o fizeste já, quando o guerreiro

Josué pertendia

Acabar

Acabar de vencer aos que vencias;
 Que se dás por desculpa
 Tudo com tua ausencia não ter culpa,
 E querer, que este emprego
 Logrem também felices meus peza-
 Também se reparares (res
 Has de achar discursivo o q̃ te culpa,
 Na desistida empreza,
 Que esse locego tem, quem tem triste-
 E fora disparate, (za;
 Quando amante me deixas
 Não te seguir com queixas,
 Vendo tu, que amor mate
 A meu pezar não he mais, que o dei-
 Assim que Presidente (xarme.
 Das esféras brilhante, (yos
 Deixa brilhar hũ pouco mais teus ra-
 Com q̃ amãte me livras dos desmayos
 Quando a ti da partida,
 Que igualmente aos dous nos custa a
 Que he razão, se prudente (vida;
 Reparas neste instante,
 Que só hey de lograrte,
 Que ver te deixes, pois deixaste amar-
 Assim Lysis dizia, (tc.
 Dizia suspirando

De ver de quando em quando
Cada vez mais no Sol faltarlhe o dia,
Cuja falta suspira
Com lastimoso peito,
Por deixar seus suspiros sem effeito;
E ver de que se admira
Sendo seu passatempo,
Que até para chorar lhe falta o tempo:
Mas que muito he faltarlhe,
Só por mais penas darlhe,
Para se lastimar o tempo, quando
Aonio lhe faltou, que suspirando
Vivera eternamente
A lho não impedir o Sol ausente,
Pelo que de o fazer agora deixa,
Descançando da queixa para a queixa.



SAUDADES DE ALBANO,

PELO DOUTOR

SIMAÕ TORRESAÕ COELHO.

I. PARTE.

Solitaria espessura
De sylvestre arvoredado enriquecida,
Por entre cujas ramas deliciosas
Lascivo o vento brinca,
E as aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas,
Dizem com doce voz, cõ doce acento
Seu brando sentimento (ao rio
Ao campo, ao monte, ao prado, á fonte,
Na Primavera, e no calmoso Estio.
Ouvi de hum pastor triste
De injusto amor o sentimento justo,
Que entre os segredos de sua alma es-
Atégora encuberto, (teve
E queixarse temia

Rendido

Rendido de amorosa cobardia,
Se já mais que temor, não foy respeito,
Com que dentro em seu peito
Venera as semrazões de Delia ingrata,
Que vendo resuscita, e vendo mata.
Ouvi em quanto desce (ouro,
Do mais alto do Olympo em carros de
A descançar nas crystallinas ondas
O Caçador de Delo,
De caminhar cançado, (do,
E em quãto o Ceo em purpura banha-
Risonho espera a noite mais serena,
Em quanto canta, e pena
Suavemente o rouxinol lascivo,
De hũa alma morta o sentimento vivo.
Que eu sou Albano aquelle,
Que tantas vezes visteis mais ligeiro,
Que o vento leve neste monte inculto,
E asperos rochedos
Espedaçar as féras;
Albano sou, que tantas Primaveras
No verde Abril de meus primeiros an-
De amorosos enganos (nos
Isento, e livre aqui nesta espessura
Vivi mayor que o amor, e que a ventu-
Albano sou, que agora (tura.
Despojo

Despojo vil de amor ao carro atado,
 Nem liberdade, nem remedio alcãço,
 Que amor me roubou tudo,
 E a tal miseria chego, (go,
 Que vou contête, onde me leva hũ ce-
 E vendo os precipicios me despenho,
 Que por descanço tenho
 (A' minha presunção justo castigo)
 Meu fatal dano, e meu fatal perigo.

Aquelle sou, que adora (iras,
 De Delia as femrazões, de Delia as
 Que figo a que me mata, e que venero
 A mesma tyrannia;
 Eu sou, quem desprezando
 Eternos templos ergo a meu cuidado,
 E mais de amor que de esperanças rico
 Minha alma sacrificio
 (Ardendo nos incêdios deste inferno)
 A' minha fé, e a seu rigor eterno.

Porém eu não me queixo (to
 De Delia, nem de amor, lhe devo quã-
 Meu levantado pensamento, e tanto
 Devo a meu pensamento
 Que soube cativar-se
 De Delia, não temendo despenhar-se
 Faetonte novo de tão alta esféra,

E a

E a Delia ainda que féra
 Devo o matarme cõ seus olhos bellos,
 Devo abrazarme ao sol de seus cabel-
 Sómente a mim me queixo (los.
 De mim mesmo, q̃ aspiro a tãta gloria,
 Que sendo humano, ser divino quero
 Contra a razaõ, e o fado,
 Que he grande defatino,
 Soberba presumpçaõ de ser divino,
 Em quem paga a pensaõ de ser huma-
 Porém amor tyrano (no;
 Me empresta as azas, cõ q̃ voo, e chego
 A' quella luz, em q̃ me abraço, e cego,
 E posto em gloria tanta
 Fallar naõ sey, que trasportado todo
 No resplendor de tanta fermosura,
 Até de mim me esqueço,
 Que o bem, que me tem mudo,
 Suspende o discursar, suspende a tudo:
 Nas delicias em fim desta alegria
 Novos alentos cria
 Minha alma, novo ser, nova esperança
 Só nellas vive, nellas só descança.
 Mav ay, que tyrannizaõ
 Me i coraçãõ por glorias já passadas
 Doces lembranças da passada gloria,
 Lison-

Lifonjas amorofas,
 Quanto melhor me fora
 Não vos lograr, por não chorar agora
 As faudades, que deixais perdidas
 Memorias homicidas,
 Quem podera fazer, que fer podera,
 Que em querendo esquecerme, me ei-
 Porém vive a memoria (quecera.
 No brôze da alma, eternamête escrita
 Com as settas de amor, q̄ tudo vencem,
 E triunfando dos tempos,
 Que em profundas cavernas
 Com ligaduras de diamante eternas,
 Ao soberbo Tifeo do esquecimento
 O ata amor violento,
 E se elle defatarfe em vaõ procura,
 Lhe dá em Flegra eterna sepultura.
 Em fim nestas lembranças
 Tudo o que vejo neste excelso monte,
 Ou o Ceo me mostra, a Delia me retra-
 Que a cor de que se veste (ta,
 O Ceo por mor belleza
 Poz nos olhos de Delia a natureza,
 Com perfeiçãõ mayor, cõ mayor gra-
 E Delia sempre efcaça (ça,
 De tanta luz, ingratamente nega

A luz

A luz de hús olhos, onde amor se cega.
 Olhos, onde brincando (tas,
 Lascivo amor das cores fórma as let-
 Com que conquista corações ifentos,
 E de se ver cercado
 De tanta luz contente
 As settas vibra, e rouba docemente
 Co bello azul daquelles olhos tudo,
 Quanto fere ao delcuido,
 E tudo quanto fere, ou cedo, ou tarde
 Arde de amor, e de ciumes arde.
 Rigorosos ciumes,
 Cuja cor rigorosa honrada agora
 Nos bellos olhos, com q̄ Delia abraza
 De Scythia a neve fria,
 Será mais respeitada,
 Mais querida de amor, mais venerada,
 Que a mesma gloria, sêdo o mesmo in-
 E voffo mal eterno (ferno,
 No bem de tantas glorias convertido,
 Será buscado, como foy temido.
 E quando no Oriente,
 Affoma nos balcoens o Sol mais puro
 C'os puros rayos, com q̄ fere os môtes,
 Espalha deliciofo
 Aquelles rayos bellos,

Parte II.

O

Hua

Huns longes me parecem dos cabellos
 Do bello Sol de minha Delia ingrata,
 Que saõ quando desfata (yos,
 Seus cabellos, de amor doces desfina-
 Madeixas de ouro, inundações de ra-
 Quando Cynthia toucando (yos.
 Rayos de prata em noite mais serena,
 Presumptuosa mostra o rosto bello,
 Que a noite torna em dia,
 E quando mais fermosa
 Emulação do Sol passeia ayrosa
 Pelo campo do Ceo pizando estrellas,
 E quando entre as mais bellas
 Mais bella, e mais vistosa respládece,
 Da luz de Delia hum rayo me parece.
 Quando as verdes mantilhas,
 Que de elmeraldas fórma a natureza,
 Começa de romper na Primavera
 A pudibunda rosa,
 E o golpe delicado
 Descobre em neve o rosicler banhado,
 De Delia a boca me parece, aonde
 Mil perolas esconde
 Amor, que nellas venturoso afia
 As armas, com que aos Deoses desafia,
 E quando sobre a neve,

Que

Que no regaço desta penha dura
Depositou Dezembro, a mão oufada
De pastor ocioso
Desfolha o roxo cravo,
Do nacar fino venturoso aggravo,
No cravo, e neve as bellas faces vejo
De Delia, onde o desejo (do,
Arde em rayos de amor, q̄ alli triūfan-
Rayos de fogo em neve está forjando.

Quando do engaste verde
Com sabia mão desfata a natureza
A fermosa affucena, imitadora
Da neve não pizada,
E quando mais pomposa
Do Sol os rayos brandamente goza
No primeito crepusculo do dia,
E quando desafia
A Cynthia na belleza, vejo nella
As brãcas mãos de minha Delia bella!

Aquellas mãos, que mostraõ
Da minha vida as fugitivas horas,
(Que sobre as azas, que lhe empresta o
Vaõ voando ligeiras) (tempo
Aquellas mãos, que escrevem,
Quando mayor adoração me devem,
Com fataes letras a fatal ruina,

A que o Ceo me destina
 Em pena de querer subir taõ alto
 Falto da ditas, de favores falto.

Porém, que importa, ó Delia,
 Que no Ceo dessa boca o cravo esteja
 Vestindo nacar, ou que as faces bellas
 De rosas desfolhadas,
 Ou purpura vestidas, (das?
 Desterrem mortes, ou promettaõ vi-
 Que importa, se nos olhos se retrata
 O azul, que as almas mata,
 E que nellas amor ande abrazado
 Ferindo os corações com arpaõ doura-
 Que importa, que os cabellos (do?
 Sejaõ mares de amor, ondas de amores,
 Rayos do Sol, ou fios de ouro fino,
 Sobre campos de neve
 Verse aonde amor deseja,
 E morrendo de amor matar de inveja?
 Que importa, que candida aflucena,
 Que na manhã serena
 Entre os braços do Sol abre lasciva,
 Sejaõ as mãos, com q̃ me amor cativa?
 Se este monte soberbo,
 Que de sylvestres arvores vestido
 Marmores tẽ por alma, e dos rochedos,
 Com

Com que fere as estrellas,
Se compoem arrogante,
Este aborto da terra fulminante,
Habitação de Esteropes, e Brontes,
Este monte dos montes,
Mais alto, mais inculto, e na aspereza
Hum portento fatal da natureza.

Na condição isenta

Vos affigura Delia, e vos retrata,
Marmore em cõdição no peito altivo,
Este altivo rochedo,
Que sobe á quarta esféra,
A ver do Sol o throno, (oh se podera
Ser Delia menos bella, ou menos dura!)
Mas não quer a ventura,
Por segredo de amor, que tudo ordena,
Que se dê gloria sem pensão de pena.

E que importa, se o passo

Brandamente moveis, q̃ a terra ufana,
Com tanta gloria dẽ boninas varias,
Vos alcatife o campo,
Que pasleais ayrosa,
Se fois mais, q̃ os penhascos rigorosa,
Mais q̃ os rochedos deste môte altiva,
Mais isenta, e esquiva,
Que as feras, q̃ apascêtaõ nestas flores,

E fu-

E fugindo de amor matais de amores?
 E se em fim quanto vejo
 Em terra, em Ceo, e tudo, o q̃ imagino,
 Me representa os males, que padeço,
 Que o azul do Ceo fermoso
 Me abraza, e me consume
 No fogo ardente de hũ mortal ciume,
 Que posto em vossos olhos homicidas,
 Se dá mortes, dá vidas,
 Mas no meu coração o ser trocando,
 Rayos de fogo ardente está vibrando.
 Nas estrellas luzentes
 Caracteres eternos, com que escreve
 Nas safiras do Ceo altos segredos
 O Author da natureza,
 Aquellas luzes bellas, (las
 Que naõ menos prelagios saõ, q̃ estrel-
 De futuros successos, (presumidos
 Porém nunca sabidos)
 Nestas estrellas quando mais sem cõto,
 Meus males leyo, e meus pezares cõto,
 Na corça, que enganada
 Do seu cego appetite, á rocha altiva
 Sobe ligeira, e della se pendura,
 Por colher atrevida
 Na sylva mais viçosa

O verde berço, aonde nasce a rosa,
E cahindo mil vezes se espedaça,
Vejo ao vivo a desgraça
Daquelle pensamento de que vivo,
Que sempre a despenhar-se sobe altivo.
No funesto cypreste, (prime,
Que o throno de Plutaõ co a plãta op-
E das grinaldas, que de estrellas tece,
No alto firmamento
Orna a cabeça altiva, (va,
A quem das cores nem Setembro pri-
Nem o viçoso Abril cores melhora,
Triste contemplo agora
Minha esperança, em q̃ meu ser cõsiste,
Que sempre verde está, sēpre está trif-
Na hera, que trepando (te.
Pelo carvalho verde deliciosa,
E em thalamos de ricas esmeraldas
O abraça lisongeira,
Com fingidos abraços,
Até que á terra o traz feito pedaços,
Vejo meu firme amor, q̃ brandamente
De me matar contente,
Alegre ao coração se abraça, e logo
Vibrando rayos, o consome em fogo!
Esta fonte, que nasce

No

No cume deste monte, e se despenha
 Pelos penedos desta rocha inculta,
 Sem melhores effeitos,
 Que negarlhe a ventura
 Igual ao nascimento a sepultura;
 Nas lagrimas, que choro, se retrata,
 Querendo, ah sorte ingrata! (to,
 Que tendo n'alma amor seu nascimen-
 Seja o sepulcro eterno esquecimento.
 O rouxinol suave,
 Que da consorte ausente a noite passa
 Em musicos suspiros, com que chora
 Suas ditas passadas,
 E juntamente canta,
 Novos passos fazendo de garganta,
 A's saudades, que padece ausente;
 Quando pena contente
 Comigo se parece, que amo tanto,
 Que em minhas penas minhas glorias
 Entre tantos contrarios, (canto.
 Sem mais favor, q̃ me defenda, ou vêça
 O rigor de continuas saudades,
 Que só meu sofrimento,
 Mil vezes desespero,
 Mas logo torno em mim, q̃ firme quero
 Vencer amando tanta tyrannia,

Porém

Porém he vãa porfia
 O querer abrandar amor, e a forte,
 E sendo amor, que me procura a morte.
 Mas pois amor ordena,
 Que rompa no melhor de minha idade
 A tea Cloto desta vida breve,
 Que ha tanto que aborreço,
 Pois tyranno consente, (te,
 Que em saudades morra estando ausẽ-
 Quem presente não vê senão rigores;
 Decretos superiores (gue,
 Não se cõtraitem, venha a morte, che-
 Antes que o fado tanto bem me negue.
 Que estes rochedos duros, (mado
 Com que este mõte inculto o peito ar-
 Resiste ao tempo abrazador de tudo,
 Me daraõ sepultura,
 Que saõ de amor segredos, (dos,
 Que tenha seu sepulcro entre roche-
 Quem tantos annos adorou constante
 Hum peito de diamante,
 Hũ coração de neve, hũ calpe altivo,
 Hum Ethna abrazador, hum rayo vivo.
 E aqui nesta espessura (do,
 Meu livre espirito eternamente erran-
 De amor injusto as minhas queixas jus-
 tas Estará

Estará repetindo,
 Os ecos saudosos,
 Formando nos rochedos cavernosos
 Novas razões, e novos sentimentos,
 Meus brandos pensamentos
 Consagrarão á mesma eternidade,
 E á minha Delia a minha saudade.

II. PARTE.

DAS SAUDADES

DE ALBANO,

Pelo mesmo Author.

QUando a rosada Aurora
 Nos balcões do Oriente
 Mostrava o bello rosto, desterrando
 Do Ceo tantas estrellas,
 Que cintillavaõ bellas,
 E dando a tantas flores
 As engraçadas, e diversas cores,
 Que a noite lhes roubara,
 Desvelado descia
 Do mais alto de hum monte,

Que

Que de arvores sylvestres se vestia,
De Delia Albano ausente,
Que triste, e descontente (ro;
Entre hum suspiro vaõ, e outro suspi-
Vay buscar de hum retiro
A solidaõ ditosa,
Onde o soberbo mar na humilde praya
Soberbas ondas vay desenrolando,
Nas ballizas parando,
Prescriptas pelas leys da natureza,
E como alli a tristeza
De eternas faudades, (vo;
Que o coração lhe abraza em fogo vi-
O descanso lhe roube, pensativo
Se assentou num penedo,
Que das entranhas de hũ fatal rochedo
Sobre o mar se pendura;
E o mar, que alli murmura
Co brando suspirar de vento brando,
Q; entre as ondas lascivamẽte errãdo,
Hũa vez as encrespa, outra as levanta,
Moveraõ guerra tanta
De faudades novas
No coração de Albano, que banhado
Em lagrimas de fogo
Começa o triste a lamentarse logo,
O vento

O vento a suspenderse,
 E o mar a não moverse;
 Em fim suspenso o vento,
 E suspenso do mar o movimento,
 Que tudo pelo ouvir seu curso deixa,
 Albano brandamente assim se queixa.

Ay minhas saudades,
 Que no melhor do coração triunfante
 Andais sem resistencia,
 A' custa da paciencia
 Accrescentayme as dores
 Dobrayme o mal, e cresça a tyrannia,
 Venhaõ penas mayores,
 Que sómente alivia
 A minhas graves penas
 Outras penas mais graves,
 Que amor fará tuaves,
 Porém poupayme a vida, (cança
 Por não perder a gloria, que a alma al-
 De amar, e padecer sem esperança.

O' Delia mais fermosa,
 Que a mesma fermosura,
 E mais cruel, que a mesma crueldade,
 Sede minha ventura
 Segui as leys, as leys da natureza
 Encontra meu destino,

Como a tua belleza,
A' tua crueldade,
Já mais imaginada,
Suspende pois a cortadora espada,
Suspende o rayo ardente
De teu rigor cruel, em fim consente
Senaõ em ser amante,
Se quer em ser amada,
Que nem amarte he culpa,
Nem he erro adorarte,
Senaõ se tens por culpa o respeitarte;
Q; o brãdo amor do meu ardete peito
Naõ he desejo, naõ, tudo he respeito.
Naõ te peço favores,
Que nem imaginallos me atrevera,
Tanto respeito Delia a magestade,
Que em teu gesto contemplo,
Hum templo, e outro templo
Dentro da alma edifico
Onde te sacrificio
Adoraçoens, respeitos,
Castos desejos, e afeição taõ pura,
Que naõ passa de amor, q' o ser amado
Naõ he merecimento, he ter ventura,
E toda minha dita, e minha gloria
(Dita, de que só trata

Quem

Quem trata merecerte)
 He adorarte Delia, e só quererte.
 Oh se quizeras contentarte ingrata
 Destes extremos meus, desta firmeza,
 Porém tudo despreza
 A tua tyrannia,
 O' Delia se chegasse inda algum dia,
 Em que trocada a condiçãõ tyrana,
 Me olhasses mais humana!
 Que collossos erguera,
 Onde ditas tamanhas escrevera! (do
 Que he o mayor trofeo de meu cuida-
 Hum voltar de olhos teu menos irado.
 Porém em vaõ me canço, em vaõ suspiro,
 Em vaõ ao vento leve
 Queixas espalho, que me leva o vento,
 Que nem meu sentimento,
 Nem minhas brandas queixas,
 Nem meus suspiros brandos (to
 Lavraõ diamantes, cõ q̃ o peito ingra-
 De Delia se defende,
 Em fim trabalho em vaõ, q̃ em vaõ per-
 Melhorar a ventura, (tende
 Quem sem ventura nasce,
 O' Delia, se eu cuidasse,
 Que de me ver penar te alegrarias,
 Que

Que doce meu tormento me farias!
Não te aconselho amor, só te aconselho,
Que olhes menos irada,
Que de teus rayos não se isenta nada,
Que aquelle, que ligeiro
Saltando pelo mar leve golfinho,
Ora se furta á vista, ora apparece,
Tambem sente, e padece
De amor a setta ardente,
E em tantas aguas tanto fogo sente.
E aquella ave, que canta
Varios passos fazendo de garganta,
Não canta, mas suspira,
Não se alegra, mas chora
As semrazões de amor; e a bella Auro-
Que agora sahe toucada (ra,
De tanta luz, de tantos rayos de ouro,
Aquelle seu thesouro
De perolas, que espalha
Sobre esses campos verdes,
Não são perolas não, não são rocío;
Lagrimas são do coração vertidas,
Onde sente as feridas
Da rigorosa ausencia
De hum caçador ingrato;
Oh quanto póde hum amoroso trato!
Em

Em fim quanto o mar cria,
 Quanto a terra sustêta, e quanto encer-
 O Ceo, tudo obedece (ra
 As leys de amor tyrano,
 Só teu peito inhumano
 Será, ó Delia, em Ceo, em mar, em terra
 Quê não sinta de amor a bráda guerra.
 Mas vendô que este mar embravecido
 Sobre os hombros do vento levantava
 Olympos de crystal, Pelios de prata,
 Donde irado arrojava
 Rayos da neve pura
 As mais altas estrellas,
 Tratando furioso de offendellas;
 E que agora sereno,
 Como de antes irado,
 Campo de prata, e de crystal parece,
 Aonde o brando vento
 Co brando movimento
 Encrespa a neve pura,
 Mil vezes a espessura
 De successo melhor me lisongea,
 Fazendome que crea, (dança,
 Que pôde em minha forte haver mu-
 Que em tudo pôde tudo o tempo leve:
 Oh se tambem fizesse,

Que

Que Delia me escutasse, e q̄ me cresse
 Mas ay, q̄ para mim não ha mar brádo,
 Que sempre triste em tempestades an-
 O' sem ventura amante, (do.
 Que ama a quem o despreza,
 E adora huma belleza,
 Que ou suspeita impossivel,
 Ou imagina alhea,
 E ainda assim se recrea:
 Quando mais martyriza,
 He a pena de amor, e o padecella
 He dor, porq̄ atormêta, he gloria gran-
 Quando em meyo das dores (de
 Se lembra o coração da causa dellas,
 Assim que em pena, e gloria
 Juntamente me vejo,
 Levado pelas mãos de meu desejo.
 Não voa mais ligeira
 A setta, que do arco despedida,
 Emulação do mesmo pensamento
 Apenas pelos ares se divisa;
 Nem leve náó, que piza
 Os hombros do Oceano, defatada
 A branca vella ao vento;
 Nem o rayo violento
 Do Ethna nas entranhas fabricado

Parte II.

P

De

De Esteropes, e Brontes,
 Habitadores dos sulfureos montes,
 E pela maõ vibrado
 Do soberbo Tonante,
 (Naõ sey se fulminado, ou fulminante)
 Entre tantos incendios;
 Do que ligeira foge
 De meus brandos suspiros,
 (Ou que delles se tema,
 Ou se aborreça delles)
 A minha sempre ingrata fugitiva,
 Que para que eu naõ viva,
 E me naõ pague quãto amor me deve,
 He setta, he não ligeira, he rayo leve.
 Se bastãraõ desprezos,
 Ou se deidens bastãraõ,
 Sofrera bem a minha forte ingrata,
 Mas amor naõ me mata
 Com huma só tyrannia,
 Ao mal de desprezado
 Ajunta o mal de ausente,
 Que em nada amor repara,
 Como se naõ bastãra
 Para huma vida só huma só morte:
 Vivo de faudades,
 E morto de desprezos,

E mor-

E morrendo entre ausencias,
 Entre desprezos vivo; (offende
 Q; hũ mal me ampara, se outro mal me
 Bem como fogo, q̃ outro fogo acende,
 Ou veneno, que mara outro veneno,
 Porém eu sempre peno,
 Que esta batalha de diversos males,
 Se me livra da morte,
 Naõ me livra da pena,
 A que a forte contraria me condena.
 Porém mais quero as iras
 De minha Delia ingrata,
 Que os mimos, e as lisonjas
 De alhea fermosura:
 Mais quero desprezado
 Fazer adoraçoens a meu cuidado,
 Do que quero valido
 De outros olhos andar favorecido,
 Contento, ufano, e ledo,
 O' mysterio de amor, alto segredo
 De seu poder immento!
 A meus perigos venço,
 E o tormento mayor de meu perigo,
 Que he meu mayor castigo,
 Todas minhas delicias,
 E os passatempos todos,

P 2

Com

Com que alivio tanta faudade,
 E na mayor crueldade
 Acho a mayor brandura,
 Oh quanto facilita a fermosura!
 Mas inda que eu quizera
 Seguir outra afeição, já não podéra,
 E posto que podesse,
 Era impossivel que romper quizeffe
 As prizoens, em que vivo;
 E quando o fado esquivo
 Me obrigasse a tamanho defatino,
 Mayor, que meu destino,
 Trocára em termo breve
 Por não faltar á fé, que a amor se deve,
 Taõ miseravel vida,
 Triunfando da forte
 Pelas delicias de hũa honrada morte.
 Q; he vida, he coração, he gloria, he alma
 Delia desta alma, donde vive, e reyna,
 E em Delia me faltando,
 O coração me falta,
 A vida, e alma, e eu sem alma, e vida,
 Ou cadaver ferey, ou sombra, ou nada;
 A conta está lançada,
 Ou seja agradecida, ou seja ingrata,
 Ou branda, ou rigorosa,

Ou me mate cruel, como me mata,
 Ou seu rigor limite,
 E de novo me alente, e refuscite,
 Ou os rayos vibrando
 De seu rigor me abraze, (trella
 Seguindo as leys de minha ingrata es-
 Hey de adorar a minha Delia bella,
 Que da fermosa Delia
 Na minha alma a memoria
 He vida, he coração, he alma, he glo-
 Em fim minhas queridas (ria.
 Eternas faudades,
 Taõ naturaes desta alma vos fizestes,
 Que sois sustancia já, mais q̃ accidente
 Da alma, que vos adora,
 Comigo vivireis eternamente,
 Minha vida sereis, e eu vida vossa,
 De forte, que não possa
 Dividirme de vós hum breve instante
 A fortuna homicida,
 Sem juntamente me tirar a vida,
 Nem possa dilatarme
 Mais venturosa estrella,
 Sem que vós juntamente gozeis della!

CANÇÃO
DO CONDE
DE SALINAS,
IMITADA PELO DOUTOR
SIMAÕ CARDOSO.

U I.
Fano, alegre, ativo, y namorado
Rompiendo el ayre el fuelto firgerillo
Se sentó en el pimpollo de una haya
Y con el pico de marfil nevado
Del cuerposito pardo, y amarillo
La pluma concertó pagiça, y gaya,
Y zeloso se enfaya
A discantar en alto contrapunto
Sus zelos, y amor junto,
Al ramillo, a la selva, y a las flores,
Libre, y ufano contando sus amores.
Mas ay, que en este estado
El caçador cruel de astucia armado,
Escondido le acecha,
Y al tierno coraçon la aguda flecha

Tira

Tira con mano esquiaba,
 Y embuelto en sãgre en tierra le derri-
 Ay vida mal lograda, (ba.
 Imagen de mi suerte desdichada!

II.

De la custodia del amor materno
 El corderillo jugueton se alexa,
 Enamorado de la hierba, y flores,
 Y por la libertad del prado tierno
 El candido licor olvida, y dexa,
 Por quien hizo a su madre mil amores,
 Sin conocer temores;
 De la florida Primavera bella
 El vario monte huella,
 Y con saltos, y brincos licenciosos
 Passa los pastos tiernos, y sabrosos:
 Mas ay, que en un otero
 Dio en la boca del lobo carnicero,
 Que con vorazes dientes
 Le dividio en partes diferentes,
 Y a convertirse vino
 En purpureo el nevado vellocino.
 Oh innocencia offendida,
 Breve bien, caro pasto, corta vida!

III.

Rica con sus penachos, y capotes
 Ufana, y loca en altivo buelo
 Se remontó la garça a las estrellas,
 Y poniendo sus blancos martinetes
 Procura parecer allá en el cielo
 La reyna sola de las aves bellas,
 Por ser ella entre ellas
 La que mas altenara se remonta:
 Ya se encubre, y transmonta
 A los ojos del lynce más attentos,
 Ya se contempla reyna de los vientos:
 Mas ay, que en la alta nube
 El aguila le vio, y al cielo fube,
 Donde con pico, y garra
 El pecho candidissimo desgarra
 Del bello ayron, que quiso
 Bolar tan alto con tan poco aviso.
 Ay paxaro altanero
 Retrato de mi suerte verdadero!

IV.

Al crystalino mudo lisongero
 Altiua dama en su beldad se goza,
 Contemplando-se Venus en la tierra,
 Y al mas altivo coraçon de azero
 Con su vista enternece, y alboroça,

De

Dexádole, aun q̄ Diosfa, en viva guerra,
Y al defamor destierra
De adonde pone sus hermosos ojos,
Y dellos son despojos
Los bellissimos castos de Diana,
Y en su belleza se contempla ufana:
Mas ay, que un accidente
Apenas puso el pulso intercadiante,
Quando cobrio de manchas
Cadenas rubias, y viruelas anchas
El bello rostro hermoso,
Y lo trocó en horrible, y asqueroso:
Oh beldad mal lograda,
Muerta luz, turbio Sol, y flor pizada!

V.

Sobre fragiles leños, e con alas
De lienço debil por la mar en carros
El mercader furcó sus claras olas;
Llegó a la India, y rico de bengalas,
Perlas, aromas, nacares bizarros,
Dio buelta a las riberas Españolas;
Tremoló banderolas,
Flamulas, estandartes, gallardetes,
Dió premio a los grumetes,
Por haver desde lexos descubierto
De la dichosa patria el dulce puerto.

Mas

Mas ay, que estava ignoto
 A la experiencia, y sciencia del piloto
 En la barra un peñasco,
 Donde topando de la nave el casco,
 Dio fondo, y hizo mil piezas
 Mercader, esperanças, y riquezas.
 Pobre baxel, figura
 Del que anegó a mi propria ventura
 VI.

Al foplado sonido de trompetas,
 Y al retumbar del sonoro parche
 Fórma esquadron el General gallardo,
 Y con relinchos, saltos, y corbetas
 Pide el cavallo, que la gente marche,
 Y troque en passo presuroso el tardo:
 Sona el clarin bastardo,
 La caja dá señal de arremettida,
 Y en batalla rompida,
 Teniendo cierta de vencer la gloria,
 Oyó su gente, que acclamó vitoria.
 Mas ay, que el desconcierto
 Del Capitan bizoño, y poco experto
 Por no observar el orden,
 Causó en su gente general desorden,
 Y la ocasión perdida,
 Perdio el Capitan vitoria, y vida.

Ah fortuna voluntaria
 A mis prosperos bienes siempre varia!

VII.

Mi pensamiento con altivo buelo,
 Ufano, alegre, altivo, namorado,
 Sin conocer temores la memoria,
 Se remontó, señora, hasta tu cielo,
 Y contrastando tu desden elado,
 Triunfó mi fé, clamó mi amor vitoria,
 En la sublime gloria
 De tu beldad se contempló mi alma,
 Y en el mar de amor quedando en cal-
 A la nave deseo viento en popa, (ma,
 Llevalla navegando a toda ropa:
 Mas ay, que mi contento,
 Fué el paxarillo, y corderillo isento;
 Fué la garça altanera,
 Fué el Capitan, que la vitoria espera,
 Fué la Venus del mundo,
 Fué la nave del pielago profundo,
 Y por diversos modos;
 Todas las muertes padeci de todos.

VIII.

Cancion vè la coluna
 Que sustentó a mi propria fortuna;
 Y verás, que si entonces

Te

Te parecio de marmoles, y bronzes,
 Oy es muger, y en suma
 Breve bien, facil, viento, y leve pluma.

CANÇÃO

A' imitação da antecedente

PELO DOUTOR

SIMÃO CARDOSO.

Bañada en nacar, coronada de oro,
 En el ameno throno de esmeraldas,
 Amaneció en Abril la fresca rosa,
 De las mas flores el ameno coro
 Le ofrece alfóbras, ya q̄ no grinaldas,
 Como a la flor mas pura, y mas hermo-
 Y ella alegre, y pomposa, fa,
 Liberal de aromatica riqueza,
 Mirando su belleza,
 Se contempla en matizes, y en olores,
 Diosa del prado, reyna de las flores:
 Mas ay, que en tal frescura
 Corto su vida, y prospera ventura,

Inno-

Innocente tyranno,
 El tierno niño con incauta mano,
 Dividiendo en despojos
 Glorias al tiempo, penas a los ojos:
 Ay verdor mal logrado,
 Ayer honor, oy lastima del prado!

II.

Pidiendo albricias de la Primavera
 A la ribera, al prado, y a los montes,
 Loco el almendro se ostentó florido,
 A los montes, al prado, y a la ribera;
 En equinociales oriçontes
 De amor, y zelos se alegró vestido,
 Assi desvanecido,
 Como el pabon en sus hermosas alas,
 Cortó de flores galas,
 Y con ellas galan, altivo, y ufano
 Espera ser la gala del verano:
 Mas ay, que un viento aquoso,
 Reliquia del Invierno proceloso,
 Qual ignifera llama,
 Demuda ingrato la florida rama,
 Secando su esquivança
 Del almendro la flor, y la esperança:
 Ay arbol temerario,
 Ay mudança cruel del tiempo vario!

Cuerpo

III.

Cuerpo de ayre sutil, más que de nieve,
 En que se esmera el arte Veneziana,
 El vaso de crystal se representa,
 Dando bevida, admiraciones beve
 De la dudosa fantasia humana,
 Que ayre le juzga, si crystal le tienta;
 Haziendo al oro affrenta,
 Adquiere la occasion mas estimable,
 Y en fabrica admirable
 Offrece su artificio preferido
 Espejo al Sol, lisonjas al sentido:
 Mas ay, que por acaso,
 Contra la fuerza del precioso vaso,
 Una piedra perdida
 Le halló cruel, y le quito la vida;
 Y a couvertirse vino
 En pedaços el globo crystalino!
 Ay vidrio sin ventura,
 Retrato natural de la hermosura!

IV.

Heredera del tiempo se imagina,
 Contra designios de furiosos vientos,
 La torre en viva rocha fabricada,
 Y tanto a las estrellas se avicina,
 Que parece, que fue de pensamientos

Mas

Mas que de duros marmoles formada;
De si misma olvidada,
Dictando leys a una, y otra nube,
Passando todas sube,
Y con la magestad sobervia, y grave
En si misma parece que no cabe.
Mas ay, que en tanta altura
Inimigo feroz en guerra dura
Con la furia molesta
El rayo artificial rabioso adesta,
Con cuya fuerza brava
Cae la que constancias braveava.
Ay duro desengaño,
Triste ruina, lastimoso daño!

V.

Recien nascido, a las aves, y a las fuentes
Poniendo en campo exercitos de flores
Desarma el Sol exercitos de estrellas,
Y ornando de arreboles transparietes,
Se acredita en efectos exteriores
Segundo creador de todas ellas:
Rayos de sus centellas
Dan luces a la luz, y oro al oro,
Y en esmalte decoro
Quantas esferas luminoso gyra
Benigno ilustra, respectado admira:

Mas

Mas ay, que a tanta gracia
 Vana se oppone con funesta audacia
 Lobrega nube umbrosa,
 Noche triste confusa, y horrorosa,
 Vaporando gigante,
 Le conquista su adorno rutilante.
 Ay sol obscuro, y triste,
 Nasciste tarde, presto te moriste!

VI.

Purpleando nacares hermosos,
 Annuncio de amorosa Primavera,
 Anarda dio verdor a la hermosura,
 Y en Primavera de años venturosos,
 Animado crystal la considera;
 Quien miró su esplendor de nieve pu-
 Contra el tiempo segura (ra,
 A las gracias dió leys, y al buen ayre,
 Y en fulgente donayre
 Estimaron las almas su pureza,
 Madre de amor, y Diosa de belleza:
 Mas ay, que en flor cortada
 Fué la purpurea rosa matizada
 Fué el almendro florido,
 Fué el crystal de esplendores guarne-
 Fué la torre valiente, (cido
 Fué el Sol, q̄ dio más luz en el Oriete!

Y un

Y un golpe acabó fiero
 Rosa, almendro, crystal, torre, luzero!
 VII.

Triste Cancion, quexosa
 De embidia de la Parca rigorosa,
 Que lloras por mi daño
 En la beldad de Anarda el defengaño,
 Dile a la mas confiada (es nada.
 Que es flor, es tierra, es vidrio, es viêto,

ROSEIRA POETICA,

*Describe-se a Rosa em varios estados
 de sua duracão.*

DESCRIPCION DE UNA ROSA.

Do mesmo Author.

I. (res,
ESta, q̄ embuelta en roxos resplendo-
 Belleza, a quien dotò la Primavera
 El ceptro universal sobre las flores,
 Republica odorifera, que impera,
 Haziendo ostentacion de sus primores
 Tanta jurisdiccion se considera,
 Que con sobervia de imperial decoro,
 Se viste purpura, se corona de oro.

Parte II.

Q

Du.

II.

Duplicados trofeos le assegura
 En accion diferente la elegancia,
 Sobre las hermosuras su hermosura,
 Y sobre las fragancias su fragancia:
 Por vivir en su imperio mas segura,
 Unida su razon con su arrogancia,
 Fabrica en su defensa, en su abono,
 De espinas muro, de esmeraldas throno.

III.

Tanta opinion a su beldad augmenta
 Su resplandor en hojas desatado,
 Que de reyna del prado aun no contēta
 La diofa quiere ser de todo el prado:
 Origen superior al campo ostenta
 En la sangre de Venus heredado,
 Enseñando en abonos superiores,
 En cuerpo de rubi alma de olores.

IV.

De las auras en torno respetada,
 No pasan de licencia sus licencias,
 Adonde conociendo-se adorada
 Les paga con fragancias obediencias:
 Agradecida quando idolatrada,
 Liberal a cortezes assistencias,

Communica a las auras, y a los vientos
De su aliento aromaticos alientos.

V.

Quantas vezes la abeja religiosa
A la deidad, que en su semblante mira;
Solicita la busca, y temerosa,
Procurala covarde, y se retira,
Entre el respeto, y la beldad dudosa,
Si llega alguna vez adonde aspira,
Quando a labios de nacares se atreve,
En copos de coral neçtares bebe.

VI.

Sobre la estimacion de su thesoro
Tan superior affiento le dispone
La misma Aurora, q̃ a las perlas, y oro,
Que prodiga produce, la antepone:
Las perlas desperdicia, y su decoro
Del honor de los campos se compone,
Que mucho, si le adorna su belleza
De oro los pies, de rosas la cabeça!

VII.

Luz de los campos es, y en luzes bellas
Con las luzes del alva competia, (las
Quãdo ahuyentãdo exercitos de estrel-
Mas valiente esplendor introduzia;
Porque armada de lucidas centellas,

Se introduce en los terminos del día,
Tan bella, que a sus vivos resplendores
Desparescen exercitos de flores.

VIII.

Con el Sol igualmente poderosa
Divide los imperios igualmente:
El manda una campana luminosa,
Ella gobierna un cielo floreciente:
Sol de los campos la purpurea rosa,
Rosa del Cielo el Sol resplandeciente,
Que haziendo dias, y formando Mayos,
Una esparce verdores, y otro rayos.

IX.

Esta divina Lysis, que cuidado,
Sinó lisonja fué de humanos ojos,
Llevando aclamaciones del agrado,
A su belleza licitos despojos:
Si al furor descortes del viento ayrado
Padece los sacrilegos enojos,
Inclinada la pompa en un momento
Ludibrio buela más q̄ adorno al vieto.

X.

El sceptro imperial, y la corona,
La magestad, la purpura perdida,
Gallarda ostentacion de su persona,
En debiles despojos dividida:

Escar.

Escarmientos bellissima pregona
En el occaso facil de la vida,
Siendo la luz, que en ella resplandece,
Relampago, que luce, y desparesce.

XI.

Exemplo, ó Lysi, a tu hermosura sea
Lo que retrato fue de tu hermosura,
Onde en caducos meritos se vea
Mas temerosa, quando mas segura:
Si el applauso comun te lisongea,
Mira la pompa quanto espacio dura,
La rosa lo dirá desvanecida,
Que entra muriendo a principiar la vi-

XII.

Rosa de la beldad la mas perfeta,
Que formaron milagros superiores,
A quien toda belleza se sugeta,
Como a la rosa el vulgo de las flores,
Si el tiempo executivo no respeta
Privilegios de lucidos verdores,
Como prodigamente avara pierdes
La pompa hermosa de tus años verdes?

A humá

A HUMA ROSA EM BOTAM
MADRIGAL.

ENtre cilicios verdes (da,
Monja Fenicia en celda de esmeral-
Porque al Sol te encubres oy la falda,
Y luzes tantas prodiga te pierdes?
Pero aun escondida,
Quien duda que lasciva al alma enci-
Para quando la Aurora, (endes,
Concha de roscier viendote pura,
Desatado em ambrosias su hermosura,
Qual Jove en lluvias de oro, abra en ro-
Los ocultos celajes, donde arora (cios
Tan cartuxa te ostentan tus delvios:
Mas si defunta, y triste
Roxa mortaja la librea hiziste,
No es porque ya acabe religiosa,
Si por cubrir zelosa tu figura,
Sumiller de ti misma, porque sientes
Se desprecien tus brios pot patentes
Al ayre, q̄ hablador te atruena, y gyra,
Y al cierço, que a tu ruina duro aspira;
Y assi porq̄ en tu claustro occulta eres,
Martyr, ó flor, de puro virgen mueres.

Ao

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

COMO si fuera error nascer luzida,
Y injurioso verte de oro coronada,
Muriste, ó flor, haziendo anticipada
Sepulchro verde a tu purpurea vida.
Exemplo hermoso, no ambicion florida,
Despreciaсте essa pompa nacarada,
Y hasta quando defunta recatada
Huyes de parecer desvanecida?
O' flor discreta, que feliz muriste,
Pues del luzir los riesgos escufaste,
Si los triunfos del nascer perdiste:
Sin duda con el mundo el ser trocaste,
Que si el la magestad, que dexas, viste,
Tu la modestia, que el perdió, guardaf-
(te.

Ao

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

DE archas toscas, ó flor, natureza
 Armada en tu capullo te aprisiona,
 Y entre verdes cadenas, que eslabona,
 La alma Tyria te ahoga su aspereza:
 Sin duda que advertindo la belleza,
 Con q̄ a reyna aspiravas, se apassiona,
 De que ayer siendo nada, oy la corona
 Gozar pudiera altiva tu grandeza:
 Assi en ti se castiga el ser possible
 Desear; y esse mal futuro alcança
 Castigo tan cruel, como terrible;
 Pues, flor, q̄ ha de esperar mi confiança;
 Atreviendo-se loca a un impossible.
 Si mueres por capaz de una esperança?

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

Que avarienta tu occaso sollicitas,
 Quádo a tu oriēte, ó rosa, te has negado,
 Pues por no dar tu rosicler al prado,
 Vil le sepultas, nescia le marchitas:
 Si te gozárás mas de essas prescitas
 Hojas, que sin nascer has condenado,
 Fuera a tu error desculpa lo gosado,
 Pyra no hizieras, lo que centro habitas:
 Pero que gozas del carmin, que occultas,
 Si pienso que le entierras mas contigo,
 Viviendo, ó flor, q̄ quando le sepultas?
 Teme pues, flor, tu yerro, e vê conmigo,
 Si en tu avaricia el bien te difficultas,
 Que en tu culpa fabricas tu castigo.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

EN verde throno magestad florida
 Quizeste amanecer, flor nacarada,
 Y a un suspiro del zefiro truncada,
 Yazes muerta primero que nascida:
 Muerte es, lo que aspiraste apetedida,
 Sin nacer, agonizas desmayada,
 Oh destino infeliz, que a no ser nada
 Te fuerce sólo el intentar la vida!
 Pues, flor, para que el ser solicitaste,
 Si hasta no siendo en lo que ser quisiste
 Al no ser escarmiento fabricaste!
 O' flor, pues tanto mal sin ser te hizeste,
 Que serias a ser lo que intentaste,
 Si antes de ser tu desengaño fuiste!

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

NO de nacer para acabar medrosa,
 Si de vivir para lograr tu oriente,
 Oy de carmin guçano, que prudente
 Mausoleo labras, flor mysteriosa:
 Previniendo lo tragico de hermosa,
 Con sepultar tu edad mas floreciente,
 Quanta ruina escusas providente,
 Quanto silencio animas cuidadosa:
 Que impuerta pues, q' a luz ni tu esperança
 Salga, si en tan luzido advertimiento
 De tu tiniebla el Sol es la enseñanza:
 Encubre pues, ó flor, tu luzimiento,
 Que otros estragos haran tu confiança,
 Tu te eternizarás en tu escarmiento.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

Reyna de Abril, tus vanas magesta-
 Que importa verse de esplêdores ricas,
 Si en cada espina un miedo significas,
 Y é cada miedo un deshonor te añades?
 No es decente a las grandes potestades
 El temor, y si del ya te publicas
 Víctima, que defensa te fabricas
 De archas toscas en viles humildades?
 Si es cautelar el trono, indigna prenda
 Parece dessa altura en los extremos
 Temer accion, que a su Deidad offenda:
 Pues todo esse cuidado, en que te vemos,
 Fuerça la cobardia, a que pertenda
 Reynar sobre los animos supremos.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

No duras, flor, en tus ostentaciones,
 Porque gozes del hado una fineza,
 Si porque quando hajada tu belleza,
 Tengas que padecer mas perdiciones.
 Nò te eleven del throno adulaciones,
 Que en su altives su precipicio empieça,
 Y son del fin, que prostra la grandença,
 Miedos las magestades, no excepciones:
 Sea el rosicler, que enciendes vana,
 Verguença de saber lo que has vivido,
 Sin advertir lo que serás mañana;
 Que si a tu fin baxares lo que has sido,
 Despojarás al tiempo soberana
 Del triunfo de averte destruido.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

SI todo cresce, o mengua hasta la muer-^{(te,}
 Y permanente ningun bien persiste,
 La misma brevedad, con que luziste,
 Fué, rosa, el mayor logro de tu fuerte:
 Que fuera menos tu esplendor se advierte,
 Si mas durára el tiempo, que viviste,
 Porque mas que durar en lo que fuiste,
 Fuera tener el hado en que crecerte.
 Nasció pues tan gigante essa olorosa
 Magestad de carmin, que soberana (la
 Se vio en un pñto en su eminência hermo
 Y como en tãto extremo era accion vana
 Dexar de fer mayor, ó flor dichosa,
 De no poder ter más muriste ufana.

Ao mesmo assumpto.

ROSA MURCHA.

SONETO.

Y Azes, ó flor, de tus estragos dina,
 Pues siendo toda riesgos la hermosura,
 Idolo de su engaño tu locura
 Al horror de lo que fuiste te destina:
 No estrella infausta tu beldad termina,
 Si tu ambicion, en cuya ufana altura,
 Sin temer lo que amarga una ventura,
 Vestiste en cada hoja una ruina:
 Oh quanto grita al vano luzimiento,
 Aviso mudo en essa un tiempo bella
 Pompa, lastima ya, tu sentimiento,
 Mas ay, que sin valer tu exemplo en ella,
 Cada hoja suspira un escarmiento,
 Cada escarmiento llora una querella.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

TU carmin de vivir como offendido,
Siendo al jardin aborto nacarado,
No de achaque muriò de haver brillado
Muriò, flor, de verguença de haver sido.
Por esso aun quando mustio colorido,
Se anticipa la muerte apressurado,
Dando muchas Auroras de acertado,
Un crepusculo breve de nacido.
Mas oh que feliz corre al acabarte,
Pues huye con la prissa de offenderse
La desdicha fatal de marchitarse!
Y si es fuerça murir, bien dexa verse,
Que esse tiempo feliz puede llamarse,
Que se hurta a los temores de perderse.

Ao

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

A Penas del jardin reyna olorosa
Te coronaste en tus alfombras puras,
Quando en roxo diluvio de hermoçuras
Despeñaste la purpura lustrosa:
No de tu mal, de tu esplendor medrosa,
Tu misma al escarmiento te apressuras:
Quien vio tan entendidas las venturas!
Quien la belleza vio tan cautelosa!
Hurtando tu desprecio en los indicios
De tu Aurora el acierto de los años,
Quando edifican oy tus precipicios!
Pues, flor, si bruta vences tus engaños,
Que hazen de los humanos los juicios!
Que hazen de la razon los desengaños!

Parte II.

R

Ao

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

A Maneciste, ó reyna de las flores,
 Purpureo Sol en oriente verde,
 Y antes q̄ el Alba a tu triunfo acuerde,
 Luzes vestiste, y respiraste olores:
 Mas ay, que oyte apenas los rigores
 Del cierço elado, q̄ a tu nacar muerde,
 Quando eclipçada tu hermosura pierde
 Aromas, vida, lucimiento, albores.
 Tan presto pues en essa, que sacaste
 Ostentacion, tu oriente ocafo hiziste,
 Que al mismo tiêpo vida, y muerte hal-
 laste:
 Que infausta luego en tus venturas fuiste,
 Pues solo puedes ver que las lografte,
 Por los estragos, que padêces triste.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

HOy que a lo bello vana, y desdênosa
 Entre espinas madrugas, flor brillante,
 No tema de tu pompa lo arrogante
 Verse ephymera presto lastimosa:
 Que ley del tiempo avrá, que a tu olorosa
 Exempcion no respete? ó qual instante
 Sin que venere tu beldad fragante
 Ha de atreverse a tu beldad hermosa!
 Y si tantas grandezas, que ceniza
 Son ya, por lo que fueron la memoria
 De la fama en los bronzes eterniza:
 Luze, ó flor, que del tiempo la vitoria
 No puede, aunque tu ser atemorize,
 De lo que fuiste sepultar la gloria.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

E Sse aljofar fecundo de la Aurora,
Que esmalta, ó flor, tu purpura luciête,
No es tributo a tu imperio de su oriête,
Es que tu vanidad tragica llora:
Tierno despertador pertende aora
Ser de tu pompa bella, y floreciente,
Mas ay, que tu carmin oy locamente
Beve su neectar, su escarmiento ignora.
Luego si de tus hojas entre encantos
Aspides de si misma tu hermosura,
Cuerda el Alba te llora en riesgos tãtos.
Pues, flor, si en el zenith de tu ventura
Eres digna de lastimas, y llantos,
Que serás en tu estrago, y desventura!

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

M Adrugaste al salir de la mañana,
 No sé si a competencia de la Aurora,
 Que vertió bella en lagrimas, que llora
 Granos de aljofar mil sobre tu grana:
 Reyna del prado te ostentaste ufana,
 Portento de carmin, y honor de Flora,
 Y quanto en ti de Venus se atezora
 Fué pudicicia hermosa de Diana:
 Poco duró tu imperio nacarado,
 Que agonizando el Sol en sus desmayos
 Lastima diste al Cielo, llanto al prado.
 Fueron de Sol, y Estrella tus ensayos:
 Mas ya carmin marchito, y deshojado
 Yazes sin luz Estrella, y Sol sin rayos.

CARTA
 AO SENHOR
 JOÃO NUNES
 DA CUNHA,
*Conde de S. Vicente, eleito Vice-Rey
 da India.*

DE D. ANTONIO ALVARES
 DA CUNHA,
Senhor de Tabua.

JA' que haveis de furcar as crystallinas
 Aguas da Foz do Tejo áquellas prayas,
 Que o múdo vio ao tremolar das Quinas.

Em quanto as vossas voadoras fayas
 As azas desfraldando, leuaõ ao vento,
 Seguindo as suas prateadas rayas;

Ouvi o rouco som deste instrumento,
 Que inda que toca, os pontos desentoa,
 Que he diferente a voz do pensamento.

Naõ julgueis o que he pelo que soa,
 Que se na citra do papel a penna
 Toca suave, rijamente atroa.

Com

Cõ este medo, a minha Euterpe ordena
 Vá correndo, e bebendo, porque fique
 Livre daquelle engano, que condena.

E assim, sem recear se multiplique,
 Palavra por palavra, irey dispondo
 Papel, que algumas cousas notifique.

Naõ feneça só Ecco tanto estrondo,
 Diga-se, pois se sabe a differença, (do.
 Que ha, de estar governádo a estar cõpõ-

Se lestes de Anibal a desavença
 Com Formiaõ, e o mesmo me succede,
 Firmay com zombarias a sentença.

Mas se a prudencia muitas vezes mede
 A linha, que lançou discurso rudo,
 Quẽ no branco papel a maõ me impede?

Por partes vos irey dizendo tudo,
 Naõ taõ desamparado da sciencia,
 Que amor he mestre, e a vótade he estudo

Armay-vos de inaudita pacieacia,
 Para poder tirar com juizo claro
 De qualquer accidente experiencia.

Confúdem as paixões, e ao desemparo
 Se perde o mundo interior, fugindo
 Ao sofrimento, deste mal reparo.

O Sol, que no zenith está ferindo
 Com hum globo de rayos, naõ se altera;

Se

Se a bésta os vay a hum ponto reduzindo.

Corre seu curso luminoso a esféra,
E o vapor, que se oppoem, fazer não tira
Inverno, Outono, Estio, e Primavera.

Bem vedes como a pedra, que fúspira
Pela Estrella, se abraça ao metal duro,
Meyo por donde a tanto bem aspira.

Repugne a natureza, o que procuro
He conseguir o bem, e pouco importa,
Se o gosto nestas brigas aventuro.

Aberta está ao ser felice a porta,
Pois esse bem, que a tantos arruina,
A vós discretamente vos exhorta.

Em quanto a poderosa mão latina
Senaõ encheo do Arabico thesouro,
Ditosamente ao Mundo predomina.

Porém tanto que em circulos o ouro
Servio de ornato aos dedos, a cabeça
Despojada se vio do triunfal louro.

A bem regada proa não tropessa
Na prata, q̃ lhe offerrece o salto argento,
E assim feliz, os golfos atravessa.

Affopre embora o sibilante vento,
Que as vélas incha, que o perigo he nada,
Se arrear de gavea o pensamento.

A escota léste, a drissa bem apertada,
Naõ

Naõ dará por davante o baixel, quando
A tormenta em paixões for encontrada.

O leme vá na maõ, sempre observando
O rumo superior, que mostra a via,
E aslopre o Austro rijo, ou Boreas brádo.

Vedes dos elementos a porfia,
O mar, que contra o vento se enfurece,
No Firmamento aos Astros desafia!

A terra socegada permanece,
Sem se lhe dar que o Noto despedasse
O tronco, que de ramos se ennobrece.

Foy razaõ, q̃ entre os Gregos se ensinaf-
Repetir o Alfabeto, antes que a boca (se
Syllaba com paixão vociferasse.

Todo o furor, que á ira me provoca,
Se por hum breve espaço o considero,
Em prudentes dictames se me troca.

Por fugir das paixões, tãbem naõ que-
Brandura, que permitta licenciosos, (ro,
Hũ meyo entre estes dous termos pôdero

Dobrareis felizmente os tormentosos
Cabos, que tanto Oceano molestaõ,
Outros ha que dobrar mais revoltosos.

Invejas cá, e lá ha muito aprestaõ
As venenosas frechas, e invejados
Saõ só os que virtudes manifestaõ.

(O ven-

(O' venturosos bens, que desprezados
Daquelles, q̄ no Mundo os quer perdidos,
Desses mesmos se mostraõ desejados.)

Preparay-vos a ouvir nos affligidos
Queixas dos poderosos, e á defenſa
Naõ entregueis entrambos os ouvidos.

O filho de Philippe (1) á differença
Da queixa, e da desculpa repartia
Os ouvidos, que davaõ a sentença.

Naõ se vos dê de ouvir a fantasia
Daquelle, que deseja mandar tudo,
Presumindo lhe toca a fidalguia.

A nobreza he saber, engenho rudo
Naõ tem fangue apurado; e assim só suba
A testa, que melhor sirva de escudo.

Se a fortuna quizera ser Pronuba
Aos meus desejos, creio que seguira
Os passos só do morador da Cuba.

A este bem, que por bom gosto aspira,
Em vós fora peccado, que os talentos
Haõ de operar conforme Deos inspira.

Nascestes a domar os elementos
Deste pequeno Mundo, descompostos
Andaõ a terra, o fogo, o mar, e os ventos.

E já q̄ o Deos de dous cõtrarios rostos
A por-

(1) Quinto Curt. Histor. de Alexandr.

A porta aberta tem, recuperando
Ireis aos Lusos, os perdidos postos.

Do cabo tormentoso ao seyo brando,
Que Mombaça levou, e quem Quiloa,
Quê Ormuz, quê Mascate ao Mouro bãdo

Da Foz do Roxo mar, á nobre Goa
A trombeta de Luso em tanta praya,
Só em Dio, Damaõ, Baçaim loa.

Daqui seguindo a dilatada raya,
Que a Ilha (2) vay cercar, produzidora
De melhores aromas que Pancaya.

Já se naõ vê a espada vencedora
Do Luso braço, em vinte fortalezas,
Que o Sol somava diminuindo a Aurora.

Já se naõ multiplicaõ as proezas,
Porque quizemos repartir sem conta
As riquezas, que agora saõ riquezas.

Que entre nossos passados era afronta
O ter preço o rubí, quando na espada
Lho dava o fangue, que trazia a ponta.

Os madeiros da selva nomeada
Da nossa Traprobana entaõ servia,
Ao valor só, de pyra levantada.

Mas tanto que se deu por mercancia
Aquelle premio, que ao valor se deve,
He

(2) Ceylaõ;

He droga sem proveito a valentia. (ve;
 Hũ vosso quinto avô (3) ao filho escre-
 Que mandasse pimenta, e que zombasse
 Da calumnia formada, ou grave, ou leve.
 Mas elle, como he certo que tomasse
 O exemplo de tal pay para o serviço,
 O conselho era força desprezasse.

E assim sem se lhe dar de que remisso
 Dilate o tempo o premio desejado
 Fez do servir para o servir feitiço.

Africa o vio, (4) te Capitaõ, soldado,
 (5) Asia Governador, e a nossa Corte (6)
 Com limpeza, e valor no Magistrado.

Se á Calamita do desejado Norte
 For este Capitaõ, o claro Indo (te,
 No mar buscara, envolto em sãgue a mor-
 Porém as nossas ambições sentindo
 Vay as acções, que agora saõ pintadas,
 Com as prateadas aguas distinguindo.

Além da Traprobana (7) as nomeadas
 Gentes, que inda hoje estaõ desvanecidas
 De dar principio ás artes celebradas.

Do

(3) Tristaõ da Cunha á seu filho Nuno da Cunha.

(4) Foy Capitaõ em Africa, (5) Vice-Roy da India.

(6) Viador da Fazenda em Portugal.

(7) China.

Do braço Portuguez foraõ vencidas,
 Quando era só razaõ daquella empreza
 Dar pelo Autor da vida as proprias vidas
 E a Ilha, (8) que tem só por fortaleza
 De seus Islenhos o valor, por vezes
 Baldada vio como os Lusos a defeza.

Mas depois de trocados os arnezes
 De aço pelo ouro, nem o preço
 De Portuguezes tem os Portuguezes.

Se authores foraõ de hũ feliz progres-
 De repetidos annos, reos agora, (fo
 Estaõ pela sentença do processo.

Essas (9) q̃ nadaõ pelo mar da Aurora,
 Neas feriaõ, quando só as buscava
 A nossa Herculea espada vencedora.

Nellas o agudo cravo ío picava
 A gloria Portugueza, e o appetite
 Geralmente de todos o ignorava.

Na mesa do mais celebre convite
 Era da abelha o prato regalado,
 Dos engenhos Bengalicos desquite.

Entaõ si, que o comer mais fazonado
 O animal de Europa prevenia
 Maltratando importuno o verde prado.

Foy

(8) Japão.

(9) Ternate, Tidore com as mais Ilhas de seu districto.

Foy castigo perderse a valentia;
 Pois sem cuidado, o Capitaõ Romano
 Na Eypcia copia as perolas bebia.

Tambem dos olhos fez vaso profano,
 Por donde enchêdo o coração de affectos
 Tyranno escravo foy de outro tyranno.

Destá paixão os valerosos peitos
 Levados, os mais livres se condenaõ
 A q̃ o Mundo os despreze por fogeitos.

Seguindo quãto as leys crueis ordenaõ
 Precitos por hum cego, e hum menino,
 No proprio inferno de seus peitos penaõ.

Quanto Hespanha sentio o desatino
 De Rodrigo, e quanto Inglaterra
 De Henrique Oitavo o misero destino.

França por Cariberto, em triste guerra
 Gemeo, e Portugal com o affecto brando,
 Sempre da paz felice se desterra.

Bem lembrado estareis amigo, quando
 Perturbado se vio nosso socego,
 Reynãdo Sancho, Pedro, e mais Fernãdo.

E ainda que, como he razaõ, não nego
 O poder dos affectos amorosos,
 Quizera-lhe mostrar algum despego.

E assim, seguindo os peitos valerosos
 Fugir como Alexandre, se Dario

Por

Por armas nos trazer olhos fermosos.

O golpe, que reparo com desvio,
 Me defende melhor, e nesta esgrima
 Atalhando se vence o desafio.

Debaixo o ferro do martello, e lima
 Amolgado se vê, ou defunido,
 Quem taõ duro não he, como se anîma?

O defenfado seja permittido,
 Com tal moderaçaõ, que se não vença
 O cuidado por vezes divertido,

Houve recreaçoes com differença
 Na velha antiguidade, de que ufava,
 Conforme cada qual tinha licença.

Para poder mandar, o que mandava
 Breves espaços do cançado dia
 Neste, ou naquelle jogo descansava.

Por divertir da Grega tyrannia,
 Na Teucra guerra, Palamede inventa
 O jogo (9) Herõ da Vida Poesia.

Ensinar divertindo o sabio intenta
 A astucia militar dos dous contrarios,
 E assim no raboleiro os representa.

Não foy author dos jogos temerarios,
 Cujos preceitos escreveo (10) Diodoro,
 Motivo

(9) Hier: Vida no seu Poema do jogo de Xadrez.

(10) Suetonio nas vidas dos Emperadores.

Motivo de perjuros, e falsarios.
Hum (11) certo Cobilaõ, que o rizo,
ou choro

Sentio dos seus Esparcianos, quando
Foy a Corintho unir hum, e outro foro.
Achando aquelles Cidadãos jogando,
Naõ quiz tratar da paz, e da embaixada
Ao Mundo indignos os mostrou calando.

(12) Aquelle Rey, que a Ave nomeada
Por empreza tomou, que os filhos cria
Ancia do Mundo todo venerada.

Para livrar aos seus, em quanto via
Ateado este fogo, ao mesmo fogo,
Entrega a parte, que este mal fazia.

E aquellas cinzas esparzidas logo
Pelas cabeças dos fieis vassallos,
Memento foy no seu reynado o jogo.

Estes entaõ passando os intervalos,
Que vós agora passareis, venciaõ
Cafres, Arabes, Chingalás, Begalos.

O' quantos destes vencedores viaõ
Diante o sitial, donde imitavaõ
Aquelles que por taes degraos subiaõ.

Os livros cheyos, q' as acções contavaõ

Do

(11) Bagnacavallo na Praça Universal.
(12) El Rey D. João II. de Portugal.

Do Cunha, (13) do Albuquerque, Almei-
da, e Gama.

Seus claros successores veneravaõ.

De vós sey bem o que publica a fama,
Pois ajuntastes com o estudo quanto
O Mundo em varios seculos derrama.

Já que em Europa a experiencia tanto
Tem mostrado de vós, de vós confio
Sereis na Asia vitorioso espanto.

Naõ se fogeite aos astros o alvedrio,
Que independente dos influxos cria
O Deos, que tem do Mundo o senhorio.

Nem para a prevençaõ a Astrologia
Serve, pois dá por certo, o que se julga
Pelo apparente só da fantasia.

Neste, ou naquelle instante se divulga
Vio hum a luz do Sol, quando Saturno
De aspecto mau, desgraças lhe promulga

Mas porque estava o lumiar diurno
Em melhor conjunçaõ, ao tal destina
Emulo igual do vencedor de Turno.

Nesta hora fatal, que a estrella inclina
A ser este Monarcha, quantos nascem,
Que em si fabricaõ misera ruina.

II. Parte.

S

Se

(13) Nuno da Cunha, Affonso de Albuquerque, D. Francisco
de Almeida. Vasco da Gama.

Se neste sentimento os mais cuidassem,
 Não creyo que do horoscopo felice
 Do Cesar (14) de Borgonha se espantassê.

Pois porq̃ o Mundo destas cousas risse,
 Nesta hora nasceo hum, que o suplicio
 O throno foy, que a sorte lhe predisse.

A fórma, o material, e o artificio
 Em nós está, que a fabrica formamos,
 Ou mais, ou menos alta do edificio.

Se os claros caracteres consultamos,
 O aviso certo, que nos daõ, tomemos
 De que haõ de acabar, como acabamos.

Lá nestes livros eruditos lemos
 De Simeaõ, hum Principe Bulgaro,
 Consultando os Astrologos supremos.

E achando todos por influxo raro
 O instante de se expor contra os perigos,
 Foy neste mesmo exposto ao desamparo.

Connemno, (15) imaginando que os
 castigos,

Que sua armada teve em Siracusa
 Nasceraõ dos aspectos inimigos.

Porque tivesse para o mal escusa,
 Hora propinqua consultou, e o dano

Segunda

(14) Ulhoa na vida de Carlos V. (15) Fazelli de Rebus
 Seculis.

Segunda vez tanta ignorancia accusa.

Naõ poz taõ longe do saber humano

O supremo Senhor da natureza

O lume, que nos guie ao desengano.

As Estrellas, que influem na grandeza

Do microcosmo, poz o Author supremo

Na esféra racional de huma cabeça.

Esta nos livra do perigo extremo,

Esta tambem nos leva ao precipicio,

Se por Argos seguimos Polifemo.

Differençaõ-se os homẽs no exercicio,

Os sceptros saõ diversos dos arados,

O q̃ he virtude em hũs, n'outros he vicio.

Na pintura, e na Musica occupados

Dous Cesares, ⁽¹⁶⁾ ⁽¹⁷⁾ perderaõ, no q̃ foraõ

Timantes, e Arion taõ celebrados.

Ao redor do throno os Astros moraõ,

Em cuja concordancia, ou desvario

As cousas se arruinaõ, ou se melhoraõ.

Livre de cada qual seja o alvedrio

No aconselhar, que a decisaõ he vossa,

Erra a estrada quem vay pelo desvio.

Naõ he capaz a natureza nolla

De operar por si só, que só Deos póde

O que elle quer que tanto braço póssa.

S 2

E. affini,

(16) Espartiano na vida de Adriano. (17) Dion. na de Nero.

E assim, como supremo Author, acode
 A nossa falta, dando-nos conselho,
 Que o mal das nossas presumpções facode.
 Tacito, como sabio, e como velho,
 Não acha em hum saber capacidade
 De comprehēder o Mūdo como espelho.

Se hūa unidade ajunta outra unidade,
 Somará dez, e muitos dezes centos,
 E assim passa o guarismo a infinidade.

O mesmo infere assim dos pentamētos,
 Seraõ mais comprehēsiueis, quantos forē
 Multiplicando mais entendimentos.

He impossivel n'um cuidado morem
 Tantos successos, quantos acontecem,
 Sem que da falta dos remedios chorem.

Verdade he que os males só fenecem,
 Quando o ser Conselheiros for officio,
 Não titulos, que em si só resplandecem.

A Asia logrará tal beneficio (18)
 Comvosco, que imitando a Gordiano,
 Livre a fareis daquelle torpe vicio.

Ande longe o sevéro do tyranno
 Motivar o odio não, mas o respeito
 He a conservaçaõ do soberano.

Nada modere o rigoroso effeito

Do castigo, huma vez só merecido,
 Ao quebrantar do minimo preceito.

He muy pezado hū só, e assi advertido
 Ande o Legislador, que o mais supremo
 Só dez impoz ao povo redimido.

Os quaes guardados quiz com tanto
 extremo,

Que ao quebrantar de cada qual, cõdena
 Ao miseravel reo ao fogo extremo.

O premio tambem seja igual á pena;
 Que quando o leva aquelle, q̃ o merece,
 Novos serviços nos demais ordena.

Se deste modo cada qual soubesse
 Ensinar a virtude, sem violencia
 Creyo q̃ o Mundo a tanto bem trouxesse.

A lisonja perdera a preeminencia,
 Com que o mais vil ao poderoso troca
 A verdade real pela apparencia.

Doces affagos nos desejos toca,
 E mais enganos, do que cobre o Nilo,
 Encobre destes a nefanda boca.

Piedoso lamentar do cocodrilo,
 Lagrimas brandas, lento fogo ateaõ,
 Queimando o bronze ao touro de Perilo.

Conhecidos os taes; q̃ os taes se creaõ?
 He desgraça, com a qual os poderosos

As fermosas acçoens de Heroes ateaõ.

Estes costumes mais escandalosos

Sey diante de vós seraõ perdidos,

Como foraõ diante dos famosos.

Vossos antepassados, que esparzidos

Seus nomes, pelo Mundo venerados

Foraõ, tanto que foraõ conhecidos.

Na nossa Lusitania, que estimados

Foraõ Guterre, (19) Payo, e mais Louren-

Em vitorias Mouriscas celebrados. (ço-

Fernando, (20) q̃ a livrar do infame cẽ;

Que Sevilha infiel pagava ao Mouro, (fo,

Ajudou com o favor do braço immenso.

Martinho, (21) para quẽ do verde lou-

A coroa mural tece Mavorte, (ro

Mais estimada, que a fechada de ouro.

Outro Martinho, (22) cujo braço forte,

Temor do Ibéro foy, e ao Granadino

Levou o fio desta espada á morte.

Na

(19) Dom Guterres na defenſa de Coimbra

Dom Payo Guterres da Cunha na de Torres novas.

Dem Lourenço Fernandes da Cunha na de Lisboa. Monar-
ch Luſit.

(20) D Fernando Paes da Cunha na tomada de Sevilha com
El Rey D. Fernando.

(21) Martim Vasques da Cunha na ouenagem do Caſtello de
Cerelico. O Conde D Pedro.

(22) Martim Vasques da Cunha primeiro Conde de Valençã. Du-
que de Gijon, e Pravia. Fr. Prud. de Sand. Cron. de D. Afſonſ. 7;

Na Patria a este o tempo foy benino,
Em quanto ao merecer, mas logo a inveja
Quiz limitar o premio ao seu destino.

O qual, para que o Mundo todo veja
Taõ grande sem-razaõ da Patria o tira,
E na alhea lhe dá quanto deleja.

Mas como pela Patria inda suspira,
Cõ o sãgue Regio (23) Portuguez mistura
O sangue Portuguez, que em si respira.

Dous netos seus subiraõ a tanta altura,
Que Mestres de Santiago, e Calatrava
Foraõ, mais por razaõ, que por ventura.

E o quarto Henrique vëdo assegurava
A Coroa Castelhana na cabeça
De hum destes, cõ o Reyno a irmãa (24)
lhe dava.

Mas a morte, (25) que em tudo se atra-
Lhe tirou por tres dias coroarse, (vessa,
O muito bem no muito bem tropessa.

Digno serã de sempre lamentarse

Ro-

(23) Casou com a Senhora D. Maria, filha do Infante D. Joaõ, e da Infante D. Constança, neta dos Reys D. Pedre de Portugal, e D. Henrique II. de Castella.

D. Joaõ Pacheco, e D. Pedro Giraõ.

(24) D. Pedro Giraõ com a Infante D. Isabel, chamada depois a Rainha Catholica

(25) Morreo em Villa Ruyva de hum accidente, vindo para se receber, dispensado pelo Papa Eugenio IV.

Rodrigo, (26) filho deste, a quẽ taõ cedo
Motivo a morte deo para chorarse.

Hũ Lopo, (27) Conde de Buẽdia, medo
Dos turbantes, que foraõ testimunhas,
Vencidos no districto de Toledo. (nhas
Que imitando o valor dos outros Cu-
Nas armas em marciaes jogos ganhadas,
Treze bandeiras junta ás nove Cunhas.

Joaõ (28) Pereira Agustin, q̃ as celebra-
Damas Inglezas chamaõ, na defenfa (das
De seu valor sómente confiadas.

Que direy de Tristaõ, (29) a differença
Delle aos nove varões, que grita a fama
O tempo só declarará a sentença.

A forte, q̃ a estes taes sempre defama,
Que fosse, lhe tirou, elle o primeiro
A succeder ao Argonauta Gama.

Porém aquelle coração guerreiro,
Os muros desprezando ao seyo undoso,
Naõ quiz ser nos de Brava (30) derra-
deiro.

Pois

26) D. Rodrigo Girão.

27) Sand. na Cron. de D. Affonso VII.

28) Sueiro Annaes de Flandes.

29) Tristaõ da Cunha o primeiro nomeado Vice-Rey da India
Joaõ de Barros.

30) O primeiro, que tomou na India fortaleza por combate.
Barros. Paulo Jovio.

Pois torpemente o fado de invejoso
 A primazia lhe tirou no mando,
 Soube-a elle tomar no vitorioso.

Roma o queria por defenſa, quando
 O Succellor de Pedro tinha a Barca
 Na inundação dos Turcos naufragando.
 Nesta, e naquella acção, tal gloria
 abarca,

Seguindo ao pay o filho (31) celebrado,
 Que de ouro a roca lhe carrega a Parca.

Com q̃ os perigos desprezando ouſado
 Quando soldado foy, mandar ſabia,
 Quando mandava, ſoube ſer soldado.

Baharem tomava (32) quando deſtruia
 Çurrate, e contra o Çamoril valente
 Çhale em forma melhor fortalecia.

Ao de Ternate Rey fez dependente,
 Damaõ tomou, e pouco depois Dio,
 E Baçaim fortificou prudente.

Mas, ó inveja infame, ó Mundo impio,
 Que ſe atreva a hũ Varaõ por ſi só grande
 O voſſo costumado deſvario!

Pois faz com o Luſo Principe q̃ mande
 Cadeyas preparar, (33) para q̃ o premio

Já

(31) Nuno da Cunha. (32) Barros.

(33) Antonio Correa Baharem por ordem del Rey D. João a
 III. o estava esperando nos Ilhas para o trazer prezo.

Já mais com o merecer huma vez ande.

Mas a morte, que quiz pôr no proemio
De sua tyrannia, esta piedade

Tanto varaõ recolhe ao triste gremio.

O qual, já receando esta crueldade,
Naõ quiz, qual Scipiaõ, q̃ a Patria ingrata
Lograsse em si taõ grande authoridade.

E vendo, que piedosa o nó defata
De tanta vida, para sepultura

O marmore quiz só da undosa prata.

E porque o mar seguindo a terra dura
De si o naõ lançasse, quer que hum pezo
Se lhe ate aos pés, com q̃ penetre a altura.

Declarando na hora do desprezo,
Que aquillo só de tudo o que mandava,
Da fazenda Real tomára o pezo.

E taõ pouco a consciencia lhe pezava,
Que porque o Mundo visse esta verdade,
Pizando foy o pezo que o levava.

Daquella a esta successiva idade
Vede Pedro, (34) e Rodrigo, (35) que
de Lufos

O nome heroico tem na eternidade.

Naõ seja culpa em mim, se por diffusos
Termos

(34) D. Pedro da Cunha, Capitão mór de Lisboa. (35) e D.
Rodrigo seu filho, Arcebispo da mesma Cidade.

Termos furto á lisonja aquellas vozes,
Que ella reparte a diferentes usos.

Bate a fama fecunda azas velozes,
E ao Mundo por instantes significa
Casos sempre admiraveis, nunca atrozes.

A Patria, entã cativa, hoje publica
Devia na defenza a Pedro (36) quanto
Livre, a Rodrigo (37) obsequios multi-
plica.

Depois que o Mundo vio, do Mundo
espanto,
As terras Portuguezas, (38) e Africanas
Em ondas naufragar de sangue, e pranto.

E entregues quasi as Armas Lusitanas,
Já mais vencidas do terror de Marte,
A's continuas astucias Castelhanas.

Pedro, que muitas vezes o Estandarte
Das sacras Quinas tremolou (39) valente
Na mais opposta, ou mais remota parte.

Pondo o peito fiel contra a corrente,
Que detinha a fortuna Portugueza,
Por leal, naõ temeo ser delinquente.

E como

(36) D. Pedro morreu prezo pela Patria. (37) D. Rodrigo li-
berta a Patria. (38) Perda da Bataha de Alcacere.

(39) Foy Capitaõ de Ceuta, duas vezes Capitaõ das naos da
India, General da Armada de Portugal, e das Galés; Capi-
taõ mór de Lisboa.

E como tal a valentia preza

Se vio na torre de Belem, que solta
 Não foraõ Lufos dos Ibéros preza.

E a honra nunca atada, inda q̄ envolta
 Entre cadeas, no sagrado filho
 Defatada, em vingança o sangue solta.

Eu co' a parte mayor me maravilho
 Do Múdo, quando vejo a Mitra, e o Bago
 Servir de baluarte, e de restilho.

Pois opposto valente ao vil estrago,
 Que intentava fazer Principe injusto,
 Do velho Portugal, nova Carthago.

Sem q̄ corrõper possa o peito augusto,
 Promessas, e ameaças, porque d'esse
 Diverso parecer do santo, e justo.

A Mátua (40) Carpentana se estremesse
 Quando vê por hum homem desprezado
 O poder do receyo, e do interesse.

A Patria o vio Pastor, e o vio soldado,
 Soldado, defendendo a Patria amada,
 Pastor, apacentando amigo o gado.

Não aceitou a Purpura sagrada,
 Porq̄ por acções vís nos hombros posta,
 No rosto a mostra o pejo mais córada.

E vendo estava ao seu desejo opposta

A ty-

(40) Quando esteve em Madrid no anno de 1638.

A tyrannia, ameaçando ruina,
No Bago, em q̄ descança, a Lisia encosta!

A liberdade, (41) fabio determina
Da Patria, que gemia ao jugo atada
Da culpa, que tal forte lhe destina.

E o mesmo foy a acção premeditada,
Que logo conseguida, e conseguida
Pela presteza foy executada.

A tal pay, e a tal filho, decidida
Não vejo inda a questaõ; se a Patria deve
Mais a esta, ou aquella illustre vida.

Com pena dilatada a vida breve
Entrega o pay, para não ver escrava
Terra que o (S) no seu rosto escreve.

O filho tanta infamia aos patrios lava,
E dando nova vida á Lisia morta,
Bem de tal pay tal filho se esperava.

Hum, e outro serviço nos exhorta,
Que o premio he rara vez de quẽ merece
Mais Astrea, que Adrastea ao Mundo
importa.

Como no Mundo o beneficio esquece,
Como no Mundo se memora a offensa,
Não sey como te quer quem te conhece!

A fama só declare a differença

Destes

(41) A aclamação del Rey D. Joã IV. no anno de 1640.

Deſtes Heroes do Mundo venerados,
Porque ſe juſtifique eſta ſentença.

Poucos julgaõ ſem culpa os caſtigados,
E menos acharãõ merecimentos
Naquelles, que não viraõ premiados.

Permittime q̃ rompa em ſentimentos
As vozes contra a inveja, que a maldade
Lhe deu debaixo dos doceis aſſentos.

He ſem-razaõ ſe veja a falſidade
Com tanta preſumpçaõ, que entre os Se-
nhores
Tenha aſſentada praça de verdade.

E pois vindes de taes Progenitores,
O ſangue, que pulando eſtá nas veas,
Bem mayor vos faraõ, que eſtes mayores.

Os quaes deixaraõ de progrefſos cheas
As prayas Orientaes, para que a Aurora
As poſſa numerar pelas areas.

Paſſará voſſa eſpada vencedora
Além do monte, que ſe vê adornado
Com o ſepulchro da Martyre Doutora.

Não quero que ſejais aventajado
A taõ grandes Heroes, porém eu creyo,
Que elles vos queiraõ todos igualado.

No penetrar fereis do undolo ſeyo

Aos dous Gamas (42) igual, e na conquista

Entre Affonso, (43) e entre Nuno ireis no meyo.

Na batalha mais ardua, e mais prevista, Pacheco (44) vos venero, q̄ aos temidos Reys por vassallos de seu Rey alista.

Junto estareis dos dous esclarecidos Almeidas (45) no valor, e na prudencia, Que naõ seraõ de Lusos esquecidos.

Igual tereis á celebre excellencia Do Mascarenhas, (46) como do Sylveira, (47)

Segurando que estava em contingencia!

Seguindo ireis a prateada esteira Da verdade do Castro, (48) que hum cabello

Seu, penhor foy de toda a Asia inteira.

Sereis dos dous Noronhas (49) paralelo, E do Ataide, (50) tanto vosso, sede
Taõ

(42) D. Vasco, e D. Estevaõ.

(43) Affonso de Albuquerque, e Nuno da Cunha.

(44) Duarte Pacheco.

(45) D. Francisco, e D. Lourenço.

(47) D. Joaõ Mascarenhas, (46) e Antonio da Sylveira.

(48) D. Joaõ de Castro.

(49) D. Antaõ, e D. Garcia.

(50) D. Luiz de Ataide, duas vezes Vice-Rey.

Tão igual no valor, como no zelo.

Neſſes retratos deſſa ſala vede
Hum Barreto, (51) hum Furtado, (52)
hum Azevedo (53)

Como igual, cada qual aos outros mede.

Entre eſtes, e outros taes, vereis bẽ ce-
Collocado tambem voſſo retrato, (do
Que faça aos voſſos ſucceſſores medo.

E a copia delle ſervirá de ornato
Ao templo, que coroa o cume ao Emo,
Pois que do voſſo nome enche o voato
Do Iſtmo occulto ao Promôtorio extre-
mo.)

(51) *Franciſco Barreto.*

(52) *André Furtado.*

(53) *D. Jeronymo de Azevedo.*



CANÇÃO
HEROICA

A' MAGESTADE DO INVICTO MONARCA

D. AFFONSO VI.

Pela singular vitoria, que suas triunfantes ar-
mas alcançaraõ na batalha do Canal,

AUTHOR

JERONYMO BAHIA,

*Feita na manhã do dia, em que á Corte che-
gou a nova, e de tarde offerecida a
Sua Magestade.*

I.

AUGUSTO Rey do mais valête Imperio
Em si breve, em cõquistas dilatado
Por quanto argenta o mar, doura Pyróo
Da tumba Occidental ao berço Eóo.
Vós, Senhor, que temido, vós que amado,
Hõra do Luso sois, e horror do Hisperio:
Hoje que produz gloria, e vituperio,
Vituperio a Castella, e a Lysia gloria,
Da guerra o campo, e o louro da vitoria;
Prestay á rude voz fronte serena,

Parte II.

T

Que

Que, se anima meu plectro vossa fronte,
 Farey que vossa espada, e minha pena
 De Marte ao câpo, e de Apollo ao môte
 Assombre com valor, pafme com arte,
 Muito mais q̃ a de Apollo, e q̃ a de Marte,
 Deixaráõ hoje, Principe eminente,
 Vosso alto esforço, e minha sede ardente
 Esgotado o Parnafo, Hiberia exangue,
 Hũ fem mais agua, outra fem mais fãgue.

II.

O Castelhana Antéo, que vezes tantas
 Cahido á terra, ao vento levantado,
 Com alterna fortuna, e varia sorte
 A vida dilatou, fugio á morte:
 Jaz para sempre (Alcides esforçado)
 Soberbamente humilde a vossas plantas:
 Cortais de hum golpe só muitas gargãtas
 A' Hydra Hispana, q̃ partida em peças
 Abate a vossos pés suas cabeças;
 Antes fem golpe algũ do braço invicto,
 Só do tremendo nome a grande fama
 Ganhou o mór trofeo no mór conflicto,
 Que chora o Hespanhol, e o Luso aclama:
 Ouviraõ q̃ hieis vós, Monarca Augusto,
 E logo a rumor tanto o mais robusto,
 Quanto brio perdeo, achou desmayo,
 O tro-

O trovaõ os matou, antes que o rayo,
 Prostrando assim o exercito mais grosso
 Primeiro o medo seu, que o valor vosso.

III.

Mais no lugar, que no valor fiado
 Occupava o contrario hũ monte altivo,
 Que levantando ao Ceo a excella fronte,
 Acaba nuvem, começando monte:
 Nelle de Infantes numero excessivo,
 Como bem defendido, bem formado,
 Taõ sublime se vê, taõ remontado,
 Que parece destina fazer guerra
 Mais a Jove no Ceo, que a nós na terra:
 Mas nós subindo ao Ceo por duas vezes,
 Huma com passos, outra com façanhas,
 Malhas rompendo, espedaçando arnezes,
 Trásformamos os mõtes em campanhas.
 Este acomete, aquelle lhe resiste,
 Hũ fere, outro se oppoem, nenhũ desiste:
 Excede o Luso em brio, em lugar cede,
 Cede o Ibéro em valor, e em posto exce-
 Ambos iguaes estaõ, q̃ deste modo, (de;
 Quem desigual a parte, iguala o todo.

IV.

Por esta, estoutra, aquella, e toda a parte
 Corta o ferro, arde o fogo, e o sãgue cor-
 re,

Tudo se oppoem, bem que se junta tudo,
 Lãça a lãça, elmo a elmo, escudo a escudo;
 Quê vêce, ou cede, quê respira, ou morre
 Não distingue a fortuna, ignora Marte:
 Só depois que este fica, aquelle parte
 Do Mũdo, ou campo, morto, ou fugitivo,
 Se sabe o vencedor, se alcança o vivo;
 Entre nuvens de pó, trovões de bronze,
 De bróze entre trovões rayos de guerra,
 Nas quatro partes, nas esféras onze,
 Fazem tremer o Ceo, e abrir a terra:
 Achaõ nos golpes feros, e ays sentidos
 Horror os olhos, lastima os ouvidos,
 E chea de suor, e de pó chea,
 Fea sim, mas galhardamente fea,
 Enche a nossa Naçaõ, e a gente estranha,
 De sãgue as armas, de armas a campanha.

V.

Mas já cedendo o sitio á valentia,
 Abrem sahida ao sãgue, ao ferro entrada,
 Forte Menezes, e Mendoça forte,
 Emulaçoens de Marte, antes da morte,
 Faz huma, e outra generosa espada
 No esquadraõ mais cerrado imenta via,
 E desfazendo na campal porfia
 Bosques de lanças, nuvens de pilouros,

Quan-

Quantas feridas daõ, recebem louros.
 Terror do opposto, exêplo saõ do amigo
 Castelmelhor fatal, Torre triunfante;
 Da batalha mayor, do mór perigo
 Este despezador, e aquelle amante,
 Hũ de outro inveja, hũ de outro paralelo
 Ambos fortes, hũ Torre, outro Castello;
 Cortaõ fios vitaes com mortaes fios,
 Tantos, que desatado o monte em rios
 Faz a cada ferida a cada passo
 Fóssos de sangue ás fortalezas de aço.

VI.

O Sousa memorando, o Faro horrendo,
 Mascarenhas feroz, Miranda bravo:
 Dous feros Cunhas, dous Correias fortes
 Muitas mais que feridas deraõ mortes:
 Mãcha de Achilles foy, de Heitor aggra-
 O sempre vècedor sempre tremêdo (vo
 Conde Schomberg, cujo valor rompêdo,
 Cujó saber dispondo he sem segundo
 Da fama emprego, admiraçãõ do Mũdo:
 Este, que só mais que hũ campo importa,
 Com singular esforço, e rara gloria
 Abrio para a fugida á Ibéria a porta,
 A porta a Lysia abrio para a vitoria,
 E seus filhos seguindo seu exemplo,
 Abrem

Abrem de Jano, abrem da fama o templo.
 A força, e brio de Inglaterra, e França
 Não tem parelha, ignora semelhança,
 Cada qual com triunfo, e com estrago,
 Lyfia faz Roma, Ibéria faz Carthago.

VII.

Os Infantes no monte já vencidos,
 Os cavallos no campo inda não rotos
 Dão parte da vitoria, e negão parte,
 Oppoé-se esforço a esforço, e arte a arte;
 Mas como dous trovões, dous terremoto-
 Prezos no Ceo, na terra reprimidos, (tos,
 Que mais valentes são mais resistidos,
 Dous Varões röpé tudo, Freire, e Mello,
 De Lusos gloria, de Hespanhoes flagello;
 Magalhães duro, duro Figueiredo,
 Rompem cõ força igual, com igual forte
 Metendo á mesma valentia medo,
 Ao mesmo Marte ameaçando morte;
 O sem par o magnanimo Ataide
 He novo Orlando, he Lusitano Cide;
 A inviãta mão do intrepido Ribeira
 Nem segunda terá, nem tem primeira.
 Se se compara ao grande Maldonado,
 Fica o mór Capitaõ menor soldado.

VIII.

(das,

Tres Sylvas, dous Mēdoças, dous Andra-
 Dous Coftas, hum Rebello, e hũ Barbofa,
 Castro, Moura, Moraes, Lobo, Lobato,
 Seixas, Campos, Tavares, Paiva, Ocrato
 Com força igual, com furia portentofa,
 Trovões nas vozes, rayos nas espadas,
 Tantas vidas ao Mundo tem furtadas,
 Que para as sepultar depois da guerra,
 Faltou ao campo campo, e terra á terra.
 Bravo o Saldanha, o Mascarenhas bravo
 Ganhaõ do amado trõco a esquiva rama,
 Por decimo Varaõ, milagre oitavo
 Do mundo oitavo, e decimo da fama.
 Fica o galhardo Cesar deftemido
 Mais Cesar no valor, que no appellido.
 E vós, ó Lusitanos já celestes,
 Que ganhando trofeos, vidas perdestes,
 Adquiris cada qual dobrada gloria
 Hũa no Empyreo, e outra na memoria.

IX.

Soldado infigne, e Capitaõ famoso
 Com raro esforço, com prudencia rara
 D. Sãcho hõra do Luso, author da palma
 Cortou com forças, e do corpo, e d'alma
 Para Ibéria inimiga, e Lyfia chara

Louro

Louro feliz, cypreste luctuoso:
 Seu louvor seja espanto respeitoso,
 Que a seu alto valor, saber profundo (do.
 He pouca a fama, e á fama he pouco o mû
 Estes, e outros Varões com nobre furia,
 Que melhor pena, e Musa escreva, e cãte,
 Deixáraõ para gloria, e para injuria
 Vencida Hespanha, Portugal triunfante,
 Por estes perde a cor, e o nome perde,
 Feito vermelho mar o campo verde:
 Mas no grande trofeo do Luso Marte
 Tem o Castelmelhor a melhor parte,
 Que o metal louro menos se attribue
 A' mina q' o produz, q' ao Sol que influe.

X.

Quando assiste no Ceo, obra na terra
 Do corpo azul o coração luzente,
 Naõ de outra sorte o Conde esclarecido
 Do Reyno valedor, do Rey valido,
 Quando mais desviado, mais presente
 Na Corte o campo fez, na paz a guerra:
 O lustre pois, que tal vitoria encerra,
 Diga a fama, que he seu, porque atropella
 Este Castello só toda Castella.
 Poucos resistem já na guerra dura,
 Rotos os elmos, rotas as espadas,

Mui-

Muitos a vida tem por mais segura
 Nos pés inermes, que nas mãos armadas.
 Mas nós dando ao veloz, e dando ao forte
 Se foge, alcance, e se espera, morte;
 Com seu ardente langue, e troncos frios
 Tantos montes fizemos, tantos rios,
 Que transformada a fórma do Horifonte,
 Ficou a terra hũ mar, e o campo hũ môte.

XI.

Já vitoria, vitoria em voz festiva
 Repete o valeroso Lusitano,
 E vitoria, vitoria éco retumba.
 Huns entregues á fama, outros á tumba,
 Hũs tẽdo o goſto, outros ſentindo o dano
 Ouvem: Morra Philippe, Affonſo viva,
 Viva Affonſo, de Affonſo imagem viva,
 De cujo excelſo nome a clara ſombra
 Illustra Portugal, Caſtella aſſombra:
 Já na veloz fugida ſe deſpenha
 Auſtria deixando a bellica fadiga,
 E a noite o favorece, porque tenha
 Quando eſtrella contraria, noite amiga.
 Foge, mas deixa na fatal campanha, (nha,
 Que não ſey ſe mais arde, ou mais ſe ba-
 Muitos mortos de nome, muitos vivos
 Soberbos de ſe ver voſſos cativos,

E os

É os q̃ nome não tem, não ha quem fome
 Porque foraõ sem numero os sem nome.

XII.

Deixa hũ despojo, q̃ hũ thesouro encerra,
 Mas de roubar o Luso não faz caso,
 Só de ferir o faz, que nelle excede
 Não de ouro a fome, mas de sãgue a sede.
 O Estandarte Real no campo rafo
 Da vitoria he final, se o foy da guerra,
 Já se o vento açoutava, jaz por terra,
 E nelle a branca Lua, o Sol dourado,
 Ella mingunte está, elle eclypsado:
 Tem Sol, e Lua, mas não teve estrella,
 Porque como seu campo traz confusas
 Armas de Portugal, e de Castella,
 A's Ibéras daõ morte as armas Lusas.

Deixa (onde estaõ seus brios taõ bizar-
 Para voslos triunfos tres mil carros, (ros?)
 Desmedidos trabucos, peças grossas,
 Que daõ seus brõzes para estatuas vossas,
 Onde em materia, e fórma junte a arte
 De Marte a hũ rayo rayos mil de Marte.

XIII.

Ornay pois a Real testa eminente
 (Affonso Sexto, antes Planeta quinto)
 Sobre louro metal de verde louro:

Vós

Vós, cuja idade vê de ferro, e de ouro
Resuscitado o Lusó, o Ibéro extinto,
Que gostoso a festeja, e triste a sente
De eterna Daphne sobre Ofir luzente:
A testa ornay; mas logo logo em quanto
Frio está de temor, cheo de espanto
O Leão Castelhana, agora agora
Que quanto verteo em nossa terra,
Tantas no Reyno seu lagrimas chora:
A vitoria segui, dobray a guerra,
Vença essa espada façanhosa, vença,
(He pouco Badajós, pouco Olivença)
Vença Madrid, que no final suspiro
Chore deserto, o que adorou retiro,
E corra Mançanares em tal magoa
Rico de sangue, como pobre de agua.
Musa, agora não mais cedo, (se Apollo,
Como algum tempo, hoje versos ama)
Esta acção se ouvirá de polo a polo, (ma:
Furtada ao esquecimento, entregue á fa-
Cedo a vea hoje grossa, então mais pura,
Hoje precipitada, então segura
Cantará do Rey fausto o nome augusto
Desde o Tejo nevado ao Indo adusto,
Recebendo mil lustres entretanto
Do Canto o nome não, do nome o Canto.

Ao mesmo assumpto.

PELO MESMO AUTHOR.

DECIMA.

Deu-se junto a Estremoz

Esta Batalha, que vemos,

O Portuguez fez extremos,

Austria no extremo se poz:

Junto ao Canal se dispoz

A Batalha desta vez,

Para assim, em que lhe pez,

Poder correr deste Cano,

O sangue do Castelhana,

E a fama do Portuguez.

A D. JOAÕ
DE AUSTRIA,
Vencido na batalha do Canal.

DECIMA.

Allude a dizer este Senhor, que havia vir colher as lampas em Portugal no dia de S. Joaõ, junto ao Nascimento do qual foy derrotado.

I.

MEU Principe, desta vez
A Loa deitou ufano,
Mas se rasgou Castelhana,
Naõ cortou bem Portuguez:
A Comedia, em que lhe pez,
Naõ foy bem representada,
Pois se perdeu na entrada
Vossa Alteza de maneira,
Que por Jornada primeira
Fez a ultima Jornada.

Mas

Mas se por erro intentou
 Fazer entre nós Comedias,
 Se emende, que só tragedias
 Comfigo representou,
 E se a festa destinou
 Ao dia de S. Joaõ,
 Logrou sua devoçaõ,
 Se bem com diverso intento;
 Pois buscando o Nascimento,
 Achou a Degollaçaõ.

*A F. por alcunha o Cardeal, que morreo
 de repente estando comendo.*

D E C I M A.

POuco Santo mostrou ser
 Este, que a terra consome:
 Os Santos morrem de fome,
 Este morreo por comer:
 Veyo o Cardeal a morrer
 Que ninguem da morte escapa,
 E por baixo de su capa,
 Dizem naõ com pouco espanto,
 Se naõ morreo como Santo,
 Que teve morte de papa.

AO SANTISSIMO
SACRAMENTO,

*Em tempo, que os Castelhanos tinhaõ de
cerco a Praça d' Elvas.*

PELO MESMO BAHIA.

REDONDILHAS.

OH Divino Paõ do Ceo,
A quem o Povo inclemente
Segou taõ barbaramente,
Taõ cruelmente moeo.
Livray, livray de perigos
Meus versos defalinhados,
Mas naõ temo vaõ errados,
Bem que vaõ por elles triges.
Dayme instrumento inaudito,
Voz sonora, e frase aceita,
Que certo adagio receita
A bom bocado bom grito.

Day-

Dayme graça nesta acção,
E não noteis esta traça,
Que eu sempre vos peço graça,
Como quem vos pede paõ.
Em palhas fostes nascido,
Em terra virgem creado,
Se dos Judeos paõ trilhado,
Dos fieis paõ escolhido.
Por alvo vos tem o Mundo
Paõ, que o Mundo fazeis alvo,
Porém sendo paõ taõ alvo,
Não deixais de ser segundo.
Com ser de farinha pura,
Sem ter joyo misturado,
Se sois no peito encerrado,
Deixais nelle alimpadura.
Sois paõ muito regalado,
Mas pareceis rigoroso,
Porque sendo taõ mimoso,
Não podeis ser mastigado.
Sois paõ do trigo de Egypto,
Pois tendes tal condição,
Que sendo hum unico graõ,
Sempre sois paõ infinito.
Mas he para admirar,
Que sendo hum paõ taõ mimoso,

O Hebreo cego aleivoso,
 Vos não possa inda tragar.
 Não se vos dê dislo nada,
 Que o paõ de trigo excellente
 Não serve para esta gente,
 Cujo comer he cevada.
 Sois liberal com tal traça,
 Prodigio com tal excesso,
 Que sendo paõ muy de preço,
 Vos dais sempre muy de graça.
 Em vós se vê paõ sagrado,
 Todo o algarismo perdido,
 Pois quando sois repartido,
 Entaõ sois multiplicado.
 Minha alma vos traz a rol,
 Porque lhe dais muitos dias
 Taõ delgadas as fatias,
 Que vê por ellas o Sol.
 Tendes tal propriedade,
 Sendo paõ de entendimento,
 Que dais melhor nutrimento,
 A quem vos tem boa vontade.
 Mas quando mais franco estais,
 Sois como rico avarento,
 Não vos dais por alimento,
 Mas por reliquias vos dais.

Prometteis com larga mão,
Mas não vos dais á mão chea,
Pois promettendo huma cea,
Nos dais huma communhaõ.

Nunca de vós nos fartamos,
Antes sempre fome temos,
Porque quanto mais comemos,
Tanto mais Anjos ficamos.

Sois paõ do Ceo, que a Trindade
Mandou para ser vendido
Na nossa terra, metido
No sacõ da humanidade.

Trigo, que a fome alivia,
Sois, e dizem, que do mar
Os que vos viraõ embarcar
Em a Nao Santa MARIA.

Sois paõ das almas amigo,
Mas por modo milagroso,
Quando sois todo amoroso,
Entaõ não sois todo trigo.

Nossa Fé nos assegura,
Que he este paõ soberano,
Por ser Divino, e humano,
O paõ da melhor mistura.

E tem suavidade tanta
Este paõ celeste, e Santo

Junto com esforço tanto,
Que os espiritos levanta.
Sois paõ alvo como vemos,
Porém naõ vos enxergamos,
Pois quando vos commungamos,
Sempre ás escuras comemos.
Em chammas de amor ardentes
Sois, meu paõ, todo abrazado,
Que enfermo de namorado,
Sempre estais com accidentes.
Por Esposo vos procuraõ
Muitos, que por vós se abrazaõ,
Os bons com vosco se casaõ,
Os maos sómente vos juraõ.
Termos vejo encontrados
Nos amigos, que escolheis,
Pois tendes por mais fieis.
Os mais reconciliados.
Oh notavel estranheza
Nesta de amor doce calma,
Pois saõ os amigos d'alma,
Os mesmos que o saõ da mesa,
Estes saõ de vós amados,
Se bem quando vos recebem.
Entaõ o sangue vos bebem,
Entaõ vos comem a bocados.

Sois Rey, e Rey muito lhano,
Mas os Ministros amados
Andaõ muy endeofados,
Quando vós fois mais humano.

Tendes condiçaõ taõ boa,
Tendes mãos taõ liberaes,
Que o vosso poder lhe dais,
E lhe pondes a coroa.

Elles amantes requebraõ
Vossos Divinos primores,
Mas não saõ aduladores,
Bem que sempre vos celebraõ.

Ser Rey dos paens he muy certo,
E assim vos peço esta vez,
Que sejais Rey Portuguez,
Pois que fois Rey encuberto.

Daynos paz, pois que vos praz
Ter á paz inclinaçaõ,
Mas que muito se fois paõ,
Sejais amigo de paz?

Tenha Portugal socego,
E veja nosso inimigo,
Que fois do Alemtejo trigo,
E não fois trigo Gallego.

Item mais á Ordem minha
Day meu Senhor vossa mão,

Para que com taõ bom paõ
Façamos boa farinha.

AO MENINO DEOS nascido

Do mesmo Author.

ROMANCE.

HOje, meu Deos, meu Menino,
Vos hey de fallar de chança;
Que hum Menino naõ quer veras,
Hum Deos sempre estima graças.

Verfificar determino,
Bem que orar mais vos agrada,
Que mais quereis estaçoens,
Do que vos pagais de estanças.

JESU, que lindo que vindes,
Venceis a flor mais galharda,
Se vos faz rosto o jasmim,
A rosa só vos faz cara.

Nasceis n'hum a lapa alhea,
Mas vossa Mãe deu tal traça,

Para

Que

Que não sendo a lapa sua,
Ficou senhora da Lapa.
Por vos haver promettido,
Diz, que vosso Pay vos manda,
Mas se a palavra empenhou,
Desempenhou a palavra.
Desceis de muy alto posto,
Pois com differença rara
Quem já vos chamou Senhor,
Hoje criado vos chama.
Lá vestieis de tres altos,
Mas cá mudando de gala,
Carne vestis de donzella,
Vestis almilha encarnada.
Com tudo estais muy ufano,
Meus olhos, nesta mudança.
Mas comparado ao que fostes,
Sois hum Menino de mama.
Não obstante que ab initio
Sois paõ, que aos Anjos regala,
Com maravilha inaudita
Inda agora estais em palha.
Vossa Mãy muito vos quer,
Mas taõ pouco vos regala,
Que logo vos deu huns pannos,
Sendo pouco mais de nada.

Devendo-vos tanto o Mundo,
 Vos deu muy humilde cama,
 Mas vos de mau pagador
 Em palhas tomais a paga.
 Sobre palhas vos lançou,
 E toda a gente se espanta,
 Que sendo lume dos olhos,
 Vos faça lume de palhas.
 Muito mal vos trata a neve,
 E a mim muito mais me espanta,
 Ver que flores lifongea,
 E maravilhas maltrata.
 Ay, que nuzinho que vindes,
 Porém vir taõ nú foy traça,
 Para ser alvo dos olhos,
 Para ser branco das almas.
 Nasceis com muy boa estrella,
 Mas chorais lagrimas tantas,
 Que muito mais que estrellado,
 Ficais passado por agua.
 Namorou-me o chorar voffo,
 Porque effa fonte fagrada,
 De Deos a justiça torce,
 Dos homens a culpa lava.
 Meu Deos, o voffo pranto
 Tira doces balas,

Com agua de lume,
Sempre ao lume d'agua.

Nas aguas do pranto
Vem de amor as chammas,
Porque as chammas venhaõ,
Como as aguas claras.

Ay que lindo pranto,
Jesufinho d'alma,
Que a justiça torce,
E que a culpa lava.

E se huma bem lava,
Outra melhor torce
Quero pois cantar:
Namoroume o seu lavar.

Quero pois dizer:
Namoroume o seu torcer;
Quero pois dizer,
Quero pois cantar:

Namoroume o seu torcer:
Namoroume o seu lavar.

Quero dizer, e cantar
Por elle quero morrer,
Já que veyo nascer,
Por Christo o hey de adorar.

AO MESMO ASSUMPTO.

Pelo mesmo Author.

D E C I M A.

N Aõ choreis bello Menino,
 Se de amante vos prezais,
 Porque amor que chora mais,
 He sempre amor menos fino:
 Limpay o rosto Divino,
 A quem a minha alma adora,
 Que se voſta Mãy vos chora,
 Meu Deos, com tantos rigores,
 He porque ao nascer das flores,
 Costuma chorar a Aurora.

AO MESMO ASSUMPTO.

Pelo mesmo Author.

R O M A N C E.

S E Deos á terra vos manda,
 Para me dares a vida,
 Para eu vos dar a minha,
 Essa será a minha vida.

Que

Que em troca taõ soberana
Naõ fica a vida perdida,
Mas antes vida ganhada,
Quando vida mais rendida.

Por vossa vinda suspiro,
Pois com vida nos convida
A mesma vida encarnada,
Por ser de nós mais querida.

Por vida vossa Menino,
Que me deis a vossa vida,
Darvos-hey a vida, e alma,
Que he razaõ muito devida.

Serey entaõ vida vossa,
E vós fereis vida minha,
Naõ digais que naõ quereis
Huma vida taõ perdida.

Que inda que a vida vos custe,
Haveis de ser vida minha,
Já que vistes á terra,
Menino da minha vida.

Muito mal vos trata o Mundo,
Minha bondade infinita,
Pois por elle a levar boa
Levareis vós bem má vida.

*Dando as boas festas á Serenissima
Rainha de Portugal.*

PELO MESMO AUTHOR.

ROMANCE.

A Legres Paschoas de flores
 Tenhais, Senhora Princeza,
 Logray a festa que he vossa,
 Pois he de flores a festa,
 Tanta copia de boninas
 Em vós, Senhora, se ostenta,
 Que bem que rasgais brocados,
 Sempre vestis primaveras.
 Sois por ser flor peregrina,
 Mais que por flor estrangeira,
 Flor de Lis, que vem de França,
 Cravo, que vem de Arrochella.
 Por taõ soberanos dotes,
 E por taõ sublimes prendas
 Sois de Affonso amor perfeito,
 Maravilha fois da terra.
 Por amada, e por fermosa,
 O Lusitana Franceza,

Sois

Sois hum bemmequer ao Reyno,
Sois à fama huma perpetua.

Vio-vos taõ rosada a rosa,
E por rainha, e por bella,
Toda se corootu de pejo,
Toda se espinhou de inveja.

Por amante, e por rendida,
Vendo taõ rara belleza,
Ays ficou dando o jacinto,
Ficou em branco a assucena.

Depois de vos ver narciso,
Naõ se vê, mas se deseja
Mais que Narciso da sua,
Eco da vossa lindeza.

A vossas plantas se rende,
O jasmim que mais se preza,
O de Valença jasmim,
Vendo-se qual de Valença.

De belleza taõ divina
Negra, e pallida a violeta,
Naõ se atreve a ser amante,
Contenta-se com ser negra.

Aquella flor, que engraçada
Ao Sol busca, e galanteya,
As luzes do vosso rosto
Rendida abaixa a cabeça.

De escuro se veste o lirio,
 Porque ao ver vossa belleza,
 He bem que a flor mais luzida
 Logo no escuro se meta.

A vossas angustas plantas,
 Aquella flor se fogeita,
 Mais fermosa do que humana,
 Pois de angelica se preza.

Todas as flores em fim
 Ficaõ na vossa presença,
 Como rusticas do campo,
 Como naticidas das hervas.

Se tendes pois flores tantas,
 Já nativas, já fogeitas,
 Logray a festa que he vossa,
 Por ser de flores a festa.

E veja de flores tantas,
 O fruto, que mais deseja
 A nossa terra, que o Ceo
 Darnos muito cedo queira.

Do mesmo Author.

REDONDILHAS,

Mandandolhe humas tripas de melão concertadas como ovos reais.

A Cantar de minha mingoa
 Minha Musa se provoca,
 Que tendo tripas na boca,
 Não tem pevide na lingua.
O melão, Nynfa adorada,
 Que fazerme peças oufa,
 Bem que foy calada coufa,
 Ficar á coufa fallada.
O vosso prato real
 Muy assucarado vinha,
 Mas se muito assucar tinha,
 Tambem tinha muito sal.
Cuidey trazia ovos gratos,
 Porém muito mal cuidey,
 Porque em fim depois achey
 Tudo nada entre dous pratos.

Eu estava já ceado,
Mas chegou com tanto estrondo,
Que depois de estar redondo,
Quiz tambem ficar ovado.
Toquey-o, mas quando o toca,
Tanto a boca se lastima,
Que de baixo, e mais de cima
Me vem as tripas á boca.
Gemi tanto que os provey,
E causoume admiração,
Quando em ovos de melão,
Tantas gemas encontrey.
Rio-se o moço nesta acção,
Eu fiquey todo corrido,
Mas bem que me vi perdido,
Fiz das tripas coração.
Elle com chiftes agudos
Pelo porte me apertava,
Mas eu das tripas lho dava,
Por não ter outros miudos.
As tripas tanto que entraraõ
Nas minhas, mostrar quizerãõ
Ser os ovos, que não eraõ,
Porque com ellas chocáraõ.
Eu qual havia ficar
Estando de choco, senhora?

Come-

Comecey na mesma hora
Muito de preça a tirar.
De novo me admirey,
E quasi vim a entender,
Devem as tripas ovos ser,
Com que tanto desovey.
Vim de enfadado a gritar,
Vendome taõ mal disposto;
Que como tinha posto,
Era bem cacarejar.
Posto que em preças estava,
Pois de corrença me via,
Inda assim pouco corria,
Porque em fim ovos pizava.
Revolvia-se-me tudo
Com ovos taõ contrafeitos,
Que sem ser canudos feitos,
Deraõ ovos de canudo.
Tomey a penna na maõ,
Para escrevervos, meu bem,
Que com as tripas tambem
Me deu letras o melaõ.
Compuz estas Redondilhas,
Que levaõ trezentas falhas,
Pois que pari maravilhas,
Concebendo maravilhas.

Nellas digo, minha vida,
Que pois meu peito passais,
Que me sayão não queirais
As tripas pela ferida.

Mas posto que participa
O meu peito de tal dor,
Credeme que em vosso amor
Nunca ferey fraca tripa.

E agora com mais primor
Nesta occasião presente
Vos peço humildemente
Queirais este servidor.

Porque com bom coração
Vos hey de servir ousado,
Não digo eu já traspassado,
Mas com as tripas na mão.

Hum melaõ taõ atilado,
Que foy tal peça fazer,
Muito devia saber,
Devia ser muy letrado.

Mas pois nesta travessura
Sofro, que assim me encraveis,
Bom será que me mandeis
Huns ovos de ferradura.

Venhaõ pois outros fataes
Com prodigos esperdiços,

E pois estes são feitiços
 Os outros sejaõ reaes.
 Os pratos em tanto agarro,
 E se não vem, não iraõ:
 Vossas peças de Rey são,
 As minhas seraõ de barro.
 Mas já sou muy dilatado,
 Deos vos guarde, pois me toca
 O dar hum ponto na boca,
 Ser, como o melaõ, calado.

A HUMAROSA.

Pelo mesmo Author.

ROMANCE.

Como tens taõ pouca vida?
 Quem taõ depressa te mata?
 Flor do mais illustre sangue,
 Que deu de Venus a planta?
 Huma Aurora só que vives,
 Flores te chamaõ Monarcha:
 Na mesma terra do imperio,
 Que foy berço, tens a campa.

Lastima da tarde chamaõ
 A ti doce mimo da alva,
 Gentil perola nascida
 Entre concha de esmeralda.
 Aguia nos voos florentes
 Estendes ao Sol as azas,
 Mas quando os rayos lhe logras,
 Fenix em rayos te abrazas.
 Em quanto em verde clausura
 Te fecha o botaõ as galas,
 Para os logros, que desejas,
 Te daõ vida as esperanças.
 Mas quando a purpura bella
 Te ferve já de mortalha,
 Sentido o Sol chora rayos,
 Buscando a morte nas aguas.
 De fermosura taõ rica
 Não sey quem foy o pirata
 Taõ atrevido, que rouba
 A joya da madrugada.

AO MESMO ASSUMPTO.

Pelo mesmo Author.

ROMANCE.

Porque campas taõ luzida,
Presumida flor Monarcha,
Se tens a campa no throno,
E na purpura a mortalha?
Se te deu o nascimento
A presumpçaõ soberana,
A magestade, que logras,
Dentro n'hum dia se acaba.
Se por te veres taõ linda
A fermosura te engana,
Olha que te esconde o luto
A bizarrria da gala.
Por bella o Sol te deu vida
Tambem por bella te mata,
O mesmo, que deu favor,
Foy da tyrannia causa.
Parece que já no berço
Flora em flor te amortalha,

Que não sey como respiras
Com espinhos na garganta.
Fermosa ao campo sahiste
Presentando ao Ceo batalha:
Era a manhã sentinela,
Que estava no quarto da alva.
A Aurora, a quem competia
Ver quem sahia á campanha,
Rio-se de tanta loucura
E chorou tanta desgraça.
Com balas de prata fina
Manda porte em retirada,
E tu rendida a seus golpes
Desairoso o campo largas.
Por mãos de prata atrevida
Te corta o Ceo, e se acaba,
Qual de Babylonia a torre,
Tua presumpção inchada.
Com golpe tão rigoroso
Toda a flor ficou cortada,
E do caso as maravilhas
Ficaraõ maravilhadas.
Em fim no mar da belleza
Vento em popa navegavas
Quando ficaste despojo
De hum mar, que foy teu pirata:

AO MESMO ASSUMPTO.

Pelo mesmo Author.

S O N E T O.

DE Venus madrugò la flor hermosa
 Con la luz, que los dias abre, y fella,
 Por señal, que jusgué la rosa estrella,
 Por señal, que jusgué la estrella rosa.
 De oro gentil corona luminosa,
 Florido rosicler de Aurora bella,
 Con suave esplendor la rosa estrella,
 Con dulce carmesi la estrella rosa:
 Mas ay luzida flor, ay luz florida,
 Que nasce el Sol, y muere vuestra suerte
 Acabada primeiro que nascida:
 Pero flor bella, y luz dulce advierte
 Quan cerca de tu muerte está tu vida,
 Quan cerca de tu vida está tu muerte.

Mandando-lhe buns lenços de presente.

PELO MESMO AUTHOR.

ROMANCE.

OH venturoso nariz,
 Pois tens para teu serviço
 Hum Anjo por alfayate,
 Que já te corta o vestido.
 Olhos não creeis ramella,
 Porque quero que ande limpo
 Hum lenço, que em vós, meus olhos,
 Hey de trazer de continuo.
 Ha de ser a vella benta,
 Que ha de andar sempre comigo
 Contra os rayos, pois ao Sol
 Foy este lenço cozido.
 Lagrimas não poderão
 Humedecerte, lencinho,
 Pois lá na torrida zona,
 Onde o Sol anda, es nascido.
 Não largueis o panno todo,
 Das almas cruel feitiço,
 Porque

Porque na mayor bonança,
Vem tormentas de improvizo.

Amainay, senhora, as vélas
A favor taõ peregrino,
Que hey de apregoar na praça,
Quem merca o rico feitio.

Só de vós a agulha quero,
Que como esse norte figo,
Sempre essa agulha em vós ache
A pedra iman dos sentidos.

Cuidava eu só que fazieis
Vendas para o Deos Cupido,
Que já cabra cega feito
Por vós anda esse menino.

Já se o lenço traz bainha,
A todos de presumido
O hey de desembainhar
Pelo mundo peregrino.

Se quando favor me dais,
Senhora, em pontos comigo
Vos pondes, ao mayor ponto
Do favor estou subido.

Com vossos pontos, senhora,
Já taõ apontado vivo,
Que sendo atégora affado,
Ando já agora cozido.

Parece

Parece que navegais

Quando a linha passais, digo

A linha, que de enfiada

Pasma, e cerra o buraquinho.

Perdida a cor de enfiada

Se vê em vós por tal risco,

Que quando a linha tocais,

A linha está por hum fio.

Eu temo que abrazeis,

Que como fois Sol taõ limpo,

O Sol entaõ mais abraza

Quando á linha he mais propinquo.

Abrazarmeha esta linha

Com que o lenço vem cozido,

Serey vosso negro, pois

Taõ perto da linha vivo.

Mas como fois taõ beata,

Beatilhas por officio

Fazey, senhora beata,

Lá nesse vosso retiro.

Porém vós beata agora!

Como poderá ser isso,

Se vós ereis taõ ferrenha

Ao vosso Ferrás querido.

E se já desaferrastes,

Largay o pano estendido,

Pois

Pois só corre vento em popa,
 O que só corre consigo.
 Que estar sempre em ferro
 He estar fogeito ao risco,
 Porque quem em ferros vive,
 Bem mostra, que está cativo.

RETRATO,

Pelo mesmo Author.

ROMANCE.

PIntar o rosto de Marcia
 Com tal primor determino,
 Que seja logo seu rosto
 Pela pinta conhecido.
 Anda doudo de prazer
 Seu cabelo por taõ lindo,
 Pois mal lhe vay huma onda,
 Quando outra já lhe tem vindo.
 Sua testa com seus arcos
 Do Turco Imperio castigo
 Vencido tem Solimaõ,
 Meyas Luas tem vencido.

Dormidos seus olhos são,
Porém Planetas são ricos
Nunca já foram sonhados,
Bem que sempre são dormidos.

A dormir creyo se lanção
Por ter de mortaes, e vivos
Tão boa fama cobrado,
Nome tão grande adquirido.

Entre seus rayos se mostra
O grande nariz bornido,
Por final que entre seus rayos
Prova o nariz de aquilino.

Nas taças de suas faces
Feitas do metal mais limpo,
Como certos Reverendos,
Mistura o branco co tinto.

As perlas dos dentes alvos,
Os rubins dos beiços finos
Tem desdentado o marfim,
E a cor mais viva comido.

O passadiço da voz
Nem he neve, nem he vidro,
Nem marmore, nem marfim,
Nem crystal, mas passadiço.

Na mayor força de Julho
Creyo que treme de frio,

Pois tem como neve as mãos,
E os pés como neve frios.
Que nellas ha dous contrarios
Os meus olhos mo tem dito,
Pois sendo huma fermosura
Saõ mais pequenas que os chifpos.
No mayor rigor do Inverno,
Na mayor calma do Estio,
Nem tem frio, nem tem calma,
Nem tem calma, nem tem frio.
Porque de Inverno, e Veraõ
Sempre Primavera ha sido,
Pois sempre veste de Abril,
E de Mayo traz vestido.
Este he de Marcia o retrato,
E dirá quem o tem visto,
Que com ella o seu retrato
Se parece todo escrito.
Mas se em cousa alguma erro
Das que atéqui tenho dito,
A' vista do tal retrato
Me retrato, e me desdigo.

*Desagravo de certas pessoas, a quem hum
presumido, e indouto Poeta tinha pi-
cado em humas Coplas.*

PELO MESMO AUTHOR.

ROMANCE.

Ninguem do que escreveis vive,
Que as versas taõ sem sal vossas
Buscando quem viva dellas,
Naõ acho quem dellas coma.

Nenhum come, e marchaõ todos,
Pois versas taõ desgostosas
Nunca da garganta passaõ,
Sempre entre dentes se tomaõ.

Febo nem agua, nem fogo
Vos deu já mais, pois encontraõ,
Frias sem Delficos rayos,
Çujas sem Castalias ondas

Até vossa propria Musa,
(Se possuis Musa propria)
Em vez de as meter no peito,
As lança de traz das costas.

He vossa Musa muy parca,
Sobre ser Musa muy porca;

Febo

Febo senhor não te inspira,
 Porém servidor te assopra.
 He, digo, muy parca Musa,
 Musa muy jejuadora,
 Pois consoantes debica,
 Quando asloantes consoa.
 Como se asloa, não sabe,
 Pois os Romances, que asloa,
 Os faz como os seus narizes,
 Pelo mal, que estão na fórma.
Senhor Mór feyo, e correyo,
 Diz n'hum verso, e n'huma Copla,
Que veste de dó na gala,
Que se poem de re na solfa.
 Diz que avisa a hum fino amante
 Jogando entre aviso, e nova,
 Mas bem diz, que em mau caminho
 Bem me avisa, quem se atolla.
 Hum verso tem com desmayo,
 Sem saber pedir a tonta
 Para hum desmayo de verso,
 Hum borrifo de Helicon.
 De achaque de pé quebrado
 A vejo tão perigosa,
 Que ha de morrer no seteno,
 Por lançar os oito fóra;

Parando as Coplas fingello,
Perde bem, porque mal joga,
Pois vemos que topa ás vezes,
E só com os versos não topa.

Alguns repete duas vezes,
Indicando em dobres mostras,
Que está fria até no incendio,
Que está pobre até na copia.

Hum confoante quatro vezes
No seu Poema accomoda,
E pois fahio quartanario,
Deve fer da Sé a obra.

Em fim com o demo acaba,
Mas a Musa servidora,
Bem que com o demo acaba,
Acaba, mas não estoura.

Porém como ha de acabar,
Musa tão pobre, e tão pouca?
Se a fer não começou inda;
Como he possivel que morra?

Mas esquecendo censuras,
Encomios dou, deixo provas,
Que Escritor sou de louvores,
Não sou Escrivão de notas.

Não são pois muy comefinhas
Tão destemperadas trovas:

Ninguem come o que não traga,
Ninguem gasta o que não gosta.

Naõ comera taes bocados
Nem o ginete de Troya,
E mais o dito ginete
Naõ foy muy doce de boca.

Quanto mais o Mór Correyo
On do Mundo, ou de Lisboa,
(Porque saõ Lisboa, e Mundo
Nomes dous, e huma só couça,
Este Correyo taõ franco,
Que em letras dando as repostas,
Mais que pela posta alcança,
Communica pela posta.

Cujos olhos por mais orbes
Do que os de Alexandre choraõ,
Naõ para os tomar com guerra,
Mas para os dar sem vanglorias.

Este, que sendo taõ velhas
As regioens de toda a Europa,
Com muito pouco trabalho
As faz todas tornar novas.

Este, que estando parado,
Com pressa maravilhosa
Corre o Mundo em poucos dias,
Andando todas as horas.

Este.

Este, que rico, e entendido,
 (Que são encontradas couças)
 Estima as prendas mais altas
 Falsas da forte lisonjas.

Este por si mesmo illustre,
 Bem que por seus avós conta,
 Com muitas imagens de era,
 Muitas imagens fumosas.

Este irmão daquella deosa,
 Que elegante sobre ayrosa
 Juntando huma quarta ás Graças
 Huma quinta ás Musas dobra.

Irmão da flor, que as mais vence,
 Rosa, que as mais envergonha,
 Pois mais do que rosa brilha,
 E mais flor que flor se mostra.

Se he deosa Flora das flores
 Se he deosa Venus das rosas,
 Joanna he rosa das Venus,
 Joanna he a flor das Floras.

Que disse? Antes Flora, e Venus
 São damas desta senhora,
 Porque Flora he flor de Castro,
 De Castro Venus he rosa.

Irmão da que em formosura
 Não tem quem lhe faça sombra;

Pois sendo Sol da belleza
Faz meter no escuro a todas.
Irmão da luz que he taõ rara,
Que he taõ Fenix entre as outras,
Que sendo luz de mil olhos
De mininas mil he sombra.
Antes he luz de mininas,
Mas porém luz, com que affombraõ,
Porque o Sol doura estrellas,
Tambem estrellas desdoura.
Luz, por quem se Troya ardera,
De soberba em tanta gloria
Naõ viera á terra em cinzas,
Em fumos ao Ceo se fora.
Luz, com quem se as tres deidades
Se viraõ competidoras,
Nem Paris déra a sentença,
Nem déra causa á discordia.
Porque Pallas lhe rendera
Por vencida janctanciosa
Sobre a maçã de ouro em fruto,
A maçã de ferro em folha.
Porque lhe rendera Juno
Mais ufana, que queixosa,
O metal naõ só do pomo,
Mas o metal da coroa,

Porque até a mesma Venus,
 Em sua belleza absorta,
 Mais que de vestidos nua
 Nua de graças se fora.

Em fim Venus, Juno, e Pallas
 Com deidade tão gloriosa
 Nem podéraõ ser extremos,
 Nem inda meterse em conta.

Das tres dou ás tres que aspirem,
 Mas não são as tres tão doudas,
 Que aspirem a igualdades
 Com deidades tão famosa.

Este irmão pois de tal deosa
 Comendo irmãmente a gosto,
 Mil ambrosias da fama,
 Nectares mil da memoria.

Sobre doces tão celestes
 Com sede de nome esgota
 Os pucarinhos de Pimpla,
 De Pyrene as cantimploras.

Logo quem come taes doces
 As vossas versas não gosta,
 Que são todas peçonhentas,
 Porque são hervadas todas.

Dellas pela mesma causa
 O Luso Esculapio zomba,

Que como vital triaga,
Se ri da mortal peçonha.

A cujo talento de ouro
De Apollo mil pedras ornaõ,
Com que a cadeira de prima
Faz sobre prima preciosa.

Mouraõ digo, cujo nome
He da fama honrado, e honra,
Pois se o decóro em cem linguas,
Cem linguas nelle decóra.

Mouraõ aquelle portento,
Que com curas milagrosas
A todo o fiel Christaõ
Livra da morte traidora.

Inimigo dos coveiros,
Pois suas curas famosas
Os mata de fome a todos,
E dá com elles na cóva.

De quem rezaõ mal os Curas
Porque as curas, que se tomaõ,
Por mandado de Mouraõ
Muy bem c'os Curas se tomaõ.

Por cujo meyo de sede
Os gatos pingados choraõ,
Porque á custa dos finados,
Nem com huma pinga encontraõ.

Mouraõ, digo, cujo officio
De defuntos foy noutra hora,
Que sua muita viveza
No officio de vivos troca.

Mouraõ, que muy christãmente,
Naõ sendo o que o nome soa,
Se faz contra o mal hum perro,
Dando hum perro ao mal q̃ encontra.

Mouraõ, por quem se dá a perros
A morte taõ matadora,
Que hoje anda taõ macilenta,
Que naõ ha caens, que a comaõ.

Por quem aquellas serpentes,
Que de Esculapio se enroscaõ
Na vara, perderaõ já
Todo o veneno, e peçonha.

Ri-se Eufrasia, aquelle encanto,
De quem dons Reynos pregoaõ,
Que se fez muitas comedias,
Mereceo inda mais loas.

Ri-se Eufrasia, e com tal graça
Que recebe a mesma Aurora
Do seu aljofar seu pranto,
Seu riso do seu aljofar.

Pois por igualar taes brincos,
Por naõ ceder a taes joyas,

No Ceo cada dia lûa,
 Cada Sol na terra chora.
 Antes nem chora, nem lûa,
 Que o ser vencida he victoria,
 Banha-se em agua de flores,
 De gosto em perolas brota.
 Ri-se a flor, antes em riso
 Se desfaz, ou se desfolha,
 Por final que sempre nella
 Por graça o riso se toma.
 Sabeis, Monarca dos versos,
 (Mas sem purpura, ou vergonha)
 Que arca fois por ser taõ caixa,
 Por ser taõ feyo fois mona.
 Sabeis Pyramo segundo,
 Naõ de Eufrasia primorosa,
 Mas Pyramo sim de Tisbe,
 Porque fois parvo da Amora.
 Sabeis de que ri? Das verças,
 Cuja verdura se mostra
 Descompostamente errada,
 Erradamente composta.
 Com Mouraõ a Eufrasia juntaõ,
 Mas he falso, porque trocaõ
 Em rosa de Alexandria,
 Quem campa por flor de Europa.

Inchou de Eufrasia a garganta,
 Inchou, mas por minhas contas
 Não tanto inchou de doente,
 Quanto inchou de tão formosa.

No collo bem torneado,
 Na bem ajustada colla
 Se ostentou lindo o achaque,
 Não a lindeza achacosa.

Posto o mal entre bem tanto
 De brancas armas se adorna,
 Mas não desfaz os torneos,
 Antes as justas redobra.

Mais cresce do collo a graça,
 Quanto mais do mal a força,
 Se foy huma formosura,
 Huma formosura he outra.

He tão lindo, quando inchado,
 Que faz, que dizer se possa,
 Que no estreito da garganta
 Da belleza o mar se empolla.

Mas quando mais empollado
 Ao Ceo levanta mil ondas,
 Sempre fica o mar bonança,
 Sempre a maré he de rosas.

Mas teme no inchado, e lindo
 Ella cutello, e nós força,

Pois

Pois vemos que nos suspende,
Quando ouvimos que degolla.
O Medico pois achando
Que mais que a Narciso importa,
Que de affogada não mate,
O que de bello se affoga.
A mandou logo sangrar,
Para que com mancha, e pompa
O solido rubim pasme,
O rubim liquido corra.
Sahio na mão do barbeiro
Com tal impeto, e tal força,
Que alli do pé para a mão,
Se vio sangrada a senhora.
Nem vós Poeta ignorante
Em vossas insultas trovas
Tomeis pé de murmurar
De huma cura tão famosa.
Por segurar-se a belleza
Anticipou cuidadosa
Seu ponto á sua ferida,
Que digo sua? antes nossa.
Parece espinho a lanceta,
Que tira graça da affronta,
Pois ferindo o pé de Venus,
De Venus no pé se em rosa.

Roga,

Roga, e deixa a minha Musa
Seus pés para minhas coplas,
Por mal medidos os deixa,
Por bem talhados os roga.

Por tomar pé neste ponto
N'um mar vermelho se engolfa,
Mas he seu pé muy delgado,
E minha Musa he muy grossa.

Posto Cupido a seus pés
Liga a prata, a venda solta,
Que ata o cego nesta luz
Dous alvos das luzes proprias.

Basta já, pois que do achaque
Sára a Rachel Espanhola,
Que como Rachel enferma,
E como Sára melhora.

Sára, e sente seus pés vendo
Pavaõ raro, alta vãgloria,
A róda os olhos lhe fazem,
E firmaõ-lhe os pés a róda.

Com mais de hum cravo *lha firmaõ*
Que tem nas plantas ayrosa
Pés de lirio, que se lava,
Pés de cravo, que se córa.

Por final que os pés de cravo,
Que tambem de olhos blasonaõ,

Se

Se o fer olhos lhe não falta,
O fer rasgados lhe sobra.

Sára Rachel, a amor graças,
Que as sangrias milagrosas,
Com ser todas de doença,
Todas de saude foraõ.

Alviçaras, Mór Correyo,
Daymas como a mór pessoa,
Que Eufrasia por Mouraõ vive
Sem perigo, de que morra.

E vós bruto, deixay versas,
Pois minha Musa golosa,
Com ser desenfastiada,
As não come, antes vos cossa.

Ora deixay, deixay versas,
Pois inda que o vulgo as sofra,
De Academia não parecem,
Antes parecem da escola.

Saõ vossas versas muy verdes,
E he muy verde a Musa vossa,
E quem tanto verde gasta,
Deve ser muy besta cousa.

E se ouvir que sois taõ verde,
Em vermelho vos não troca,
He porque como taõ besta
Já não sabeis ter vergonha.

Emendaivos pois vos peço,
 Reprimí a Musa louca,
 E se ouvirdes he comedia,
 Fazey versos, mas de loa.

AO RIGOR DE LISI.

PELO MESMO AUTHOR.

S O N E T O.

MAis dura, mais cruel, mais rigorosa
 Sois Lisi que o Cometa, rocha, ou muro
 Mais rigoroso, mais cruel, mais duro,
 Que o Ceo vê, cerca o mar, a terra gofa.
 Sois mais rica, mais bella, mais lustrosa.
 Que a perla, rosa, Sol, ou jardim puro,
 Pois por vós fica feyo, pobre, e escuro
 Sol em Ceo, perla em mar, em jardim rosa
 Não vio taõ doce, placida, e amena
 (Brame o mar, trema a terra, o Ceo se ag-
 Luz o Ceo, ave a terra, o mar Sirena (grave.
 Vós triunfais de Sirena, luz, e ave,
 Claro Sol, perla fina, rosa amena,
 Mor cometa, arduo muro, e rocha grave.

A' SERRA DA ESTRELLA.

Do mesmo Author.

S O N E T O.

E Sta ferra nevada, altiva ferra,
 Que o Pindo vence, o Olympo desafia,
 E do Ceo segurança, ou do Ceo guerra,
 Ou Atlantes produz, ou Typheos cria.

Esta, q̃ quando oculta, quando encerra
 Na regiaõ ardente a neve fria;
 Em Ceo trãsfórma, o q̃ sublima em terra,
 Pois Ceo acaba, e terra principia.

He de hũ formoso Sol ditoso Oriente,
 Que clara estrella tem na illustre fonte,
 Mais por feliz, que naõ por eminente.

A estrella pois se calle, e o Sol se conte,
 O mundo a chame, e a nomee a gente,
 Serra da Estrella naõ, mas do Sol monte.

A HUMAS FLORES.

Do mesmo Author.

DECIMA.

MEu senhor, murcháraõ logo
 As flores, que me mandou,
 Porque o seu Sol lhe faltou,
 E lhe sobejou o meu fogo:
 Por estas flores lhe rogo
 Aceite vossa deidade
 Flores de mais larga idade,
 Pois que offerece meu peito
 Bonina de amor perfeito,
 Flor de perpetua vontade.

A DOUS ESTUDANTES,

que desafiando-se com muito segredo para
 Thomar, o soube toda Coimbra.

Do mesmo Author.

DECIMA.

OVervos desafiado
 Foy para mim caso novo,
 Mas como acodio o povo,
 Novo naõ foy, foy çurrado:

Ven-

Vendo-vos taõ denodado
 Se ajuntou todo o lugar,
 Eu naõ só fuy apartar,
 Porque julgey como esperto,
 Que de Thomar fostes perto,
 Por irdes longe de dar.

A F. QUE COLHENDO HUMA
 Rosa se picou.

Do mesmo Author.

D E C I M A.

VOssa mão, senhora minha,
 De feu sangue rubricada,
 A rosa deixou picada,
 Se foy picada da espinha:
 Ficou a flor mais Rainha,
 Mas sey eu que nesta acção
 Usou termo muy villaõ,
 Bem que Rainha, porque
 Se Venus lhe deu o pé,
 Ella vos tomou a mão.

PEDINDO AO DESPENSEIRO

humas azevías.

Do mesmo Author.

D E C I M A.

MEu Fr. Paulo despenseiro,
 Sey que tendes azevías,
 Daimas ou quentes, ou frias,
 Que sou muito azivieyro:
 Eu não vos peço hum milheiro,
 Basta-me qualquer cousinha
 Vindo da vossa mãosinha:
 Não queirais pois, que me queixe,
 Que se me deixais sem peixe,
 Ficarvos-hey com espinha.

R E P O S T A.

Pelos mesmos consoantes.

Do mesmo Author.

D E C I M A.

NAõ he mar o despenseiro
 Para lhe dar azevías,
 Nem quem diz graças taõ frias
 Póde ser azivieyro:

Can-

Canta menos que hum milheiro
 Quem chama como coufinha
 Minha mão fraca mãosinha,
 Não me dá pois que se queixe,
 Porque se o deixar sem peixe,
 Ficará posto na espinha.

HUMA SENHORA

ricamente toucada deu com a cabeça
 n'hum portal, onde fez hum gal-
 lo á vista do Author.

DECIMA.

De repente.

Senhora, desse portal
 Queixarvos vos não convem,
 Porque não andára bem
 Senão fizera esse mal:
 Obrou muito ao natural,
 E julgo devo louvallo,
 Porque o darvos esse aballo,
 Foy provar á minha vista,
 Que huma cabeça com crista
 Havia mister hum gallo.

*Passando hum cabra por huma rua lhe davaõ
vaya, e chamavaõ caõ, e em sua defen-
sa respondeo o Author nesta*

DECIMA

De repente.

QUando passo em muita paz
Por esta rua fizudo,
O Povo grande, e miudo
Me fica roendo atraz:
Dizey-me homem, e rapaz,
Porque cachorro chamais
A este homem, que encontrais,
Quando com mayor razaõ
Cada hum de vós he o caõ,
Pois todos a mim ladrais?

*A F. a quem hum bolo podre, que lhe derãõ
cansou huma desinteria.*

DECIMA.

FOy com tanta perfeiçaõ
Dado hum bolo a frey Fostiga,
II. Parte. **Z** **Que**

Que o comeo, mas a barriga
 Quiz deixar d'elle hum borraõ:
 Era certa a corrupçaõ,
 Pois era podre este bolo,
 Nunca vi homem taõ tolo,
 Pois de hum bolo, que levou
 De codilho, levantou
 A's de ouros para repolo.

*Pedindo huma gota de agua a quem
 tinha na maõ hum burrifador.*

PELO MESMO AUTUOR

D E C I M A.

JUsto he, Sol das fermosas,
 Que hum rosto, que ha tempo tanto
 Se banha em agua de pranto,
 Se banhe em agua de rosas:
 Inundaçoens gloriosas
 Mitiguem pois minha fragoa,
 Porque será grande magoa,
 Que hum borrifo me negueis,
 Sendo cousa, que fazeis
 Com huma bochecha de agoa.

Amea

*Ameaçando-o com bu
de vidro,*
Do mesmo Author.

D E C I M A.

REnda-se meu coração
Com grande prazer, e gosto
Mais ás maçans desse rosto,
Que ás espadas dessa mão:
Ociosas as armas saõ,
Fermosa Marcia discreta,
Nenhum golpe me inquieta,
Nem temo nenhuma espada,
Porque junto á mão nevada
Me parece a espada preta.

*Ao Excellentissimo Senhor Conde
de Castellomelhor.*

Pelo mesmo Author.

D E C I M A.

AGora que vem o effeito,
Entenderão todos já,

Que ElRey só seguro está,
 Quando está em vosso peito:
 Mas que muito se tem feito
 Delle muros vosso amor,
 De donde infiro, Senhor,
 Que dentro em vós desta sorte
 Está na praça mais forte,
 E no Castello melhor.

*A hum F. de Payva, que poz acção contra
 hum homem, cujo asno com a albarda
 lhe quebrara a espada.*

S O N E T O.

Vista a acção do Payva contra o reo
 Monsiur Asno, que consta ser menor,
 E o dito Payva ser muito mayor,
 Segundo do processo se entendeo.
 E como a culpa o Reo não cometteo,
 Antes toda parece ser do Author,
 O qual toy neste caso o aggressor,
 Pois debaixo da albarda se meteo.

E visto

E visto o asno ir manso, e sereno,
 E a espada na albarda ser quebrada.
 O Reo absolvo, e ao Author condeno;
 A causa fique assim determinada,
 O asno vaze em paz comer seu feno,
 E fique a albarda ao Payva por espada.

*A N. que correndo Touros sabio com
 huma perna fevida.*

DECIMA.

A Dignidade pedia
 Naõ vir atraz o Mouraõ,
 Porque sendo Capitaõ,
 Vir adiante devia:
 Este no terceiro dia
 Com ventagem conhecida
 O fez, e he cousa sabida,
 Conforme o vulgo interpreta,
 Que indo montado á gineta
 Sahio c'hum a perna abrida.

*Fallaõ os tres Reys Magos ao Me-
nino.*

Do mesmo Author.

I. R E Y.

DOce Infante, amor Menino,
Do Ceo penhor soberano,
Que nos disfarces de humano
Trazeis o culto Divino:
Este Incenso peregrino
Vos offereço, Senhor,
Como a Deos superior,
E para ser mais aceito
As brazas dará meu peito,
Que já lhe deu meu amor.

II. R E Y.

I.

Dulce Niño de mis ojos,
Antes de mis ojos niña,
Antes ojos de mi alma,
Antes alma de mi vida:

Que

Querido amor, JESU tierno,
 Recebid mi offrenda pia,
 Offrenda en el valor pobre,
 Mas en la devocion rica,
 Sepulcral myrrha os tributo,
 Porque vuestro amor me incita,
 A que os offresca en la cuna
 Lo que se os deve en la pyra.

II.

Que como nasceis muriendo,
 Por morir con tal fatiga,
 Que la vida juzgais muerte,
 Que la muerte juzgais vida:
 Es bien que myrrha os offresca,
 Pues mi alma (ay alma mia!)
 Ya muriendo os considera,
 Quando aun nasciendo os mira:
 Halle pues en vós mi offrenda
 Frente affable, y faz benigna,
 Que si es de myrrha el tributo,
 Ramillete sois de myrrha.

III. R E Y.

Este thesouro estupendo
 Vos tributo Infante brando;
 Porque já estais reynando,
 Quando ainda estais nascendo:

Vosso

Vosso poder não comprehendendo,
 Vós só Menino o sabeis,
 Mal alcanço que excedeis
 Aos Reys em mil intervallos,
 Que se os mais Reys tem vassallos,
 Vós tendes vassallos Reys.

AO DESEMBARGADOR

ANTONIO BARBOSA

BACELLAR.

Do mesmo Author.

DECIMA.

Vossa mais que humana voz,
 Divino Barbosa, he tal,
 Que foreis a Febo igual,
 Se foreis menos que vós,
 São tão unicos, tão sóz
 Vossos versos immortaes,
 Que nem vós vos imitaez,
 Que nem vós vos excedeis,
 Nem de vós a vós podeis,
 Ou ser menos, ou ser mais.

GLO.

G L O S A

Do mesmo Author.

M O T E.

*Aprended flores de mi
 Lo que va de ayer a oy,
 Que ayer maravilla fuy,
 Soy sombra mia aun no soy.*

I.

R Osa, que en pensil moderno,
 Sol, que en Cielo floreciente
 Hallas tu occaso en tu oriente,
 Topas en tu Abril tu Invierno:
 Açucena, (crystal tierno)
 Clavel, (fragrante rubi)
 Ved quien soy, mirad quien fuy,
 Y pues tal mudança veis,
 Lo que de vós no sabeis,
 Aprended flores de mi.

II.

Con el alva despertè,
 Flores, ayer bella tanto,
 Que lo que en sus ojos llanto,
 En mis hojas riza fué:
 Oy respirando espirè,
 Y mañana cierta estoy,

Que

Que fereis vós lo que foy,
 Porque al fin es cuenta llana,
 Que vendrá de oy a mañana,
 Lo que va de ayer a oy.

III.

Para que vuestra hermosura
 Pierda su lustroso esmalte,
 Quando ageno rigor falte,
 Sobra su misma ternura:
 La roxa flor, la flor pura,
 Que tal está qual me vi,
 Qual estoy se verá assi,
 Y tan otra aora estoy,
 Que es maravilla oyr oy,
 Que ayer maravilla fui.

IV.

Ayer pompa de la aurora,
 Ostenté tanto primor,
 Que desdeñava ser flor,
 Que presumia ser Flora:
 Del prado estuve señora,
 Cuna de la muerte estoy,
 Palmo de lastimas doy,
 Ved pues lo que haveis de ser,
 Que fuy vuestro assombro ayer,
 Y oy sombra mia aun no foy.

A ELREY
D. AFFONSO VI.

Rebentando-lhe na mão hum bacamarte sem o offender.

Pelo mesmo Author.

DECIMA.

V Endovos em toda a parte,
(Novo Jupiter) vencer,
Vos quiz Vulcano offender,
Presumindo que ereis Marte:
Rasgou pois de hum bacamarte
O trovaõ, que rayos chove,
Mas nem o trovaõ vos move,
Nem rayos vos fazem dano,
Porque rayos de Vulcano
Naõ offendem mãos de Jove.

DO

AO MESMO AUTHOR.

A humas Decimas, que fez o Mestre Fr. Luiz do Sá, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, amigo seu.

D E C I M A.

MEu Sá, vossa lira velha
 Tem já a prima quebrada,
 Não póde fer temperada,
 Bem que deu á caravelha:
 Meu amor vos aconselha,
 Que a não pulseis mais vezes,
 Que dirão os Portuguezes,
 Vendo Decimas taõ más,
 Que inda que saõ muito Sás,
 Que não saõ muito Menezes.

Mandando-lhe huns ovos reais, depois de lhe terem mandado outros contrafeitos.

DO BAHIA.

D E C I M A.

I.

Vosso presente real,
 Real como a vós convinha,
 Bem que muito assucar tinha,
 Tinha, Senhora, mais sal:

A graça,

A graça taõ festival
 Quizera ostentarme grato,
 Mas quando ser negro trato,
 Prezo de vossa afeição
 Vós me livrais de ser caõ,
 Pois dais tripas como a gato.

II.

Quem de tal dom participa,
 Quem recebe tal favor,
 Bem he, que no vosso amor;
 Seja sempre fraca tripa:
 Minha Musa se anticipa,
 Só por vos pôr em questaõ,
 Porém se tanta isençaõ
 Vos magõa gravemente
 Como das tripas presente
 Fazey dellas coraçãõ.

III.

Fazerme vosso confrade
 O segundo só podia,
 Pois dom taõ grato trazia,
 Como he abobara a Frade:
 Porém como eu n'outra grade,
 Onde hum Serafim me traça
 Mil capellas de mais graça,
 Que esta vossa naõ he boa;

Pois

Pois de abobara coroa,
Fará a cabeça cabaça.

IV.

Por estas razoens urgentes,
Recebendo taõ má peça,
Em vez de a pôr na cabeça,
A trouxe logo entre dentes:
De semelhantes presentes
Para dizer estou, que appello,
Mas como sou hum modello
De paciencia em casos tais,
Mandando capellas mais,
As levarey em capello.

V.

Nos ovos naõ imitados
Melhor estrella topey,
Pelo que lhe chamarey,
Naõ reaes, mas estrellados:
Porém de serem louvados
Naõ he inda occasiaõ,
Que as tripas n'outra fezaõ,
Me deixaraõ (ay que mingua)
Com a pevide na lingua,
Calado como hum melaõ.

VI.

Por este raro favor,

Me vejo agora disposto,
 Qual vós a estirpar meu gosto,
 A estirpar o vosso amor:
 E assim digo, não sem dor,
 Que por guardar minha vida
 De mim não fereis querida,
 Porque se amor me ferir,
 Temo que me haão de sahir
 As tripas pela ferida.

*Competencia de hum tangedor com hum
 rouxinol cantando.*

R O M A N C E.

DE la margen de un arroyo
 Competia un ruyseñor,
 Haziendo suave riña
 De otra parte un tañedor.
 Iguales en el discante,
 Iguales en la cancion,
 Ambos pares sin segundo,
 Ambos pares sin mejor.
 El uno empieza el tonillo,
 El otro hecho todo voz
 Con reciproco denuedo
 Sigue a su competidor.

Tanto

Tanto mas deprissa el uno,
Tanto el otro mas veloz,
Que qualquiera en la contienda,
Picava la emulacion.

Assi los dos descanzavan,
Y descantavan los dos,
Que era uno el ecco del otro
Repeticion de su voz.

Prezas quedavan las aguas
Del arroyo, y con tal voz
Quedavan prezas las aves,
Que bolavan contra el Sol.

Cayo muerto el paxarillo
En brazos del Tañedor,
Cayó, mas ganó muriendo
De la contienda el mejor.

Desfalecieron las fuerças
Al compaso de la voz,
Que el morir por no rendirse
Es el triunfo mayor.

Cavó muerto el paxarillo,
Y por fer ave de amor
Escogio por sepultura
De la cythara el coraçon.

Hizo las exequias tristes
Lloroso el competidor,

Que entreteniendo su llanto
Repita esta cancion.

A Dios de mi lira

Eco, y gyrafol,

A Dios que tu muerte

Otra me causó: *a Dios, a Dios.*

A Dios destes valles

Syrena, y ladron,

A Dios de las almas

Dulce encantador: *a Dios, a Dios.*

A Dios que mi lira

Por mi compassion

Colgaré en el alto

Del cipres mayor: *a Dios, a Dios.*

A Dios avesilha, a Dios ruyseñor,

Yo te di la muerte,

Sepultura amor: *a Dios, a Dios.*

Se acabó con la muerte

Tu grave dolor,

Embidia te tengo,

Que no compassion: *a Dios, a Dios.*

Fue tu muerte dichosa

Pausa a tu dolor;

Y mi vida me sirve

De muerte mayor: *a Dios, a Dios.*

ENDECHAS.

Etre myrtos verdes

Rosas matutinas,

Purpureos claveles,

Varias clavellinas.

Enriquece a un prado,

Una fuentifilla

Con candido aljofar,

Y con perlas finas.

Hazen martinetes

De crystal sus lynfas,

Ricos pavelhones

Con su plata fina.

Y enlaçando plantas

Sus corrientes ricas,

Serpientes de plata

Entre florecillas.

Murmuran riendo

Con dientes de guijas

De las lindas flores,

De plantas lascivas.

De aqui Filoméla

A voces publica

Su tragedia dando

Con ella alegría.

De alli con arrullos
 Blancas palomillas
 Los picos se bezan
 Vezes infinitas.
 Dulces soledades
 Una tortolilla
 En un seco ramo
 Lloro noche, y dia.
 De aqui paxarillos
 Todos se convidan
 Con besos, y abraços,
 Sin que los impidan.
 De alli verdes parras
 Dulcemente unidas.
 Los copados olmos,
 Y las hayas lizas.
 Trepadoras yedras
 Se abraçan lalcivas,
 Y el amor conseruan
 En las piedras frias.
 Candidos jasmynes
 Con las maravillas
 Suben abraçados
 Con grata porfia.
 Y el buen Albanio
 Contemplando hazia

De su quexa alarde

Contra su Narcisa.

Pues me matas ingrata

Con armas dobles,

Lloraré sin consuelo

Tus sin razones.

Y ella responde,

Muerra muchas vezes

Quien tiene amores.

R O M A N C E

DExando Islas arenosas

Entre sus aguas de plata

Va lisongeando los campos,

Despues de hurtarle esmeraldas.

El que ufano, e fertil riega

Las margenes mas gallardas,

Que el Sol con sus rayos d'oro

O pinta, o matiza, o esmalta.

El caudoloso Mondego,

Que con sobervia heredada

De la sierra madre fuya

A los montes amenaça.

Hecho gigante de espuma

Ostenta en su cuerpo de agoa

Cien

Cien braços, conque arrogante
Es centimano sin alma.

En quanto se mira unido.

Las mismas peñas arrasta,
Que a las fuerças de un tyrano
No ay resistencia, que valga.

Formando eladas prisiones
Por los campos se dilata,
Para mostrar que la tierra
Fue al principio su esclava.

Si del erizado Invierno
Tuviera siempre las armas,
Invadiera presumido
A las estrellas mas altas.

Pero como el seco Estio
Tiene commision, y vara,
Para enfrenar sus excessos
El verle para esto basta.

Dexa cobarde sus brios,
Y en espuma liquidada
Huyendo va de su vista,
Por no ver miseria tanta.

Humilde pizarse dexa
Y a quien le piza no amaga,
Que siempre el que mas no puede
Vende la humildad barata.

S Onoro affeite de un arbol
 El gilguerillo se ostenta,
 Tierna lisonja del ayre,
 Dulce hechizo de la selva.

De hoja en hoja bullicioso
 Tan dulce la voz alienta,
 Que parece que las hojas
 Frutos de harmonia llevan.

Tan dulce a los ayres gime,
 Tan tierno al valle se quexa,
 Que es de las almas hechizo,
 Que es Arion de las selvas.

Con el pico en su consorte
 Oh que dulce se requiebra,
 Que amor tambien en los brutos
 Sabe hallar correspondencia.

Mas ay, que quando mal dulce
 Trina dulces chançonetas,
 Sacrilego caçador
 Despide el plomo, ó la flecha.

Ligera buela la pluma,
 Arrojado el plomo buela,
 Y en medio de un sustenido
 Una topa, y otro acierta.

Baxa al suelo en nieblas pardas,
 Baxa al valle en nubes negras
 El que fue gala luzida,
 El que fue pompa altanera.
 Lastima a la selva baxa
 El que fue embidia a la selva.
 Que eran sus amores dicha,
 Y no pudo ser eterna.
 Ay gilguerillos tiernos,
 Morid alegres, pues moris sin zelos,

ABRINDO-SE A SEPULTURA
 DE D. IGNEZ DE CASTRO.

ROMANCE.

DOm Pedro o tumulo abria,
 Rey amante, e Portuguez,
 Que a tanto extremo naõ basta,
 O ser amante, e ser Rey.
 O tumulo, que de Nize
 Foy deposito fiel,
 Mostrando em sombras da morte
 Os luzimentos da fé.
 Na presença de seus males,
 E memoria de seus bens,

Com

Com prodigiosa fineza
Talamo o tumulo fez.

A belleza vê cadaver,
E de taõ galhardo ser
Vendo as reliquias horrores,
Ama as reliquias, que vê.

Senhora de seus vassallos
Nize faz reconhecer,
Com taõ piedosos decretos
Que Rey póde ser cruel?

Soberbo Himeneo preside,
Por ver a primeira vez
Entre luzes funeraes
Nupciaes tochas arder.

Acende aromas Sabeos,
Que pyras poderãõ ser,
Aonde exequias, ou vodas
Neutral o discurso crê.

O Deos d'amor lhe assistia,
Piedosamente cortez,
Mostrando como dilata
A'lem da morte o poder,

Os desposorios celebra.
Com taõ fino affecto, que
Duvidosamente a morte
Por defunta a Nize tem.

ROMANCE.

A Los encuentros del ayre
 Bramava el crystal del Tajo,
 Oponiendo en su defensa
 A cada encuentro un peñasco.
 El que baxo de los montes
 Guerra apresenta al salado,
 E en exercitos de aljofar
 Le dan la batalla entrambos.
 Los arroyos, que al socorro
 Vienen penetrando el campo,
 Al mar ufanos se arrojan,
 Onde no mueren de espacio.
 Rómpio Anarda su golfo,
 Y viendo el peligro Fabio
 Desde la tierra pertende
 Librar con voz es el vaso.
 Retirate Barquero,
 Repara, y mira,
 Que peligrando Anarda
 Todos peligran.

AO MONDEGO.

E N D E C H A S.

Fermoso Mondego,
 Em que estaõ do Douro
 As arêas de ouro,
 De Leça o socego.
 Em berço estrellado
 Tens o nascimento,
 E o contentamento
 Nas aguas cifrado.
 Prateadas aguas,
 Douradas arêas
 Saõ as com que enfreas
 Tristezas, e mágoas.
 Por entre seixinhos
 De crystal luzente
 Tens tua corrente
 Doce aos passarinhos:
 Já por penedias,
 Já cursando valles,
 Desterrando males,
 Causando alegrias.
 Frescos sinceiraes
 De fresca verdura,

Taõ bella cultura

De teus areaes.

O campo esmaltado

De lindas boninas

De aguas crystallinas

Deixa borrifado.

Dentre mil raminhos

Guardado do Sol

Canta o rouxinol,

E os mais passarinhos.

Todos na passagem

Tributaõ louvores,

As rosas, e flores

Rendem vassallagem.

Vivas te daõ todos,

Porque vás triunfando,

Quando vás passando

Arcos de mil modos.

Em fim passareis

Por lustrosos arcos,

Para que em Buarcos

Triunfante entreis.

Urnas de crystal

Preparay vós Ninfas,

Porque ás doces linfas

Naõ as dane o sal.

Dito-

Dito!a ventura,
 Ter berço estrellado,
 E no mar falgado
 Doce sepultura.

E N D E C H A S.

CLaros arroyelos,
 Cuyas aguas frescas
 Pierden sus crystales
 Entre essas arenas.

Libres avefillas,
 Que esparcis ligeras
 Al ayre las alas,
 Al viento las queexas.

Arboles copados,
 Cuyas flores muestran,
 Que glorias del mundo
 El ayre las lleva.

Campos apacibles
 En la Primavera
 Hasta que el Invierno
 Aspero os dexa.

Rogad a los Cielos,
 Que de mi se duelan,
 Que mi vida acaben,
 O me den paciencia,

Dezidles que lloro
De tristezas llena
Mil passadas glorias,
Mil presentes penas.
Que algun tiempo me vi
De amores agena
Gozosa, y alegre,
Ufana, y sobervia.
Que guardaba libre
Mis blancas ovejas
Por valles, y prados,
Por lotos, y vegas.
Que fuy pertendida,
Y que siempre era
A ruegos de Apolo
Daphne en las respuestas.
Que de mi fortuna
Se ha buelto la rueda,
Que por ser dichosa
Dio presto la buelta.
Que amor me vencio,
Y con sus faetas
Mi azerado pecho,
Ha buelto de cera.
Que ya no estoy libre,
Sino tan sugeta,

Que

Que por fuerza estimo
A quien me desprecia.

Que el pastor, que adoro,
Dueño, aun que no quiera,
De mis pensamientos,
Por otra me dexa.

Que estoy ya mas triste,
Que estuve contenta,
Pues passados bienes
Mis males aumentan.

Que llorando triste
Por montes, y selvas,
Augmento las agoas,
Ablando las peñas.

Que fue de Ino
Tanta la tristeza,
Que a la que me afflige,
Compararse pueda.

Dezidles enfin
Que quien esto ruega,
Humilde les pide
Con lagrimas tiernas.

Le quiten la vida
Porque la atormenta,
O para sus males
Le den paciencia.

ROMANCE.

YO me muero no se como,
Y se acafo de amor es,
Mejorare no se quando,
Pues mi achaque es no se que.
En el valle vi a Menguilla,
Que es basilisco al reves,
Pues mata con que la miren
A los que no puede ver.
El descuido de sus ojos,
Mi mayor cuidado fue,
Bien puedo dellos quexarme,
Pues me han muerto sin querer.
Pues que me matan, pudieran
Darme la muerte a escoger,
Que quiero morir de amor,
No a manos de un desden.
Muerome, y no se
De que me muero,
Que a dolencias occultas
No ay remedio.

A F. VENDO-SE A HUM ESPELHO.

DE C I M A.

O' Cloris quanto me peza,
 Que tendo o espelho na mão
 Não vejas a condição,
 Como vedes a belleza:
 Consultay tanta dureza,
 Para abrandar tanto mal,
 E achareis no natural,
 Que notar em breve espaço,
 Vendo a condição no aço,
 E a belleza no crystal.



POESIAS VARIAS

PARA SE ADDICIONAREM
 aos cinco Tomos

DA FENIX

RENASCIDA,

O U

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portu-
 guezes,

QUE TEM DADO A' LUZ

MATHIAS

PEREIRA DA SYLVA.

POESIAS VARIAS

PARA SE ADICIONAREM

aos cinco Tomos

DA FENIX

RENAASCIDA

O U

OBRAS POETICAS

Das melhores linguas Portuguezas

POESIAS

RENAASCIDA

MATHIAS

POESIAS VARIAS

POESIAS VARIAS

De huma Poetisa Anonyma.

ROMANCE.

A Cabe ya con la vida
 Tan importuno silencio,
 Que para morir callando,
 Mejor es callar moriendo.
 Si alfin es mas acertado
 Elegir del mal lo menos,
 Yo quero morir amando,
 Mas nõ callar padeciendo.
 Dura ley de mi destino
 Es un forçoso secreto,
 Si lo digo soi perdida,
 Y si lo callo me pierdo.
 O' para la vida mia
 Siempre tyranno decreto,
 Pues muero, si me declaro,
 Y si dissimulo, muero.

De imposible en imposible

Anda mi loco deseo:

Si nó lo callo, peligro,

Si nó lo digo, padefco.

Si de un rigor me desvío,

Con otro rigor encuentro;

Ya de peligro en peligro,

Ya de tormento en tormento.

O' vença la muerte mia

Tan encontrados affectos;

Porque sin costarme tanto,

Quede mi silencio eterno.

Termine las confusiones

El infortunio postrero,

Que vivir para los males

Mas es pezar, que consuelo.

Y pues a buscar la muerte

Ando de extremo en extremo,

Porque la mejor elija,

Dame tu amor el consejo.

Callarè? nó, que es peligro;

Hablarè? si, que es remedio;

Dexarè? nó, que es agrabio;

Temerè? nó, que es defeto.

Amarè? si, que es tributo;

Olvidarè? nó, que es yerro;

Seguirè

Seguirè? si, que es destino;
 Sufrirè? si, que es incendio.
 Mudareme? nó, que es falta;
 Buscarè? si, que es exceso;
 Vivirè? nó, que es difícil;
 Moriré? si, que es estremo.
 Pues alto, desde este punto,
 Ya que el morir es tan cierto,
 Busque, diga, solicite
 Un mal, un bien, un portento.
 Mi firme pensamiento,
 Porque muera de amor, nó de silencio.

R O M A N C E.

ES la causa de mi llanto,
 Amiga Nise, tan justa,
 Que son mis lagrimas pocas,
 Aun que te parecen muchas.
 Estos raudales, que admiras,
 Nó, nó te tengan confusa,
 Que a sentimientos de fuego
 Agua tambien se tributa.
 La causa destes efectos
 Al son de mi llanto escucha;

Jusga-

Jusgarás por limitado,
Lo que por immenso jusgas.

Amè desde tiernos años,
No digo desde la cuna,
Por no quitar la violencia
Meritos a la cordura.

Amè la prenda mas rara,
Que desde que Phebo alumbra,
De haver nascido en la tierra
Puso la certeza en duda.

Poco mayor que la mia
Era su edad, quando injusta
Mi estrella a tiernos agrados
Vinculó prisiones duras.

Afectos iguales fueron,
Si los escritos nó adulan,
En que a Silvia de sus ojos
Primera luz attributa.

O' fuesse verdad, ó engaño,
Yo sé, que con tiernas burlas
Las voluntades a un tiempo
Se libertaron de occultas.

De forçosa cortezia
Tomó mi amor la figura,
Porque siempre este Protheo
En varias formas se muda.

Mas como affectos del alma
En vano se dissimulan,
Passó mi amor a los ojos,
Si su favor a la pluma.

Crecieron correspondencias,
Y por dizir todo en suma,
Loco de amor el deseo
Previno al honor locuras,
Consideró la prudencia
Impossibles las venturas,
Forçosos los precipicios,
Las esperanças defuntas.

Y entre los duros combates
Desta batalla confusa
Huir tuve por acierto
De tan rigorosa lucha.

Determinada en mi daño,
En mi offensa resoluta,
Para un tumulto de vidas
Huy de tantas fortunas.

Ay, que ignorante prudencia!
Ay, que imprudente cordura!
Ay, que furioso delirio!
Ay, que deliriante furia!

Passar deste punto quiero,
Que de memoria tan dura,

Como

Como al fin es de la muerte,
Solo la muerte resulta.
En este infelice estado
Nó vivi tan sin ventura,
Que de la prenda, que adoro,
Vistas nó lograsse muchas.
Tuve favores, y prendas;
Mas como todo se muda,
El que era Sol en bellezas,
Fue luego en mudanças Luna.
Hizo locuras por otra,
Fue, sinó en las astucias,
Marsias Afiano en finezas,
Adonis tambien en culpas.
Y dexandome un retrato,
Porque en la muerte futura
No me faltasse la imagen,
Fuesse con falsas desculpas.
Si quedé triste, si muerta,
Tu que lo sabes lo juzga,
Que tantas vezes me hallaste,
Entre paracifmos muda.
Mas pensando en los agrabios
Tanto me venció la furia,
Que admitti divertimientos,
Veras amorosas nunca.

Despues.

Despues de un lustro de ausencia,
Despues de tanta fortuna,
El que negava respuestas
Me haze agora preguntas.

Matarme quiere de nuevo,
Porque como al fin se occulta,
No teme ser homicida,
Y mas de vida que es fuya.

Yo, que fugeta me veyo
A correspondencias justas,
De un hombre, que con finezas
Triunfar de mi amor procura.

Renovadas las heridas,
No sé, que elija confusa,
Si buscar a quien me dexa,
Si dexar a quien me busca.

Si asseguro quien me olvida,
Si olvido quien me asegura,
Obedesco a mis deseos,
Pero fugetome a culpas.

Si me usurpo a lo que adoro,
Si venço lo que triunfa,
En vida tan peligrosa
Queda la muerte segura.

O' dame consejo, Nise,
Si de que muera nó gustas,

Que

Que siento perder la vida
 Entre imposibles, y dudas.
 Iguales son por lo noble
 Estas sublimes columnas,
 Mas ay, que la que yo quiero
 Dureza al marmol usurpa.
 Y puesto que las mudanças
 El primer amor disculpa,
 En ingratitud tan clara
 Queda la opinion escura,
 Dime, que haré, Nise mia,
 Dime, pues mi pena escuchas,
 Si amaré dissimulada,
 Si seguiré resoluta.

R O M A N C E.

Como pensaré Salicio,
 Que te lastiman mis penas,
 Si quando mas las conoces,
 Mas los alivios me niegas.
 Como tus falsas palabras
 Juzgaré por verdaderas,
 Si al fin a tantos engaños
 Desmienten las evidencias.

Amar,

Amar, y negar alivios,
Son dos razones oppuestas,
Que piedad, y tyrannia
Nunca corrieron parejas.
Si me confieffas amor,
Si adoracion me confieffas,
Como descubro delictos,
Quando presumo finezas.
Tres vezes se murio el dia,
Tres siglos ay que estoy muerta,
Sin que permitas al alma
La gloria de ver tu letra.
Que amor ingrato es el tuyo,
Si con tan injustas muestras
Tyrannias executas,
Quando prometes clemencias,
O' dexa de assegurarame,
O' de maltratarme dexa,
Que traz esperadas glorias,
Son mas sentidas las penas.
Y si por desconfiarme,
Tus palabras nó respetas:
Advierte, que mis pezares
Son de tu verdad offensas.
No lo que dizes agravies,
No lo que afirmas desmientas,
Que

Que al fin con lo que me matas,
Tu mismo valor afrentas.
O' siempre firme me anima,
O' cruel me desalienta,
Que no es bien que la inconstancia
Tanta perfeccion offenda.
Mas ay, que muy bien alcanço,
Que son venturas ajenas,
Tantos favores de burlas,
Tantos agravios de veras.
Bien se que nó te permiten
Amorosas assistencias
Usurpar horas al gusto,
Para pagar una deuda.
Ay, que mal haze, Salicio,
Quien entre ciertas sospechas
Adoraciones publica,
Perseverancias ostenta.
Mas ya, que tu mismo dizes
Entre ficciones discretas,
Que enriquece un desdichado
Con lo que un dichoso dexa.
No niegues a mis desdichas
Esta devida riqueza;
Que quien lo mucho no alcança,
Con lo que es poco se alegra.

ROMANCE.

Dulce Oraculo del alma,
Que a lo que digo respondes,
Como de dudas me livras,
Si en nuevas dudas me pones?
Si gustas de que te quiera,
Si quieres que al fin te adore,
Como permites agrávios?
Como consientes primores?
Tibiezas son, no finezas,
Licencias tan desconformes,
Que amor sin algo de zelos,
Quien por amor le conoce?
El dueño, que ya forçoso
Le hazen obligaciones,
Aun que no logre verdades,
Es fuerça, que prendas logre.
Y puesto que el alma es tuya,
Offrecen las ocasiones
Talvez costosas offensas
Entre forçosos favores.
Ay mira ingrato Salicio,
Que augmentas mis confusiones,
Pues

Pues si el amor no te offende,
Offenden-te los amores.
Pero que digo! Bien hazes,
Permite las divisiones,
Que mortificarme el gusto
Son los castigos mayores.
Yo tomarè tu consejo,
Yo tratarè con ficciones
Las ancias mas verdaderas,
Las veras mas superiores.
Mas advierte, dueño mio,
Que temo, que se malogren
Mis amorosas finezas
Entre tus fieros rigores.
Por lo que si has de matarme,
Amor por mejor escoge
Morir despues de tormentos,
Que nó despues de favores.

ROMANCE.

BUelves la fineza culpa,
Amado bien de mi vida,
Por bolver castigo el premio,
Y la ventura desdicha.

La metáfora condenas
 De un nombre, que amor estima;
 Porque de tu dulce nombre
 La primera letra cifra.
 Ay ingrátissimo dueño,
 Que mal tu engaño acreditas,
 Pues amorosas finezas
 Condenas por tyrannias.
 Yo te llamé lo que sabes,
 Perdona si se me olvida,
 Que de nombre, que no es tuyo;
 Mal puede acordarse Silvia.
 Yo te llamé lo que ignoro,
 Porque en acciones precisas
 Engañase el pensamiento,
 Miente-se la fantasía.
 Que como tu no rebusas
 A correspondencias tibias,
 Pensar que así te llamavas,
 Bolviera el pezar delicia.
 Esta, Señor, fue la causa
 De los agravios, que afirmas,
 Este el delicto, que culpas,
 Este el error, que castigas.
 Si a lo que entiendes te usurpas,
Quien duda que siempre digas,

Que

Que fue grande ofensa tuya
La mayor fineza mia.

Todo la desdicha puede,
Que el poder de la desdicha
Buelve el merito defeto,
Buelve la verdad mentira.

Querida ingrata me llamas,
Ay que mal nombre me aplicas,
Pues tanto tengo de ingrata,
Como tengo de querida.

Que sabes amo de veras,
Tambien quexoso me explicas;
Si amar de veras es culpa,
Tu solo a mi me castiga.

En darte nombre de humano
Bien sé que anduve atrevida,
Que divinos atributos
Son para prendas tan dignas.

Deidad te llamaré solo,
Tu tambien deidad te firma,
Quedarás tu verdadero,
Y yo tambien advertida.

MADRIGAL.

EM fim fenece o dia,
Em fim chega da noite o triste espanto,
E não chega desta alma o doce encanto:
Em fim fica triunfante a tyrannia,
Vencido o sofrimento,
Sem alivio meu mal, eu sem alento,
A sorte sem piedade,
Alegre a emulação, triste a vontade,
O gosto fenecido,
Eu infelice em fim, Lauro esquecido.
Quem vio mais dura sorte?
Tantos males, amor, para huma morte?
Não basta contra a vida
Esta ausencia cruel, esta partida?
Não basta tanta dor, tanto receyo,
Tanto cuidado, ay triste, e tanto enleyo?
Não basta estar ausente,
Para perder a vida infelizmente,
Senaõ tambem cruel neste conflito
Me negas o foccorro de hum escrito?
Porque esta dor, que a alma me penetra,
Não ache o mayor bem na menor letra?

Ay, bem fazes, amor, tirame tudo,
 Naõ haja alivio naõ, naõ haja escudo,
 Que a vida me defenda,
 Tudo me falte em fim, tudo me offenda,
 Tudo me tire a vida,
 Pois eu a naõ perdi na despedida.

M A D R I G A L.

A Mor este desvelo,
 Este desasociado, este cuidado
 No pienes, que es enfado;
 Lisonja si, delicia, bien, consuelo:
 Porque si mientras velo
 Tal gloria folicito,
 Que en mi deidad, y tu poder medito.
 Quien duda, que es trofeo
 No rendir los sentidos a Morfeo.
 O' despertame, amor, que pues soñando
 Quedo, por varias causas discorriendo,
 Antes quiero por ti morir velando,
 Que con otra occasion soñar dormiendo.

MADRIGAL.

Que importa que la muerte
 De tus hermosos ojos me divida,
 Angelica homicida,
 Si a pezar de la muerte he de quererte?
 Que importa que de verte
 Me prive la fortuna,
 Si no tiene en mi amor accion ninguna?
 Que importa que la embidia,
 Que por matarme lidia,
 O' Lisi soberana,
 Te passe de benigna a ser tyranna?
 Si de mi firme amor lo portentoso
 Vence con lo constante lo embidioso,
 Serviendo de crisol a su firmeza
 De los mismos rigores la aspereza.
 Mas ay, que en vano intento
 Animar el valor para el tormento,
 Si basta solamente
 Imaginarme ausente
 Dessos tus bellos ojos,
 Para hazer que el poder de mis enojos
 Usurpando a mi amor la eterna palma
 Se atreva a lo immortal, y mate el alma.

MADRIGAL.

SI esféra foy del fuego,
Si Mongibelo foy, si ardiente Lybia,
Si quando estoy mas tibia
A diluvios de amor el alma entrego,
Como un favor te niego,
Dulce Sylvano mio,
Por tener coraçon elado, y frio.
Si sabes que este amor es mas perfeto,
Como juzgas el merito defeto,
Llamando resistencia
A lo que folamente es conveniencia:
Mas si tanto respeto no te agrada
Y llamas al decoro tyrannia,
Culpas me dá, Señor, de recatada,
Mas vituperios nó de amante fria.

MADRIGAL.

P Or affeitar engaños,
 Y negar la verdad de un claro indicio,
 Dixo a Silvia Salicio,
 Quando podran llegar tus defengaños
 A conocer mis daños?
 A quien Silvia responde, (de
 Quando el tiempo, Pastor, q̄ nada escon-
 Mostrarè, que tu fé pura
 No tiene por objecto otra hermosura.
 O' rara maravilla, ó caso raro!
 Que apenas vino a terminarse un dia
 Quando el tiempo mostró, como tan cla-
 Que a Filena Salicio pertendia. (ro,



POESIAS VARIAS

DE

SOROR VIOLANTE

DOCEO,

A ELREY

D. JOAÕ IV.

SYLVA.

SE para conseguir eterna gloria,
 Talvez, ó Musa indina,
 Desejaste de Apollo a voz divina?
 Se por temer dos tempos a vitoria
 Sentiste justamente
 Naõ ter genio sutil, voz eminente?
 Agora que na esféra Lusitana
 Reyna o Sol Portuguez, deidade huma-
 Depoem com justo alento, (na,
 Depoem, depoem desejo, e sentimento,
 Que para eterno aplauso conseguires,
 Basta

Basta que de prazer hoje delires:
Pois he do entendimento abono digno,
Sogear-se esta vez ao desatino,
E mostrar a taõ regia Monarquia,
Que naõ cabe no fizo esta alegria.

Começa pois, ó Musa,
A delirar cantando,
A cantar delirando,
E vencendo os impulsos de confusa,
Alegre, e reverente,
O primeiro delirio de contente,
Seja atreverte a tanto,
Que tomes por assumpto de teu canto,
A mesma immensidade,
Na excelsa magestade
Deste Monarca invito,
Cujo nome entre os Astros vive escrito,
E cujo valor raro (paro.
Hoje he gloria do Ceo, do Mundo am-
Rendido estava o Reyno Lusitano,
O' Monarca famoso, e soberano,
A' mayor tyrannia,
Que via do seu throno o Rey do dia:
Rendido estava ao gofsto
De quem dando motivos a desgosto,
Só neste rendimento

Naõ

Naõ queria que houvesse detrimento;
Quando toda a Nobreza,
Lustre da Monarquia Portugueza,
Vos fez restaurador das liberdades,
Vos fez libertador, naõ das vontades,
Pois estas mais cativas,
Dando á vossa grandeza immensos vivas,
De sorte a vosso amor se fogueitaraõ,
Que todas igualmente festejaraõ,
Sem valerse de affecto lisongeiro,
Muy mais que a liberdade o cativeiro:
Porque se bem ha tanto,
Que com felice encanto
De partes, e grandezas,
Sois senhor das vontades Portuguezas,
Hoje a nosso favor mais obrigadas
As cadeas de amor tem duplicadas,
E com ellas as glorias
De passarem de occultas a notorias:
Pois he para quem ama de verdade
Dura calamidade,
Pena, que a toda a pena leva a palma;
Occultar muito tempo affectos d'alma.

Mas se sempre a corrente reprimida
Depois de defatada
Passa de reprimida a duplicada;

Quem

Quem duvida, Senhor, que despedida
A corrente de amor, que tantos annos
Reprimiraõ do tempo os graves danos,
Saya com tal augmento,
Que passe de excessiva a ser portento,
E chegue a tal extremo de infinita,
Que com vosso valor talvez compita;
Porque tambem no tempo da clemencia
Degenere de aggravo a competencia.
Decreto foy, Senhor, da excelsa mente,
Que sempre a vossas cousas favoravel,
Se fez, por exaltarvos, imitavel,
Que viesseis remir a Lusa gente,
No mesmo tempo, em q̃ a remir o Mũdo
Veyo tambem dos Tres o q̃ he Segundo:
Porque se bem grandezas infinitas
Naõ podem compararse com as infinitas,
A's vezes Deos com estas
Faz aquellas, Senhor, mais manifestas:
E assi quiz que no tempo em que benino
Unio ao ser humano o ser Divino,
Por vir como Monarca verdadeiro
A libertar do Mundo o cativeiro,
Viesseis vós tambem com tal piedade
A restaurar da Patria a liberdade;
Porque contemplativo o pensamento,
Em

Em hum, e outro advento,
Rastejasse o Divino pelo humano,
Contemplando no gosto Lusitano,
Que se vem restaurando liberdades,
Levantando humildades,
Ostentando lhanezas,
Advertindo finezas,
Occasionando glorias,
Outorgando mercês, dando vitorias,
Hũ Rey, q̃ humano he, se bem taõ digno,
Que faria, Senhor, hum Rey Divino.

O' vivey graõ Monarca,
Vivey, vivey taõ dilatados annos,
Que em quanto houver humanos
Respeite o vosso nome a dura Parca.
Vivey taõ felizmente,
Que o mais remoto clima do Oriente
Sogeito a vosso nome
Só em vosso serviço as armas tome.
Jaçtando-se o Africano mais contrario
De ser a vosso Imperio tributario;
E em fim do mesmo modo
Rendido a vossos pés o Mundo todo,
Diga: O' Rey, sem segundo,
Que ainda para vós he pouco o Mundo.
E vós,

E vós, ó Lusitanos valerosos,
Que por ficar em tudo mais famosos,
Quizestes ser fogeitos a hum fogeito,
Que era taõ incapaz de ser fogeito:
Vós, que solicitando eternidades,
Quizestes em favor das liberdades
Resuscitar os inclytos valores,
De vossos generosos anteriores:
Logray eternidades a ventura,
Que o mesmo Rey do Ceo vos assegura,
Tributando finezas,
Adoraçoens, vitorias, e proezas
A hum Rey, q̃ com benignos attributos,
Só desta qualidade quer tributos.

Logray taõ grande gosto,
E conquistando o clima mais opposto,
Servi, servi ditosos
A quem faz os trabalhos deliciosos,
Porque publique a fama,
Que só sabe servir quem muito ama;
E que para excitar a diligencia
Póde mais a vontade, que a violencia.
Servi ditosamente,
Porque diga a razaõ de gente em gente,
Vendo que sem temerdes intervallos
Vosso valor o mais distante abarca,
Que

Que para taes vassallos tal Monarca,
E para tal Monarca taes vassallos.

E tu, Patria felice,
Que para ser em tudo portentosa
Benemerita foste, e venturosa;
Tu, que atraz tantos annos de infelice;
Por singular favor do Rey supremo,
Passaste de hũ extremo a outro extremo;
Se atégora, por seres na grandeza,
Na pompa, e na riqueza
A maravilha oitava,
Toda a terrestre esféra te invejava,
Agora que te habita
Hum Rey, que até delirios acredita,
E por diversos modos
A todos favorece, e ampara a todos,
Benigna, e não sevéra
Te invejará do Sol a propria esféra.

A O P A D R E
ANTONIO VIEIRA

PREGANDO DO NASCIMENTO

D E

N. SENHORA

No Convento da Rosa.

S Y L V A.

A Spirar a louvar o incomprehenſivel
 He fundar o deſejo no impoſſivel,
 Reduzir a palavras os eſpantos
 Detrimento ſerá de excessos tantos,
 Dizer do muito pouco,
 Dar o juizo a creditos de louco.
 Querer encarecervos,
 Eleger os caminhos de offendervos.
 Louvar diminuindo,
 Subir louvando, e abaixar ſubindo.
 Deixar tambem cobarde de louvarvos
 Será muy claro indicio de ignorarvos.
 Fazer a tanto impulso resistencia,
 Pôr o conhecimento em contingencia,

Deli-

Delirar por louvar o mais perfeito,
 Achar a perfeição no que he defeito,
 Empreder aplaudir tal subtileza,
 Livrar todo o valor na mesma empreza,
 Errar exaggerando,
 Ganhar perdendo, e acertar errando.
 Siga pois o melhor indigna Musa,
 E deponha os excessos de confusa,
 Que para acreditarse
 Basta, basta o valor de aventurar-se;
 E para vos livrar de detrimento,
 Ser vossa a obra, e meu o pensamento:
 Pois não fica o valor aniquilado,
 Sendo meu o louvor, vós o louvado;
 Porque somos os dous no intelligivel,
 Eu ignorante, e vós incomprehensivel.

Com tanta erudição, tal excellencia,
 Espirito, valor, graça, eloquencia:
 Doçura, e energia
 O natal celabraftes de Maria,
 Que passando vós praça de portento,
 Fizestes mais feliz tal nascimento,
 Pois ser de tal discurso exaggerado,
 O felice deixou mais duplicado:
 Porque se bem nasceo tão bella Rosa,
 Para tantos excessos de ditosa,

Se

Se bem nasceo para louvores de Anjos,
 Cherubins, Serafins, Santos, e Archanjos,
 Nascer para o louvor tão grãde engenho
 Foy tambem da ventura hũ desempenho.
 Pois sendo tudo aplausos soberanos,
 Competem c'os divinos os humanos.
 Louvando em fim quanto Maria encerra
 As Deidades no Ceo, e vós na terra.

He vosso entendimento
 Felice suspensão do pensamento,
 Vossa doce elegancia
 Cifra da mais perfeita consonancia:
 Vossa graça excessiva
 A pedra de cevar mais attractiva:
 Vosso saber profundo
 Portentoso exemplar de todo o Mundo:
 Vossa agudeza rara
 Delicia do discurso, altiva, e clara:
 Vosso estylo famoso
 Agradavel motivo do invejoso:
 E em fim vosso juizo soberano
 Credito do Divino, honra do humano.
 O' vivey para assombto das idades,
 Gosto das Magestades,
 Extasis dos sentidos,
 Prodigio dos nascidos,

Excesso

Excesso dos passados,
 Vivey para motivo dos agrados,
 Objecto de louvores,
 Archivo dos favores,
 Compendio de excellencias,
 Vivey para modello de eloquencias,
 Thefouro de elegancias:
 E se minhas grosseiras ignorancias
 Tem sido dilatadas,
 Deixay-as castigadas;
 Mas confessay, doutissimo Vieira,
 Que se ignorante sou, sou verdadeira.

AO PADRE
FR. DINIZ
 DE LANCASTRE,

*Prégando o Mandato no Convento do Sa-
 cramento.*

CANÇÃO.

SE igual á suspenção fora a sciencia,
SE á vossa perfeição minha outadia,
 Eu louvara, Senhor, tanta eloquencia,
 Eu, louvara, Senhor, tanta energia:

Mas

Mas como de taõ rustica Thalia
 Offendem como culpas os louvores,
 He força, que os temores
 Possaõ mais que os agrados,
 E que na suspenção de meus cuidados
 Livre os applausos todos;
 Pois por diversos modos
 Tanto vossõ saber se immortaliza,
 Que só quem se suspende o solemniza:

Taõ raro, taõ sutil, taõ elegante
 Exaggerais o amor de hũ Rey sagrado,
 Que explicando de Deos o mais amante,
 Multiplicais em vós o mais amado:
 Porque nos pensamentos levantado,
 Na erudição a todos preferido,
 Nos conceitos subido,
 Tanto admirais prégando,
 Que a mesma emulação vos fica amando:
 Effeito portentoso,
 De engenho taõ famoso,
 Pois para que mais raro em tudo seja,
 Introduzis amor na mesma inveja.

Compendio sois de partes soberanas;
 O' defensor tambem das sacras Quinas,
 Pois só em vós as perfeiçoens humanas
 Presumem imitação com as Divinas:

Digaõ as que no Mundo saõ mais dinas,
 Nobreza, gentileza, engenho, e arte;
 E logo da outra parte
 As que o Ceo mais estima,
 E com que tal valor mais se sublima,
 Que saõ virtudes raras,
 Excellencias preclaras,
 Acçoens, com que ficais taõ peregrino,
 Que raro sois no humano, e no Divino.

Com tanto amor, affecto, e diligencia
 Dous Reys servis, em tudo superiores,
 Que acreditais cõ a mesma experiencia,
 Que se póde servir a dous Senhores:
 Pois adquirindo de ambos os favores,
 A Deos, e a Joaõ Quarto servis tanto,
 Que sem faltar ao Santo,
 Exerceis o estadista,
 Vinculando as vitorias na conquista,
 E sendo no forçofo
 Soldado, e Religioso, (ra,
 Pois fazendo a Philippe, e a Lusbel guer-
 Obrigais juntamente o Ceo, e a terra.

Oh jacte-se, Senhor, o Lusõ Imperio
 De ser de tal valor a Patria chara,
 Em quanto no Apostolico hemisferio
 O capello melhor se vos prepara.

Publi-

Publique que sois digno da Thiara,
 A fama, que veloz o Mundo gyra:
 E se de quem delira
 Absorta em tal grandeza,
 Vos parece delicto o que he fineza,
 Consideray benino,
 Adverti peregrino,
 Que he de tal delirio, e tal defeito
 Merito a causa, se delicto o effeito.

A D. JOAÕ

MASCARENHAS DE LANCASTRE,

Concorrendo para a festa do Bautista.

CANC, AÕ.

Illustre presunção do sangue illustre,
 Portento generoso,
 Credito do valor, da Patria lustre,
 Acates no fiel, Marte no iroso,
 Epilogo famoso
 De tudo o que se admira dividido,
 Por unico applaudido,

Dd 2

Por

Por singular amado,
 Por liberal de todos admirado,
 Em fim de raro em tudo,
 Do Mundo admiração, da Patria escudo.

Com justa causa, ó Jove Lusitano,
 Que Portugal venera,
 Benevolo no aspecto soberano,
 A sua vos entrega excelsa esféra,
 Porque em nenhum podera
 Empregar-se melhor favor taõ raro,
 Que em vós, ó Herôe claro,
 Pois sois em fim taõ digno,
 Que por fiel, por sabio, por benigno,
 Por nobre, e por valente
 Vos reconhece, e adora toda a gente.

Aquelle ao mesmo Deos taõ parecido,
 Compendio de excellencias,
 Com quem não fica igual nenhũ nascido,
 Pois só com o mesmo Deos tem compe-
 Benignas diligencias (tencias,
 Vos satisfaza sempre taõ benino,
 Que de hum Joaõ Divino,
 E outro Joaõ humano
 Proceda o vosso augmento soberano,
 Pois he, se amor não erra,
 Hum o mayor do Ceo, outro da terra.

AO PADRE
FR. ANTONIO
DE CASTRO,
Prégando do Baptista.

CANCION.

SI para exagerar tu entendimiento,
O' Joven peregrino,
Fuera mi voz la del mayor portento,
Que canoro admiró, cantó divino;
Si de tan alto assunto fuera dino
Mi ingenio limitado,
Que aplausos te rendiera mi cuidado?
Que hiperboles, q̄ encomios, q̄ trofeos
Nó hallara tu saber en mis empleos?
Pues deponiendo todos
Lo fueras de mi voz por varios modos,
Haziendonos eternos en un punto,
A ti la perfeccion, a mi el assunto.
Mas ya que no es possible exagerarte,
Ni menos comprehenderte,

Por

Por faltarme, Señor, ingenio, y arte,
Por faltarme, Señor, ventura, y fuerte,
Succeda al admirarte el offenderte,
Y atreva-se mi pluma
A reduzir lo immenso a breve suma,
Tratando de tus raras discreciones
En todo tan immensas,
Que seran los hiperboles offensas,
Pues cada qual les quedará tan corto,
Como oyendo tu voz el mundo aborto,
Tan soberanamente predicaste
De aquella voz Divina,
Que al passo, que las almas admiraste,
Obligaste la Essencia Unica, e Trina;
Porque como al Aurora peregrina
Del gran Baptista Santo,
La Trinidad Divina estima tanto,
Quien mas sus excelencias nos refiere,
Mas del supremo Rey la gracia adquiere:
Pues muestra que le imita,
Quando mas de Baptista se acredita,
Y que huyendo del daño mas acerbo,
Quando alaba la voz, obliga el Verbo.
Oh vive para gloria del Baptista
Garçon illustre, y claro,
Y tanto su valor contigo asista,

Que.

Que tengas de feliz lo que el de raro.
 Grave tu excelso nbre en marmol Paro
 La fama reverente,
 Si bien el firmamento es mas decente:
 Pues para eternizar tu luzimiento
 Ha de ser siempre firme el firmamento:
 Y porquemas se nombre,
 Bien es que se autorize con tu nombre,
 Teniendole tambien por feliz Astro,
 Pues mas luz le dará tu nombre Castro.

A O P A D R E

FR. DOMINGOS

DE SANTO THOMA'S,

*Prégando do Desaggravo de Christo Sacra-
 mentado pelo caso de Santa Engracia.*

C A N C I O N .

A Quella suspension tan bien nacida,
 Que tuvo por origen tu eloquencia,
 Oy en atrevimiento convertida
 Applauso intenta ser a tu excellencia;
 Mas

Mas como de tu sciencia
 Un atomo nó alcança,
 Con justa causa temo,
 Que la misma alabança de su extremo
 Se rinda a tal mudança,
 Que offensa te parezca, y no alabança.

Abforta te escuché; mas loca ostento
 Tan vana presuncion, audaz jaçtancia,
 Que despues de escuchar tu entendimiẽ-
 Solicito que escuches mi ignorancia: (to
 Advierte a que distancia
 Aspira mi cuidado,
 Pues tras oyrte abforto
 Procura con estylo indigno, y corto
 Que me escuche aplicado
 El que solo nasció para escuchado.

Peró quien ha de haver q̄ consiguiendo
 La gloria de escucharte discursando,
 No quede tus discursos aplaudiendo,
 Aunque quede aplaudiendo delirando?
 Quien ay, que predicando,
 Remonte tanto el buelo,
 Como tu ingenio raro,
 Por cuyo dulce estylo excelso, y claro
 Deve llamarte el suelo
 Interprete de Dios, lengua del Cielo.

Con

Con tanta erudicion, tal sutileza
El caso mas horrendo exageraste,
Que al imperio feliz de tu agudeza,
Todas las atenciones sugetaste.
De suerte predicaste,
Que aspira a competencia
La honra con la injuria;
Porque si ciego error, barbara furia
Ocasionó la ausencia,
Tu creciste el honor con la eloquencia.

Pinta la antigüedad aquel Thebano,
Si bien donde tu estás con razon poca,
Por denotar su ingenio soberano,
Saliendole cadenas de la boca;
Mas solo a ti te toca,
En fé de tus razones,
Pintura tan notable,
Pues con erudicion tan admirable
Produzes suspensiones,
Que todas tus palabras son prisiones.

Tan singular en fin, tan peregrino,
Theforos de elegancias comunicas,
Que parece, que espirito divino
Te dicta aquello mismo, que predicas.
De suerte en fin explicas
Tus sutilezas raras,

Que

Que por razones muchas
 Imagino talvez que no te escuchas;
 Porque si te escucharas,
 Enlevado en ti mismo te quedaras.

Cancion, nó más, q̄ ha sido atrevimien-
 Con terreno instrumento, (to
 Sobre terreno indino,
 Alabar un ingenio tan divino.

A' M O R T E
 D E
 F R. M A N O E L
 F A G U N D E S,
 M I N I S T R O D A T R I N D A D E,

Em nome de huma sua irmãa.

C A N Ç A M.

S E quem vive no Ceo, se quem na terra,
 Sempre candido foy, sempre amoroso,
 Cruel não deve ser, por mais benino,
 Escuta, amado irmão, a dor, que encerra
 O peito mais amante, e lastimoso
 No transe mais cruel de seu destino:

Que

Que se como imagino

Taõ licita memoria se consente

Nesse Reyno, que habitas, soberano,

Bênigno escutarás, se amaste humano,

Huma infelice irmãa, que chora ausente

Taõ largo apartamento,

Com ays de mil a mil, e cento a cento.

Cortoute a Parca em flor, deixou-me, ay

Sem vida, sem remedio, sem ventura *(triste!)*

Em lagrimas, suspiros, e tormentos.

Tu foste possuir o que adquiriste

Com taõ Divino amor, com se taõ pura,

Sacrificando a Deos os pensamentos;

Mas eu que taõ violentos

Pezares adquirir nesta partida,

Em abyssos fiquey de pena féra,

Donde o que mais me cança, e desespera

He ver que entre desgraças dura a vida,

Ay infelice sorte,

Que das desgraças fuja a mesma morte!

Ditolo tu mil vezes, que chegaste

A ver do eterno Sol a fermosura,

Sem nuvem, q se opponha a luz taõ clara.

Ditoso tu mil vezes, que trocaste

Por taõ fermoso dia a noite escura,

E por taõ rica dita a sorte ayara:

Quem

Quem tanto bem lograra,
Que verte nesse estado merecera,
Se não para lograrte, para verte;
Posto que acharte assim para perderte
Duplicado pezar depois me dera.
Mas ay, que não mereço
Alivio conseguir no que padeço!

O' tu supremo bem, sacra Deidade,
Que com alto poder, secreta idéa
Vida, e morte decretas juntamente,
Pois neste immenso mar de faudade
Deixaste huma infeliz de pena chea,
Ausente d'alma em fim, da vida ausente:
Permitte mais clemente,
Que os passos vá seguindo do que adoro,
Pois sabes, que esta vida, que me deixas,
Só servirá, Senhor, de eternas queixas;
Pois he para quem vive em tanto choro
Com pena dilatada,
A vida aborrecida, a morte amada.

A J O R G E

D A C A M A R A

Em louvor das suas Fabulas.

D E C I M A.

SE com fingidas deidades
Venceis as celestes lyras,
Quem taõ bem canta mentiras;
Como cantará verdades?
Adquirindo eternidades,
Taõ bem cantais o enganoso,
Que quem ouve o portentoso
De canto taõ lisongeiro,
Mais que a nenhum verdadeiro
Vos quer a vós fabuloso.

AO CONDE DOS ARCOS

*Descrevendo em verso a morte de
uma borboleta.*

D E C I M A.

AVE, que tuvo tal suerte,
 Por ser su propria homicida,
 Bien hizo en dexar la vida,
 Bien hizo en buscar la muerte:
 Porque si bien lo mas fuerte
 Fue medio de ser dichosa,
 Queda por vós tan famosa,
 Que repitiendo lo ardiente,
 La Fenix mas excellente
 Quisiera ser mariposa.

A DIOGO FERREIRA

DE FIGUEIROA,

*Pelo seu livro Theatro da mayor
gloria Portugueza.*

D E C I M A.

SOis artifice, e figura
 De Theatro taõ perfeito,
 Que imita em naõ ter defeito
 A' celeste architectura.
 Representando a ventura
 Do Luto mais celebrada,
 Tanto a fazeis admirada,
 Tanto a deixais applaudida;
 Que se alegrou succedida,
 Suspende representada.

A' SENHORA
D. MARIA
DE LIMA,

Pedindo-lhe huns reposteiros.

DECIMA.

Q Uer a Sacristãa da Rosa,
O' prodigio do Univerſo,
Que veja te alcança o verso,
O que não alcança a prosa:
E assim, se bem temerosa
Desses divinos luzeiros,
Peço com versos grosseiros,
A pezar de mil apostas,
Que em vez de dar-me repostas,
Me queirais dar reposteiros.

*Abum Doutor, que chamou à Autho-
ra em huns versos, que lhe fez:
Viola flor, e instrumento.*

DECIMA.

Contradizer á hum Doutor
Bem sey, que he temeridade,
Porém com huma verdade
Quero pagar hum louvor:
Nem instrumento, nem flor
Sou, porém se o posso fer,
Ninguem trate de emprender
O que não ha de alcançar;
Pois nenhum me ha de tocar,
Pois nenhum me ha de colher.

A' eleição de hum Prior de S.
Domingos.

DECIMAS.

I.

T Em-me taõ desvanecida
Sugeiçaõ taõ venturosa,
Que sendo a mais respeitosa,
Sou hoje a mais atrevida:
Mas estou taõ presumida
De verme subdita vossa,
Que naõ he muito que possa
Festejar com tal excesso
Por vosso o melhor successo,
A mayor dita por nossa.

II.

Mas se hey de fallar verdade;
Senhor, em metrico assento,
O vosso merecimento
He mayor, que a dignidade:
Igual á capacidade
De vosso illustre fogeito

Espero

Espero vervos eleito;
 Pois para que assim vos veja
 Não pode a mayor inveja
 Acharvos nunca defeito.

III.

O cargo de ser Prior
 Não vossas partes melhora,
 Que se Prior sois agora,
 Sempre fostes superior:
 Oh não trateis com rigor
 Affecto taõ permanente!
 Mas se o delirio presente
 Não tem desculpa bastante,
 Tende-me por delirante,
 Mas sabey, que estou contente.

A D. LEONARDO
 DE S. JOSEPH,
 Conego Regular.

D E C I M A S.

Vosso nome soberano,
 O' Cisne de aplausos dino;
 Ou professou de divino,
 Ou degenerou de humano:
 Ee 2 Porque

Porque vencendo o Thebano,
 Que as mesmas pedras vencia,
 Tal exercita harmonia,
 Que ficando sem segundo,
 Mais que de filho do Mundo
 Parece de pay do dia.

II.

Logray, pois eterna idade
 Engenho taõ peregrino,
 Porque pareça divino
 Tambem na immortalidade:
 Acredite a divindade
 O immortal, e o soberano;
 Pois por viver mais ufano
 Ostenta hum ser taõ moderno,
 Muitos indicios de eterno,
 Em poucos annos de humano.

AO P. PROVINCIAL

FR. ALVARO
DE CASTRO.

TERCETOS.

SE a tanta occupaçoã tanto cuidado
Usurparvos podeis hum breve instante,
O' sagrado Pastor, ó graõ Prelado:

Se o pezo de hum governo vigilante,
Em que vos poz, Senhor, a dita nosla,
Divertir vos permite do importante:

Ouvi da mais indigna serva vossa,
Naõ louvores iguaes a tal fogeito,
Que em fim naõ póde haver quẽ tanto po

Delirios si nascidos de respeito; (sta
Se bem quem respeitando-vos delira,
Merito faz, Senhor, o que he defeito.

Oh quanto do respeito se retira
Quem acerta fallar a superiores!

Oh quanto acerta só quem só se admira!

Tanto

Tanto tem de delictos os louvores,
 Se limitados são, tanto de offensas,
 Quanto té os fogeitos de mayores. (las,
 Vossas partes, Senhor, são quasi iminen
 Louvallas pouco he, offendellas muito;
 Tratay castigos, preveni defensas.

Sois da mais regia pláta excelso fruto,
 Taõ noble, taõ illustre, taõ preclaro,
 Como se vê de Castro no attributo.

Sois da mesma virtude exemplo raro,
 Taõ singular em tudo, e taõ perfeito,
 Que só com vosco mesmo vos comparo.

O' f-lice mil vezes o fogeito,
 Que da nobreza herdada, e da adquirida
 Litigantes iguaes tambem tem feito.

Se foy vossa prudencia conhecida,
 Diga-o a eleição da dignidade,
 Anticipada sim, mas merecida.

Naõ consiste o valor na muita idade;
 Vossas partes são mais que vossos annos:
 Oh vossos annos conte a eternidade.

Vossos antecessores soberanos
 Tanto fação por vós na Emyreia Corte,
 Que eterno pareçais entre os humanos.

Respeite o voffo nome a mesma morte
 E tenha sempre a esféra Dominica

Há

Hu sacro Atlante em vós, hũ sacro norte.

O sagrado Gulmaõ vos communica
 O mesmo officio seu: quem naõ conhece,
 Que o seu mesmo edificio em vós fabrica
 Elle pois, que de luz vos enriquece,
 Vos mostre sépre o q̄ he paixão, ou zelo,
 Pois talvez a paixão zelo parece.

Vós q̄ sois da prudencia igual modello
 Vede, vede, Senhor, benignamente,
 Que vay muito de o ser a parecello.

Castigay com brandura o delinquēte;
 Possa mais a piedade, que a justiça:
 Naõ tenhais por zeloso o maldizente.

O' quanto arrisca a vida hũa injustiça!
 Nunca falta, Senhor, sempre sobeja,
 Quem provoca o rigor, a furia atica.

Naõ seja agora assim, Senhor, naõ seja;
 A piedade triunfe á vossa vista,
 Fuja, fuja o rigor, fuja a inveja,
 E dizey vós tambem: Viva o Bautista,

F I M.